



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Bauru

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação  
Programa de Pós- Graduação em Comunicação  
Linha de Pesquisa: Processos Midiáticos e Práticas Sociais.

Caroline Gonçalves Taveira

**O SEMANÁRIO *BUNDAS* E O JORNALISMO ECONÔMICO.**

Bauru

2014

Caroline Gonçalves Taveira

**O SEMANÁRIO *BUNDAS* E O JORNALISMO ECONÔMICO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Comunicação, desenvolvido sob orientação do Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente.

Bauru  
2014

Taveira, Caroline Gonçalves.

O semanário Bundas e o Jornalismo Econômico/  
Caroline Gonçalves Taveira, 2014

148 f.

Orientador: Maximiliano Martín Vicente

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual Paulista.  
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, FAAC,  
Bauru, 2014

1. Imprensa alternativa 2. grande imprensa; 3.  
Bundas; 4. jornalismo econômico 5. humor. I.  
FAAC/Bauru. II. Título

Caroline Gonçalves Taveira

**O SEMANÁRIO *BUNDAS* E O JORNALISMO ECONÔMICO**

**Área de Concentração: Comunicação Midiática**

**Linha de Pesquisa 1: Processos midiáticos e práticas socioculturais**

**Banca Examinadora:**

**Presidente/Orientador: Prof. Dr. Maximiliano Martín Vicente**

**Instituição: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – UNESP/Bauru**

**Prof. Dr. Murilo Cesar Soares**

**Instituição: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – UNESP/Bauru**

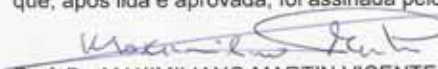
**Prof. Dr. Rozinaldo Antonio Miami**

**Instituição: Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação  
Comunicação e Artes, Departamento de Comunicação.**

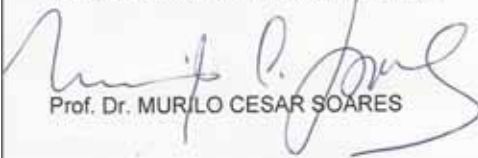
Bauru, 22 de Agosto 2014.

**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE CAROLINE GONÇALVES TAVEIRA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DO(A) FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICACAO DE BAURU.**

Aos 22 dias do mês de agosto do ano de 2014, às 14:30 horas, no(a) Auditório dos Programas de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. MAXIMILIANO MARTIN VICENTE do(a) Departamento de Ciências Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Prof. Dr. ROZINALDO ANTONIO MIANI do(a) Departamento de Comunicação / Universidade Estadual de Londrina, Prof. Dr. MURILO CESAR SOARES do(a) Departamento de Ciências Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de CAROLINE GONÇALVES TAVEIRA, intitulada "O Semanário Bundas e o Jornalismo Econômico". Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

  
Prof. Dr. MAXIMILIANO MARTIN VICENTE

  
Prof. Dr. ROZINALDO ANTONIO MIANI

  
Prof. Dr. MURILO CESAR SOARES

*Este trabalho é dedicado à minha família - meus pais, Carmen e Gildo, a minha irmã Ananda e especialmente ao meu namorado Flávio. Porque vocês são o meu suporte e me acompanham a cada conquista.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pela força e fé na condução do meu trabalho.

Aos meus pais e irmã, por todo o apoio que me ofereceram e me oferecem ao longo dessa jornada que é a vida acadêmica.

Ao Flávio, pelo amor e companheirismo, por estar ao meu lado sempre e me estimulando a nunca desistir dos meus sonhos. Por acreditar no meu potencial ao me presentear com todas as edições de *Bundas*, tornando minha pesquisa possível.

Ao professor Max, tão querido e solícito, que fez com que eu nunca desistisse mesmo nos momentos de maior dificuldade. Pelas orientações, sempre valiosas que fazem com que eu cresça e me torne cada vez mais capaz de seguir a carreira acadêmica.

À Fapesp, pelo apoio financeiro na condução de minhas pesquisas, apoio esse que fez com que eu pudesse levar o mestrado adiante com muito mais empenho.

*“Imaginar um jornalismo econômico que se exclua da sociedade e da política é negar-lhe a cidadania. É trabalhar para que o país adie o conhecimento de suas potencialidades, competências, peso relativo no mundo e até mesmo sua identidade nacional.”*

(Basile, 2002, p.89)

## RESUMO

Esta dissertação procura analisar as formas de exercício do jornalismo econômico, com o objetivo de mostrar como este pode se tornar compreensível a qualquer público leitor. Ao longo dos capítulos, dentre teorias e análises, buscamos denotar como a imprensa alternativa pode contribuir para facilitar a compreensão da informação econômica e deixá-la ao entendimento não só de pessoas envolvidas no universo econômico, como também àqueles leitores que não estão familiarizados com os jargões do jornalismo econômico.

Mediante ao exposto, vimos no semanário *Bundas*, periódico considerado alternativo e que circulou no final dos anos de 1990, um meio que facilitou a leitura dos textos sobre economia. Partindo de um estudo textual, inspirado na Análise de Conteúdo de Bardin, o intuito do trabalho é mostrar que é possível realizar a prática do jornalismo econômico sob o ponto de vista alternativo, evidenciando que esses podem levar informação ao público leitor de maneira muito mais atrativa e compreensível do que os grandes veículos impressos.

**Palavras-chave:** imprensa alternativa; jornalismo econômico; *Bundas*; grande imprensa e humor.

## **Abstract**

This dissertation analyzes the ways of exercising economic journalism, aiming to show how this can become understandable to any readership. Throughout the chapters, among theories and analyzes, seek denote as the alternative media can help facilitate economic understanding information and leave it to the understanding not only of people involved in the economic universe, as well as those readers who are unfamiliar with the jargon economic journalism.

By the above, we have seen in the weekly *Bundas*, considered alternate periodic and circulated in the late 1990s, a medium that facilitated the reading of the texts on economics. Starting from a textual study, inspired by the Content Analysis Bardin, the aim of the paper is to show that it is possible to perform the practice of economic journalism under the alternative point of view, showing that these can bring information to the public in a much more attractive way player and understandable than the big print media.

**Key-Works:** alternative press; economic journalism; Bundas; mains tream press and mood.

## **TABELAS**

|          |                                        |    |
|----------|----------------------------------------|----|
| Tabela 1 | Desemprego/Média Anual.....            | 48 |
| Tabela 2 | Crescimento do PIB de 1995 a 2002..... | 48 |

## **QUADROS**

|          |                                                        |     |
|----------|--------------------------------------------------------|-----|
| Quadro 1 | Matérias que tratam de economia em <i>Bundas</i> ..... | 78  |
| Quadro 2 | Fernando Henrique Cardoso (FHC).....                   | 87  |
| Quadro 3 | Desemprego.....                                        | 97  |
| Quadro 4 | Salário.....                                           | 110 |
| Quadro 5 | Pobreza.....                                           | 118 |
| Quadro 6 | Impostos.....                                          | 125 |
| Quadro 7 | Privatização.....                                      | 144 |
| Quadro 8 | Neoliberalismo.....                                    | 149 |

## ÍNDICE

|       |                                                                               |     |
|-------|-------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 1     | INTRODUÇÃO.....                                                               | 12  |
| 2     | A IMPRENSA ALTERNATIVA.....                                                   | 15  |
| 2.1   | O nosso conceito de alternativo.....                                          | 18  |
| 2.2   | A imprensa alternativa no Brasil.....                                         | 19  |
| 2.3   | Os alternativos dos anos de 1970.....                                         | 22  |
| 2.4   | Imprensa alternativa x grande imprensa.....                                   | 31  |
| 3     | A PRÁTICA DO JORNALISMO ECONÔMICO.....                                        | 37  |
| 3.1   | Linguagem.....                                                                | 40  |
| 3.2   | Política e economia nos anos 90 e a sua repercussão na grande imprensa.....   | 45  |
| 4     | A CONSTRUÇÃO DO HUMOR NOS IMPRESSOS.....                                      | 54  |
| 4.1   | Recursos do humor gráfico: caricatura, charges e cartum.....                  | 56  |
| 4.2   | As imagens gráficas nos impressos e suas manifestações em <i>Bundas</i> ..... | 62  |
| 5     | O SEMANÁRIO BUNDAS.....                                                       | 69  |
| 5.1   | Metodologia do estudo.....                                                    | 75  |
| 5.2   | Etapas da pesquisa.....                                                       | 77  |
| 5.3   | Categorias de análise: Fernando Henrique Cardoso (FHC).....                   | 81  |
| 5.3.1 | Desemprego.....                                                               | 88  |
| 5.3.2 | Salário.....                                                                  | 99  |
| 5.3.3 | Pobreza.....                                                                  | 111 |
| 5.3.4 | Impostos.....                                                                 | 119 |
| 5.3.5 | Privatização.....                                                             | 127 |
| 5.3.6 | Neoliberalismo.....                                                           | 145 |
| 5.3.7 | Análise interpretativa das categorias.....                                    | 150 |
| 6     | CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                                                     | 152 |
| 7     | REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....                                                 | 155 |

## 1. INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como objetivo mostrar como um veículo alternativo, o semanário *Bundas*, analisou economicamente o segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso (FHC). Visa, ainda, contribuir com o estudo da imprensa alternativa após a redemocratização do país.

*Bundas* foi um meio de comunicação de tiragem semanal em formato tabloide, criado por Ziraldo Alves Pinto, jornalista responsável pelo periódico. Circulou desde 1999 até 2001, período do segundo mandato de FHC, sendo impresso no Rio de Janeiro pela editora Pererê Ltda. O periódico se baseava numa crítica bem humorada à ostentação de personalidades e famosos que semanalmente apareciam na revista *Caras*.

O semanário, mesmo carecendo de grandes investimentos, tentou mostrar que era possível resgatar os sentimentos que impulsionaram a imprensa alternativa dos anos 70, já que os anos em que circulou foram marcados por crises econômicas e um aumento significativo de desemprego, temas esses merecedores de uma abordagem capaz de levar informações claras para a população, seguindo, dessa maneira, uma trajetória bem diferenciada da grande imprensa publicada no mesmo período.

Com a intenção de recuperar algumas características do *Pasquim* e de outros jornais alternativos dos anos de 1970, Ziraldo misturou o que motivou os impressos alternativos da época do regime militar, inclusive nomes que fizeram parte da imprensa alternativa daquele tempo, com uma nova geração de jornalistas, exercendo crítica nos campos da política, costumes e comportamento.

A leitura realizada dos 80 números de *Bundas* evidenciou inúmeras possibilidades de abordagem do conteúdo oferecido aos seus leitores. No entanto, uma questão nos chamou muito a atenção, justamente a crítica à política econômica adotada no segundo mandato do governo Fernando Henrique Cardoso. De acordo com Guimarães (2002) este mandato se caracterizou pela intensificação do processo de desestruturação do mercado de trabalho e pelo aumento da precarização das relações de trabalho. Houve, também, a preservação dos baixos salários e, sobretudo, a ampliação das diferenças de rendimentos dos ocupados, além de se acentuar a queda dos níveis de sindicalização.

As constatações anteriores apenas reforçam um quadro da deterioração social já amplamente discutido (MATOSSO, 1999), e que aqui serve para ressaltar o porquê do nosso interesse em abordar os problemas econômicos desde o ponto de vista realizado

por *Bundas*. Sabemos que o periódico priorizava o humor e as charges, mas para os fins desta dissertação, uma vez que priorizaremos os textos escritos, essa linha humorística e sarcástica será abordada não com tanta relevância como a dos textos escritos.

O semanário *Bundas* entrou no mercado jornalístico como forma de contestação em relação à política e aos caminhos que a cultura brasileira estava tomando mediante ao que se transmitia para a sociedade pelos jornais e revistas de grande circulação. Embora existam alguns trabalhos, principalmente na web, com blogs com o histórico do semanário como o “Tateando Amarras” de Fernando Brasil e artigos que tratam de imprensa alternativa como o de Praxedes intitulado “Imprensa alternativa: jornalismo de oposição e a revista *Bundas*.”, ainda não há nenhuma pesquisa feita de maneira mais aprofundada destinada a verificar como se construiu um jornalismo alternativo a partir da análise de *Bundas*.

O interesse específico por trabalhar com o objeto aqui proposto, além da questão da carência de pesquisas com o referido objeto, é procurar entender a forma como *Bundas* buscava exercitar o jornalismo econômico, através das matérias sobre questões econômicas que a população enfrentava no final dos anos noventa. Consideramos tal problemática importante para entender não só como se estava desenrolando a política no segundo mandato de FHC como, também, e principalmente, para aferir o posicionamento de um veículo da imprensa, até então considerado fora dos padrões jornalísticos dos grandes veículos impressos e que denominamos de alternativo.

Além das críticas que o semanário exercia, torna-se necessário compreender a posição alternativa de *Bundas* no universo jornalístico dos anos noventa, momento bem diferenciado do que aconteceu nos anos setenta, auge do denominado jornalismo alternativo. Nos tempos da ditadura militar, buscando dar um novo viés à política brasileira, surgiram grupos de oposição ao regime militar dos quais faziam parte artistas, músicos, jornalistas, que tinham como intuito expressar suas aspirações e sua indignação em relação à política autoritária exercida pelos governos militares. Kucinski (2003) destaca que foi por meio da mídia que muitos desses anseios foram expressos, surgindo então a imprensa alternativa que, por sua vez, se iniciou no Brasil com a finalidade de contestar e desmascarar um sistema que se dizia democrático quando, na verdade, não passava de um regime autoritário. Mas o que foi a imprensa alternativa nos tempos autoritários não pode ser considerado como tal na sociedade atual, pois a conjuntura é totalmente diversa tanto econômica como politicamente. Econômica porque nos encontramos numa época de predominância da ideologia neoliberal e

política porque hoje, com a democracia, pelo menos na forma, há a liberdade de expressão fato que difere do momento em que os alternativos dos anos 1970 circularam.

Sabemos que *Bundas* não é um veículo alternativo como nos anos 1970, como muitos gostam de denominá-lo, mas também não podemos considerá-lo como um veículo de circulação massiva, já que não atingia um grande público e não era editado como os outros impressos. A questão central a ser tratar, então, é como *Bundas* abordava os fatos econômicos procurando entender a forma como construía as notícias, no intuito de caracterizar, desde o jornalismo alternativo, se é possível seguir outros caminhos no jornalismo econômico para atingir os leitores com uma abordagem mais acessível, sem perder a sua complexidade.

Em suma, o foco da dissertação consiste em analisar como, nos 80 números publicados pelo semanário, *Bundas* exercitava um jornalismo alternativo, tendo como foco os temas econômicos. Pretende-se, dessa maneira, priorizar a linguagem e a forma de elaborar os textos numa área do jornalismo (jornalismo econômico) considerada difícil na hora de transmitir de forma acessível seus conteúdos aos leitores.

Para atingir esse propósito, dividimos a dissertação em alguns capítulos que passamos a especificar. No primeiro capítulo será feito um histórico da imprensa alternativa nos anos de 1970, com o intuito de compreender como ela passou a se projetar a partir dos anos de 1990. Esta análise comparativa, partindo de exemplos de alguns periódicos que circularam nesses dois períodos, visa mostrar que é possível a prática do jornalismo alternativo no período democrático. O capítulo ainda discute a atuação da grande imprensa em face da alternativa. O propósito é apontar as diferenças desses veículos e como as publicações alternativas podem apresentar a informação de forma mais atrativa que a grande imprensa.

O segundo capítulo trabalhará a prática do jornalismo econômico desde suas primeiras manifestações até a atualidade, evidenciando que a linguagem deste tipo de editoria se baseia em muitos termos técnicos, o chamado “economês”, dificultando a compreensão da informação econômica para os leigos no assunto. Ao longo do capítulo, é exemplificado como se apresenta este tipo de informação em alguns veículos da grande imprensa para, mais adiante, mostrarmos a prática deste jornalismo no semanário *Bundas*. Este capítulo, além de discutir a dificuldade de compreensão da informação econômica, traz um tópico sobre a economia nos anos 90. Como já dito, *Bundas* circulou no final dos anos 90, período de muitos e graves problemas político-econômico no país. Diante deste fato, foi reservado um espaço, neste capítulo, para

abordar a economia do período, destacando, principalmente, os problemas econômicos enfrentados pela população e como a grande imprensa noticiava esses assuntos.

O terceiro capítulo da dissertação trabalhará com os recursos gráficos na imprensa. O intuito é mostrar como as caricaturas, charges e cartuns podem contribuir para uma informação menos densa e mais atrativa. Será exemplificado cada um desses recursos e como *Bundas* os empregava em seus textos sobre economia. A partir de um histórico sobre construção e importância do humor gráfico nos impressos, mostraremos como o semanário se servia deste recurso para transmitir as informações econômicas.

O último capítulo da dissertação irá expor a atuação de *Bundas* no mercado jornalístico e discutirá porque este saiu de circulação. A partir da apresentação do histórico do semanário, iremos discutir como será a metodologia do estudo do trabalho e partiremos para a análise das categorias criadas. Podemos dizer que a chave do trabalho encontra-se neste capítulo, pois é ele que mostrará como *Bundas* transmitiu a informação econômica, o espaço dedicado a esta editoria e se de fato a economia foi discutida de forma clara e atrativa, se diferindo do jornalismo econômico praticado pela grande imprensa.

## **2. A IMPRENSA ALTERNATIVA**

O presente capítulo tem como finalidade analisar alguns jornais alternativos dos anos 70 e 90, na busca pela compreensão da importância desses veículos para a imprensa alternativa. O principal objetivo é compreender o que seria o jornalismo alternativo e como ele passou a se projetar a partir dos anos 90, visto que nosso objeto de estudo, *Bundas*, faz parte do mercado jornalístico a partir deste período. Desta forma será possível entender como o semanário *Bundas* praticava o seu jornalismo.

As inquietações que levaram à compreensão do que seria a imprensa alternativa e a prática do jornalismo alternativo residem no fato de a chamada grande imprensa seguir uma lógica mais imediatista e factual, deixando de lado, na maioria das vezes, o papel crítico do jornalismo. Com matérias pré-definidas fazendo com que se publiquem assuntos que especialmente servem para dar credibilidade e validade àquilo que o jornal ou revista pensam, algumas funções do jornalista acabam por se perder, notadamente a de argumentar com profundidade, sem depender da premência do tempo e ir a campo para ter uma visão mais abrangente daquilo que está sendo noticiado.

As notícias em vários veículos de informação são trabalhadas da mesma forma, pois o que está em vigor é que cheguem ao leitor da maneira mais rápida possível e não como as matérias foram elaboradas e discutidas. Como afirma Marcondes Filho (2000):

(...) o jornalismo tornou-se um disciplinamento técnico, antes que uma atividade investigativa ou lingüística. Bom jornalista passou a ser aquele que consegue, em tempo hábil, dar conta das exigências de produção de notícias do que aquele que mais sabe ou melhor escreve. p. 36

Diante dessa constatação torna-se necessária uma imprensa preocupada com o debate e a crítica com assuntos que interessem a todos os públicos e que não vise apenas o lucro como objetivo, mas sim que traga as análises dos fatos de maneira mais detalhada, em profundidade, construídos de forma a explicar e dar sentido às matérias publicadas nas suas páginas. Desta forma, o estudo da imprensa alternativa se torna interessante pelo fato de seguir caminhos diferentes da grande imprensa, uma vez que visa transmitir informações relevantes ao interesse do leitor e de forma diferenciada da praticada pelos grandes impressos.

A imprensa, em especial a ligada a grupos políticos, se revela desde o século XIX como defensora dos interesses da burguesia, seja os relacionados com projetos políticos como aos da moderna indústria. Nos séculos XVIII e XIX, os líderes políticos passaram a tomar consciência do poder que a imprensa poderia ter de influenciar a população quanto às suas decisões políticas, e como aponta Curran (2001, p.12) “A imprensa foi arena para uma importante luta política durante o século XIX. Classes diferentes lutavam não apenas pelo direito de exprimirem as suas causas e interesses, mas também para reprimir outros pontos de vista.” Desta forma, a imprensa, em especial a partidária militante, se apresentava como porta voz dos políticos, além de se mostrar preservadora da ordem vigente.

Para mudar este quadro, era preciso haver um jornalismo que atendesse as classes menos favorecidas. É a partir de então, século XIX, que surge o conceito de alternativo, ou seja, alternativo ao sistema vigente, alternativo à imprensa-empresa. Na América Latina a chamada mídia alternativa esteve quase sempre relacionada à resistência política, principalmente quando se trata dos períodos ditatoriais, como no caso brasileiro. Enquanto a indústria jornalística reforçava as visões dos grupos próximos do poder, competia à imprensa alternativa a tarefa de resistência e do questionamento do *status quo* vigente.

Quanto ao conceito de *alternativo* Rivaldo Chinem (1995) caracteriza-o, como uma imprensa independente, e ainda destaca:

O dicionarista Aurélio Buarque de Holanda acrescentou, na segunda edição de seu Novo Dicionário, a definição do termo 'alternativo' como algo que não está ligado aos interesses ou tendências políticas dominantes. (1995, p.7-8).

Paolo Marconi (1980) também expõe seu ponto de vista quanto à descrição do termo alternativo:

Na década de 60 deu-se o surgimento da imprensa denominada independente, nanica ou alternativa. (...) O primeiro jornal desse tipo - o Pif-Paf - surgiu em 1964 e teve duração efêmera de 8 edições quinzenais sob a direção do esquerdista Millôr Fernandes. O mesmo humorista em 1969, reunindo-se a um grupo de críticos e humoristas de esquerda (Zirardo, Tarso de Castro, Henfil, Jaguar) funda o semanário O Pasquim. As características desta imprensa: tiragem reduzida de cada impressão; repercussão reduzida, exceções como O Pasquim, Movimento, Em Tempo; falta de esquema empresarial com trabalho semi-artesanal na maioria dos órgãos; ausência de suporte financeiro adequado, caracterizada pela inexistência de anúncios comerciais, etc. (1980, p.307-309).

Segundo Abramo (1988) a imprensa alternativa buscava fazer um contraponto à imprensa burguesa, sem o intuito de substituí-la, e foi a forma encontrada de expor outros pontos de vista políticos e sociais através do meio impresso. A pauta dos alternativos tinha por base as notícias da grande imprensa, porém com novas análises e enfoques, fatores que de fato os diferenciava e os colocava em perspectivas diferentes.

Nos estudos sobre imprensa ou mídia alternativa também se destaca o trabalho de John Downing (2002) que caracteriza como *mídia radical alternativa* as diversas manifestações da comunicação de linha contra hegemônica. Esta mídia é vista como uma forma de expressão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas. Downing enfatiza em seu estudo as formas de expressão da mídia radical alternativa, como: danças, músicas, internet, jornais impressos dentre outros.

De forma geral, o conceito de mídia ou imprensa alternativa pode ser caracterizado como a prática de um jornalismo crítico do sistema vigente. Todos os autores mencionados acima expõem seu ponto de vista ao termo alternativo como uma manifestação contra hegemônica, crítica às matérias dos grandes impressos e forma de resistência. Cada autor trabalha o termo de acordo com seu objeto de estudo, músicas,

impressos, internet, movimentos sociais e apesar de cada um ter suas particularidades a definição se resume em uma só: oposição.

A imprensa alternativa se revela como uma forma de atuação a fim de expor o que os grandes meios impressos muitas vezes não expõem, desta forma assuntos que são minimizados pela grande imprensa ganham espaço nos veículos alternativos.

## **2.1 O nosso conceito de alternativo**

Através da análise dos conceitos e ideias dos autores mencionados acima, entende-se que jornalismo alternativo seria uma forma de transmitir informações e opiniões de forma diferenciada da feita pela grande mídia. No caso dos alternativos dos anos 70, estes entravam em circulação para mostrar os problemas enfrentados pela população brasileira frente à ditadura, já que muitos dos assuntos eram mascarados pela grande mídia. O jornalismo alternativo, então, acaba por se associar a correntes políticas de esquerda por se contrapor a mídia hegemônica.

O conceito de alternativo de que iremos nos valer não será aquele aplicado aos impressos dos anos 70, como defendido por Kucinski (2003), mesmo porque o impresso de análise circulou em outro momento da história e da realidade midiática. Portanto, entendemos como alternativo, a prática do jornalismo preocupada com assuntos que de fato interessem ao público leitor, que aborde temas que façam parte da realidade da população e que, acima de tudo, não procure mascarar o noticiário que se apresenta contra o sistema político vigente. Jornalismo alternativo, hoje, seria a junção dos ideais que motivaram a imprensa *nanica* dos anos 70 com a nova realidade democrática da atualidade, em vista a uma imprensa que busca o debate e a crítica, e que não difere da grande imprensa apenas por possuir um novo formato editorial.

Assim, o conceito de alternativo que empregamos debruça sob as explicações de Lucio Flávio Pinto, editor do *Jornal Pessoal* que circula em Belém, jornal este que não possui publicidade, nenhum alinhamento com grupos políticos, empresariais ou do estado. Pinto menciona que imprensa deveria ser apenas imprensa, sem adjetivos acompanhantes, mas, apesar de tomarmos o adjetivo alternativo como base de estudo, as explicações que ele apresenta do que seria uma imprensa realmente preocupada com o público, vem ao encontro do nosso trabalho:

Imprensa comprometida em ir atrás dos fatos e divulgar as informações relevantes para a vida social. Não interessa a quem serve ou a quem contraria. Desde que as matérias se baseiem efetivamente em fatos e estes fatos tenham relevância social, devem ser publicados. Não só os fatos, naturalmente: raciocínios, análises, ideias e propostas também devem estar todos os dias na imprensa. Sua principal finalidade é aproximar a agenda dos cidadãos da pauta da história. Permitir que os cidadãos tenham acesso aos fatos importantes antes que eles sejam consumados. Não deixar que as decisões sejam privilégio de minorias, grupos depressão ou interesses exclusivistas. Esta imprensa é necessária para todos. (PINTO, 2005, p.103).

Atualmente observa-se uma ampliação do termo alternativo, pois a categoria imprensa alternativa não só ficou ligada aos pequenos jornais que explodiram nos anos da ditadura militar de 1964, como também sugere tão somente veículos impressos. Hoje, vemos o jornalismo alternativo sendo praticado não apenas por meios impressos, como por meios digitais. As páginas eletrônicas, como os *Blogs*, por exemplo, passaram a ser utilizados não apenas para expressão pessoal, como para fazer protestos. As redes sociais também se tornaram espaço de denúncia e discussões sociais e políticas. Essas novas maneiras de praticar jornalismo alternativo fizeram com que este ganhasse mais espaço, e mesmo que seu crescimento seja de forma discreta, está possibilitando a disseminação de formas alternativas de informação.

Adiante, veremos como os chamados impressos alternativos ganharam espaço no universo jornalístico brasileiro. Desta forma ficará mais clara a questão da atuação destes e seus objetivos frente à grande imprensa.

## **2.2 A imprensa alternativa no Brasil.**

Nos tempos da ditadura militar, imposta não somente pelos militares, como também pelo apoio dos civis, que se estendeu durante vinte e um anos, de 1º de abril de 1964 até 15 de março de 1985, buscando dar um novo viés à política brasileira, surgiram grupos de oposição ao regime, dos quais faziam parte artistas, músicos, jornalistas, que tinham como intuito expressar suas aspirações e sua indignação em relação à política autoritária exercida pelos governos militares. Kucinski (2003) destaca que foi por meio da mídia que muitos desses anseios foram expressos, surgindo então a imprensa alternativa, que tinha por finalidade contestar e desmascarar um sistema que se dizia democrático quando, na verdade, não passava de um regime autoritário.

Os jornais alternativos, muitas vezes, eram predominantemente políticos, com o propósito principal de investir contra o autoritarismo vigente. Millôr Fernandes (1987) faz uma descrição bastante ilustrativa do cenário de atuação desses alternativos:

A imprensa alternativa/nanica ou de underground esteve à margem do processo editorial do mercado (...) essa imprensa, literatura banida, perseguida, acuada, coincidiu com os anos do grande florescimento do milagre econômico brasileiro. E o lugar da literatura no meio dessa sociedade da iniquidade está perfeitamente traduzido nessa imprensa que lutou sem fazer parte do mercado e do processo econômico. Ela nasceu dentro de uma sociedade que se industrializou rapidamente e é um reflexo do desprezo profundo que o sistema tem pela inteligência e pela cultura (FERNANDES, 1987, p. 9)

Entre os anos de 1964 a 1980, surgiram assim como desapareceram diversos tipos de periódicos alternativos, que tinham como intuito desmascarar o regime militar. Kucinski (2003) afirma que:

(...) Nos períodos de maior depressão das esquerdas e dos intelectuais, cada jornal funcionava como ponto de encontro espiritual, como pólo virtual de agregação e desagregação no ambiente hostil da ditadura. Pode-se traçar assim, uma demarcação entre imprensa convencional e imprensa alternativa no Brasil pelos seus papéis opostos como agregadores e desagregadores da sociedade civil, em especial, dos intelectuais, jornalistas e ativistas políticos. Conforme um raciocínio original de Elizabeth Fox, a imprensa alternativa pode até mesmo ser definida como forma de enfrentar a solidão, a atomização e o isolamento em ambiente autoritário (KUCINSKI, 2003, p. 22).

Os jornais alternativos ganharam força no regime militar, mas não nasceram nesse momento. A história da imprensa no Brasil remonta ao período Regencial, com rebeliões, protestos e, conseqüentemente, tais movimentos acabaram tendo destaque nos periódicos daquela época. A Nação começava a tomar forma e os periódicos da época acompanhavam este processo de formação do Estado Nacional. O índice de analfabetismo era elevadíssimo, contribuindo para o surgimento dos pasquins, que de alguma forma podem ser considerados os ancestrais dos alternativos dos anos 70. Kucinski (2003) caracteriza a imprensa alternativa como a sucessora deste tipo de periódico e da imprensa panfletária e anarquista. Sustenta que a partir dos pasquins do período regencial nasceu um espaço para denúncias e descontentamento da população via mídia impressa.

Segundo Sodré (1999), a linguagem usada nos pasquins era a única acessível a toda população, ou seja, a linguagem da injúria com muitas figuras e charges de fácil compreensão, sem pretensões comerciais, sendo um meio de ação para fazer críticas à política e aos acontecimentos do período. O recurso humorístico, utilizado por muitos alternativos do período era aplicado devido à opressão e falta da liberdade na hora de transmitir a notícia. As charges e o humor passam, então, a ganhar espaço nos veículos de informação impresso alternativos. Souza (1986, p.15) menciona que “... ao explodir no jornal, a charge, ao mesmo tempo em que “alivia” o intérprete do peso das notícias pelo riso que produz, leva-o a uma conscientização crítico-reflexivo.” O uso da charge para Souza (p.10) seria uma resposta do agredido ao agressor, é desautorizar o poder através da charge e da crítica. Na busca por transmitir a informação em período de intensa censura, uma das formas encontradas para passar a notícia eram esses mecanismos. Um exemplo deste recurso é encontrado também no semanário *O Pasquim*, no qual o humor se tornou uma ferramenta chave para se transmitir a informação, de forma a camuflar os problemas políticos enfrentados no período.

Durante o Império, os alternativos também estiveram presentes, o mais significativo foi o fundado em 1858, por gráficos de três jornais diários do Rio de Janeiro, o *Jornal dos Tipógrafos*, criado a fim de retratar o movimento grevista, do qual os tipógrafos estavam à frente. Já na Primeira República, destaca-se o impresso *A Manhã*, editada por Apparício Torelly, o Barão de Itararé.

Nos anos de 1970, os jornais alternativos ganham força e forma. Emergiam com a missão de contestar o regime autoritário em meio à censura procurando fazer com que as pessoas enxergassem de maneira diferenciada o que se passava no Brasil. Era a forma de desmascarar os militares que estavam à frente de todos os assuntos que regiam a sociedade e a política, e tentar mostrar à população que se vivia sob um regime de censura e torturas. Kucinski (2003, p.16) caracteriza a imprensa alternativa dos anos de 1970 a 1980 como sendo nanica conceituando a partir de quatro significados:

(...) o de algo que não está ligado a políticas dominantes; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de única saída para a situação difícil e, finalmente, o do desejo das gerações dos anos 60 e 70 de protagonizar as transformações sociais que pregavam.

Essa imprensa que ganhou força na ditadura militar recebeu várias denominações como: nanica, independente e, por fim, alternativa. Caparelli (1986)

trabalhou com essa questão do conceito e julgou o termo *alternativa* como o mais apropriado, pois expressa uma relação de complemento de interesses entre dois polos da ação comunicativa, emissor e receptor, enquanto produtor e consumidor. Do ponto de vista do produtor (jornalista): (...) não contente com a imprensa tradicional se propõe elaborar ele mesmo seu produto. E do ponto de vista do consumidor (leitor): (...) que no mercado capitalista das ideias, tem opção a uma maior diversidade de conteúdos, fugindo ao monopólio dos grandes grupos que reforçam o *status quo* (CAPARELLI, 1986, p.45).

Quanto à questão da falta de liberdade de expressão e censura nos anos 70, temos o trabalho de Kushinir (2004), que trata das publicações e falas que eram limitadas pelos militares, que eram considerados verdadeiros cães de guarda, censurando toda e qualquer manifestação contrária ao *status quo* em vigor. A imprensa alternativa naquele período foi a que mais sofreu as pressões dos militares, a censura às publicações desses impressos foi a ação que mais marcou a repressão no período. Considerados subversivos pelos donos do poder, esses veículos da imprensa alternativa agiam como porta-vozes de um povo calado pela repressão, representando assim aqueles que não podiam falar o que pensavam, e até aqueles que tinham suas mentes manipuladas por um regime que escondia fatos importantes acontecidos no país. Desta forma, esses veículos foram capazes de inovar a forma de transmitir a informação, quebrando os padrões estéticos da comunicação. Através das ilustrações, por exemplo, deram um toque mais atrativo ao que queriam transmitir, trabalhavam com temas tabus da sociedade, usando do humor como recurso chave, e assim lançaram uma geração de jornalistas e chargistas que contribuíram em mostrar uma nova visão da política brasileira.

### **2.3 Os alternativos dos anos de 1970**

Neste tópico, trabalharemos com alguns alternativos dos anos 70 considerados mais expressivos no período: *Pasquim*, *Opinião e Movimento*. O intuito é mostrar como se constituía a imprensa alternativa no período e a forma com que esses veículos praticavam jornalismo.

#### *Pasquim*

No ano de 1968, o Ato Institucional nº 5 (AI-5) havia sido instaurado, fazendo com que o sistema ditatorial ganhasse espaço na história brasileira. É neste cenário que surge, em 1969, o alternativo *Pasquim*, um dos primeiros a circular na época. O AI-5 acabou com a liberdade individual, sindicatos e grupos estudantis, além da liberdade de imprensa. O *Pasquim*, então, passa a circular, desafiando os censores e a repressão, sendo criado sem muito planejamento, pois não havia nenhum projeto definido para sua execução. Era um jornal irreverente e não político, e como destaca Chinem:

“(...) era apenas um jornal debochado, de contestação, indignado, que queria sair do sufoco, um jornal que não suportava mais ver os outros jornais como a primeira página do *Jornal do Brasil*, cheias de insinuações e legendas, e o censor dentro da redação.” (CHINEM, 1995, p. 43).

O *Jornal do Brasil* citado por Chinem, hoje disponível em formato digital, foi um jornal da grande imprensa. Este, como muitos outros de grande circulação na década de 70, estava dominado pelos ideais do regime militar, desta forma não contrariava o regime, nem o colocava sob suspeita, assim não divulgava o que realmente estava acontecendo, como buscava fazer o *Pasquim*.

Veículos da grande imprensa se submetiam à autocensura, os próprios editores se encarregavam de selecionar as notícias que podiam, ou não, ser divulgadas. Esta autocensura eram acordos entre os proprietários dos grandes jornais com os responsáveis pela censura afim de que os impressos tivessem livre circulação. Segundo Aquino (1999):

Esses acordos/ordens têm a finalidade de decidir sobre o que deve ou não ser publicado, e sua aceitação implica na contrapartida autocensura. De certo modo, embora eventuais resistências possam ocorrer, criando-se imagens figuradas que força uma leitura nas entrelinhas, ou mesmo burlando-se ordens expressas, a autocensura representa uma capitulação, uma vez que o papel censório é transferido do Estado para a direção do órgão de divulgação, que assume a função de comunicar a seus repórteres o que podem ou não escrever” (AQUINO, 1999, p.222).

O humor combativo, juntamente com a linguagem coloquial, marcou a existência do *Pasquim*, que, além de se posicionar contra a ditadura, era contra o sistema conservador que a sociedade vivia, e, através do deboche em suas matérias, fazia críticas aos costumes das pessoas.



Figura 1: 21 de abril/1971



Figura 2: 28 de outubro/1987

O *Pasquim* de 1971, ilustrado acima, circulou durante o período do regime militar, período em que tratar de assuntos como sexo e violência nos impressos, não era algo comum. A censura não focava apenas em temas políticos, mas também nos que se referiam ao comportamento e ações das pessoas. De forma descontraída o tabloide trouxe a matéria violência, por exemplo, retratado na capa de uma forma mais indireta, não querendo mostrar que isso estava acontecendo, mas sim que o jornal iria apresentar essas ações. No *Pasquim* de 1987, os militares não estavam mais presentes no governo, desta forma assuntos que se referiam à política passou a ser mais divulgados mesmo com o risco do veto.

A tiragem do tabloide foi expressiva, chegando a 230 mil exemplares, algo não esperado por seus idealizadores: Ziraldo, Jaguar e Millôr. Não havia muitas reportagens, mas as entrevistas e bate-papos informais ficaram famosos pela irreverência nas discussões e debates de diversas personalidades. Através do *Pasquim* jornalistas e profissionais qualificados puderam fazer críticas ao regime, fazendo com que esses criassem voz e coragem para expressar o que pensavam.

Kucinski comenta as principais características do jornal, mostrando ser este fora dos padrões dos grandes impressos do período:

(...) as primeiras edições do *Pasquim* já trazem os traços, seções e maneirismos que caracterizariam o jornal durante toda a sua existência como imprensa alternativa: a grande entrevista, provocativa, dialogada, as dicas de restaurantes, sugeridas por Jaguar e escritas por sua mulher Olga Savary, e que seriam depois imitadas por quase toda a imprensa brasileira; o bairrismo, a página de “underground” de Luis Carlos Maciel; o personagem imaginário,

Pedro Ferreti, pseudônimo compartilhado por todos os redatores, quando queriam criticar anonimamente; os artigos corrosivos de Paulo Francis; o ratinho Sig, criação de Jaguar em homenagem a Sigmund Freud, e inspirada em Hugo Leão de Castro, morador de Ipanema que levava sempre um ratinho ao ombro; a enorme seção de cartas, as tiras do chopnics, personagem sugerido pelo publicitário Castro Neves, combinando os *'beatniks'* com chopps, e criado por Jaguar e Ivan Lessa (...). (KUCINSKI 1991, p. 156).

Além das características mencionadas acima por Kucinski, a marca do tablóide foi a inovação na escrita. Os outros jornais em circulação no período eram rígidos e escreviam formalmente, já o *Pasquim* procurou inovar lançando vários neologismos como “putsgrila” e “sifu”. Jaguar<sup>(1)</sup> fala da experiência do *Pasquim* e da linguagem empregada:

“Fotografamos e dicamos dezenas de mulheres lindas e maravilhosas. Entrevistamos um monte de gente. Foram 10 anos de teimosia, 10 anos de briga, 10 anos de oposição. O que – como dizia Groucho Marx - dá a soma de 30 anos. Tivemos pelo menos o mérito de tirar o paletó a gravata do linguajar jornalístico. Botamos em pé o ovo de Colombo da linguagem falada. O beletismo jornalístico sifu, espero que para sempre, com seus 'outrossins' e 'destartes' (exceto nos editoriais do Globo). O fato é que os leitores desde o começo nos deram força e nunca nos deixaram na mão, pouco ligando para as espinhafrações que levam na seção de cartas.”

A busca era por uma linguagem clara, sem muita formalidade, o intuito era transmitir o que não era transmitido pelos grandes veículos de comunicação, graças à censura e repressão. E como já mencionado o humor seria um recurso chave para camuflar a informação.

---

(<sup>1</sup>)Disponível em:<http://taratitaragua.blogspot.com.br/2013/05/jaguar-fala-sobre-o-pasquim-1979.html>  
Jaguar Fala Sobre o Pasquim – 1979. Acesso 02/09/2012.



Figura 3: *Pasquim* n 105, 1971.

Na capa do *Pasquim* de número 105 fica clara a sua irreverência, colocando que todo paulista é *bicha*, mas com palavras minúsculas mostra que *bicha* é quem não gosta de mulher. A capa desta edição foi feita para chamar a atenção de São Paulo, pois eles eram os principais leitores do *Pasquim*, mas naquele momento estavam deixando de lado o tabloide. A provocação aos paulistas foi uma ideia de Ziraldo para atraí-los novamente à leitura do impresso, pois segundo o mesmo “Paulista não resiste a um desafio vindo do Rio”.

*Bundas* trouxe a mesma capa em janeiro de 2000, pelo mesmo motivo do *Pasquim*, o semanário estava perdendo seu público paulista, que constituía a maior parte de seus leitores. Eram os truques utilizados para chamar a atenção no que eles queriam transmitir.

O *Pasquim* enfraquece devido a sua má administração, com gastos exorbitantes de seus proprietários, e também por conta da prisão de vários jornalistas e ataques à bomba a redação. O tablóide com o passar dos anos perde sua força mas renasce com o *Pasquim 21*. Em 2002, Ziraldo e seu irmão Zélio retomam o *Pasquim* dos anos 70, com uma cara nova, em meio a uma imprensa livre de censuras, mas o projeto também não durou muito tempo chegando ao fim em 2004.

## Opinião

No dia 23 de outubro de 1972 surge o jornal *Opinião* financiado pelo empresário Fernando Gasparian. “O jornal tinha por objetivo fazer seu leitor entender os fatos mais importantes da política, da economia, do comportamento social e da cultura.” (CHINEM, 1995, p. 58). Chinem ainda lembra que o jornal:

(...) funcionou como um canal de comunicação entre intelectuais e jornalistas perseguidos pelo regime militar e seu público, devolvendo o direito de expressão aos pesquisadores e pensadores expurgados das universidades. (CHINEM, 1995, p.58).

Diferente do *Pasquim*, *Opinião* não teve o humor como peça chave para transmitir a informação. Apostava nas imagens, ao invés das palavras, imagens essas com muitos desenhos. Os idealizadores pretendiam resgatar os traços do caricaturista e do chargista, produzindo um jornal de leitura fácil e grafismo crítico.

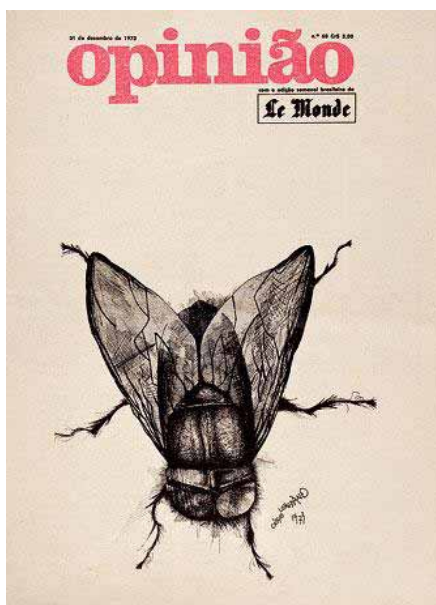


Figura 4: 21/dez/1979

Elifas Andreato, artista gráfico e jornalista, foi autor de inúmeras peças de militância política, com cartazes, desenho de livros e revistas, além de ser de sua autoria o design do jornal *Opinião*, como na imagem acima.

Em entrevista ao site *e.educacional*<sup>(2)</sup> o artista Elifas fala de sua experiência com o jornal *Opinião*:

“Foi quando comecei a conviver com a censura diretamente dentro da redação. Nós tínhamos, no início, algumas formas de a burlar,

como fazia o *Estado de S. Paulo*, publicando receitas no lugar das matérias censuradas. Mas nós éramos um jornal de oposição declarada. Às vezes, nem dormíamos, pois éramos obrigados a fazer duas ou três capas de uma mesma publicação. Quando não censuravam uma ilustração, censuravam parte ou mesmo textos inteiros, então tínhamos de criar anúncios no lugar deles, por exemplo. Mas várias vezes conseguimos ludibriar a censura.”

Como destaca Elifas a fuga contra a censura no impresso era constante, a pressão era diária, e nem sempre era possível transmitir a informação que desejavam. Mas apesar de todas as dificuldades, “Opinião ensinava que a notícia é apenas uma pequena parte da verdade, que por trás dela existem razões ocultas, interesses e jogadas” (Chinem, 1995). Os jornalistas buscavam através do jornal *Opinião* o direito de expressão assim como dar voz aos pesquisadores e pensadores que foram expulsos das universidades. O propósito era expor o que estava acontecendo, e mostrar a notícia como ela realmente era. Realizava-se desta forma um jornalismo crítico e analítico, batendo de frente com as decisões autoritárias do Estado. *Opinião* procurava mostrar o que interessava a população brasileira, e fazer com que todos soubessem o que se passava no Brasil.

A notícia não podia vir marcada pela denúncia, era preciso que ela fosse relacionada com outros fatos como economia, comportamento social e cultura, e ainda:

(...) apresentava protagonistas sociais e cenários até então desconhecidos do grande público, através das seções “Cena brasileira” e “Gente brasileira”. Antecipou-se aos jornais diários na defesa do consumidor e do meio-ambiente. Provocou uma Comissão Parlamentar de Inquérito sobre abusos na comercialização de medicamentos e projetou, em termos nacionais, críticos, escritores e ensaístas”. (CHINEM, 1995, p. 58-59)

Assim como todos os veículos de comunicação de oposição o jornal também sofreu com a censura. *Opinião* não poderia ir contra ao AI-5, pois, segundo este Ato era proibido qualquer forma de contestação ao Regime, pois poderia tirar os militares do poder.

---

(2) Elifas Andreato: a arte contra os militares. Disponível em: <http://www.educacional.com.br/reportagens/golpede64/elifas.asp>. Acesso, 03/03/2012. começou a entrar em crise:

Após esse decreto, e com a aproximação da passagem do poder para os geiselistas – que propunham um relaxamento da censura – Opinião sofre um processo de estrangulamento com o claro objetivo de arruinar o jornal, forçar Gasparian a fechá-lo, para que fosse possível suspender a censura prévia no O Estado de S. Paulo e Jornal da Tarde sem, com isso, beneficiar a imprensa alternativa. Acabar com Opinião antes de acabar com a censura. (KUCINSKI, 1991, p.270-271)

A redação precisaria trabalhar o dobro para vencer a censura, e com salários que não atraíam os jornalistas, causando divergências entre eles e Gasparian. Após inúmeros desentendimentos e novas formações de equipe para sanar a discórdia, o jornal não resistiu à censura. A edição 230 não obedeceu aos cortes feitos pelos censores, resultando na proibição da circulação do jornal.

### *Movimento*

Além do *Pasquim* e *Opinião*, começa a circular em 1975 o semanário *Movimento*, que contribui para fortalecer a imprensa alternativa do período. *Movimento* teve sua origem em *Opinião*, depois que a equipe que havia realizado esse jornal decidiu deixá-lo em virtude de divergências com o empresário Fernando Gasparian. A proposta do jornal, segundo Aquino (1999), era diferenciada em relação às grandes mídias e o papel social que ela exercia, pois:

(...) discutia-se a democratização do acesso à informação para a maioria da população; responsabilidade da imprensa na divulgação de notícias; o jornalismo engajado no comum projeto político definido e público, fora das malhas de uma pretensa neutralidade, imparcialidade e isenção nos fatos; a ampliação do direito de voz aos emissores que são e fazem notícias; e a concepção não elitizada de fato jornalístico a ser coberto. (AQUINO, 1999, p.191)

Para conquistar os leitores e acionistas, antes da edição de número um, veio a “número zero”, com 70 mil exemplares de tiragem, com objetivo de promover transformação do Brasil. O editor-chefe Raimundo Rodrigues Pereira <sup>(3)</sup> explicava ao longo do editorial como, onde e por que nasceu a ideia de um jornal independente:

---

<sup>(3)</sup> Jornalistas Rebeldes e irreverentes. Disponível em: <http://www.outraspalavras.net/2011/09/20/jornalistas-rebeldes-e-irreverentes/>. Acesso, 19/02/2012.

“Para mim, a viagem começa em 1968, o ano das agitações de maio da França, da invasão da Checoslováquia, da ofensiva do Tet no Vietnã do Sul e do Ato Institucional nº 5 e do fechamento do Congresso, no Brasil. Em 1968, no jornalismo brasileiro estava se fazendo a equipe de *Veja* e se desfazendo a equipe da *Realidade* (...) O fim da primeira equipe de *Realidade* se devia a um desses dilemas a que sistematicamente chega uma equipe que cria um jornal para uma empresa e que, com o passar do tempo, e com o sucesso da publicação, começa a acreditar que a publicação é dela, não do dono. O resultado da crise foi que a equipe saiu e o dono ficou.”

O semanário circulou entre 1975 e 1981, período retratado como os “anos de chumbo” da História brasileira. O *Movimento* é um dos mais notáveis exemplos, quando se trata da luta contra a ditadura militar dos anos 1964-1984, e se destaca por sua ousadia e perseverança, em meio a um período político repressivo.

O período que o semanário circulou sob o comando do presidente Ernesto Geisel e do general Golbery do Couto e Silva, foi marcado pela operação tática do governo contra a imprensa através da “distensão lenta, gradual e segura” dos veículos impressos de informação. O governo retirou alguns censores do jornal *O Estadão*, por exemplo, que sofria com censura previa, mas manteve a censura a outros periódicos, principalmente aqueles mais combativos. Dessa forma a ditadura se mascarava para se fortalecer, pois, ao mesmo tempo em que mostrava abrir uma “trégua” continuou a censurar os meios impressos, principalmente os alternativos.



Figura 5: Edição 177, 20 de novembro de 1978. Corta Essa!

A charge da figura 5, de Chico Caruso, serviu de acusação na Justiça Militar contra Tonico Ferreira, diretor do jornal *Movimento*. A matéria criticava o aumento do

número de juízes nos tribunais superiores. Houve na época uma denúncia contra Tonico que foi acusado por estar infringindo a lei de Segurança Nacional, e até de desmoralizar as autoridades governamentais. Várias eram as matérias que sofriam cortes no jornal, a seção *Corta Essa!* criada em meados de 1978, surgiu afim de mostrar as informações que eram censuradas, e através das imagens as informações que passavam pelo corte e eram transmitidas.

O cartunista Alcy mencionava ser um desafio á coluna *Corta Essa!*:

Inicialmente era o Chico e eu que editávamos. Editar compreendia o seguinte: receber os desenhos, selecionar e fazer o *layout* da página, dar destaque pra um, pra outro. Era pauleira, os caras fechando na gráfica e a gente ia até 4, 5 horas da madrugada. Era produtivo, era ótimo! (AZEVEDO, CARLOS. p. 62, 2011)

As ilustrações, com charges e cartuns, era o recurso que fazia com que a informação fosse mais atrativa e se tornou o principal meio para transmitir o que era censurado. Através da disseminação das suas ideias o semanário *Movimento* foi capaz de contribuir para a queda da censura e continuou a existir, mesmo alguns anos depois, mas perdeu o impulso e foi fechado.

Vimos, então, que a imprensa alternativa teve grande destaque nos anos 70, devido ao período histórico de repressão e intensas buscas por representação e direitos. Esta imprensa de oposição abriu portas para novas formas de exercer o jornalismo, não deixando apenas aos grandes veículos de informação o poder da palavra.

Para que a imprensa alternativa cumpra um papel diferenciador no universo jornalístico, ela deve adotar uma nova forma de fazer jornalismo, através do processo e seleção das notícias de maneira diversa da grande imprensa e ainda assumir abertamente sua ideologia. Nos anos 70, ela se configurava de uma forma e hoje, como ela se configura? Veremos agora as motivações desses impressos na atualidade, e a forma com que esses praticam o jornalismo alternativo, destacando as diferenças entre imprensa alternativa e grande imprensa.

## **2.4 Imprensa alternativa x grande imprensa. Uma nova forma de fazer jornalismo**

Mesmo após a censura enfrentada pelos meios de comunicação nos anos 70, e com o fim do regime ditatorial acarretando a redemocratização política em 1985,

começam a surgir no Brasil novas formas de se impor contra a política vigente. Ressurge, então, a prática do jornalismo alternativo. De uma forma geral, os grupos que não se veem representados pela grande mídia, buscam através do jornalismo alternativo, expor os seus ideais.

A nova imprensa alternativa se caracteriza, assim como os alternativos dos anos 70, por atuar estritamente do lado da esquerda e da crítica ao modelo capitalista. Mas se antes havia censura, hoje, com a liberdade de imprensa, os assuntos podem ser livremente divulgados e discutidos, dando um novo carácter ao que chamamos de imprensa alternativa.

A primeira impressão que passa ao falar de imprensa alternativa pós-redemocratização política, é que desta vez ela irá prosperar. O impasse foi que, mesmo com uma imprensa livre, sem censura e, uma realidade social democrática, os meios alternativos de comunicação ainda sofrem grandes dificuldades. O problema agora não é mais a censura, mas sim fatores econômicos e tecnológicos, que limitam às pessoas o acesso às novas tecnologias de informação e principalmente dificultam a criação e circulação de impressos. A falta de capital e publicidade acaba por inviabilizar a circulação desses impressos alternativos, pois, sem apoio financeiro, não têm força para permanecer no mercado. Mas, mesmo diante desta realidade, existem impressos que buscam fazer um jornalismo alternativo e a Internet passou a se tornar cada vez mais um campo de ação vantajoso.

A permanência desses alternativos no mercado ainda é um desafio. Algumas publicações resistem por algum tempo, outras em questão de meses deixam de circular. Um exemplo seria o semanário *Bundas*, que trataremos mais adiante, que permaneceu no mercado por um período de pouco mais de dois anos.

Quando se trata de uma análise comparativa entre a imprensa alternativa dos anos 70 com as dos anos 90 em diante, Kucinski (2003) aponta que antes a imprensa alternativa era a contingência do combate político ideológico à ditadura, na tradução de lutas por mudanças estruturais e de crítica ortodoxa a um capitalismo periférico e ao *imperialismo*, do qual a ditadura era vista como representação. A partir dos anos 90, a imprensa alternativa ganhou outro foco, em meio a um novo período histórico, do qual a ditadura já não faz mais parte. Esses novos periódicos alternativos se colocavam não mais contra os militares, mas sim contra os dois mandatos de Fernando Henrique Cardoso, num claro posicionamento de oposição, sendo o alvo principal a globalização econômica e a política neoliberal.

Esses impressos, além de configurarem uma nova visão a ideia de alternativo, representam uma linha editorial diversa da vigente na grande imprensa, além de atenderem aos leitores que buscam matérias com diferentes olhares e outras interpretações das notícias produzidas pela imprensa-empresa.

Os pontos mencionados acima mostram algumas características da grande imprensa em contraposição à imprensa alternativa. Para Vanderlei de Souza Carvalho (2004, p.10), o que caracteriza de fato a imprensa alternativa é ela não ser uma empresa capitalista, nas palavras do autor:

Nem todo veículo de comunicação é uma empresa capitalista, logo, nem todo meio de comunicação destina-se a veicular a concepção burguesa de mundo. Há uma imprensa que se especializa em comunicar outras concepções de mundo relativas aos projetos políticos de partidos, sindicatos e outras organizações da sociedade. Esta imprensa é definida pelos especialistas como imprensa alternativa, ela apresenta outras concepções de mundo, veiculando outros valores e interesses que não aqueles da grande imprensa. De todo modo, a distinção só vem a confirmar a grande imprensa como atividade capitalista. (CARVALHO, 2004)

Isso posto, o que interessa para a grande imprensa são notícias rápidas, aquelas que têm por finalidade satisfazer a ânsia imediata por informação. Esses textos muitas vezes são curtos com conteúdos que apenas serverm para desviarem a atenção do público. Diante deste fato, a imprensa alternativa ressurgue como forma de contestação a esse modo de informação, e busca transmitir aquilo que os grandes impressos não transmitem, e principalmente, buscam fazer crítica ao modelo político vigente, críticas essas ocultadas pela grande imprensa. É em meio à globalização e uma política neoliberal, que eclode uma nova forma de se fazer jornalismo. E como bem explica Tarcizio Macedo<sup>(4)</sup>:

“(...) uma imprensa disposta a se opor e criticar o sistema vigente; a revelar o que a imprensa servil ao sistema e favorável ao *status quo* tratou de se distanciar, buscando uma outra alternativa de jornalismo e imprensa, tomando para si o princípio jornalístico de aflorar os conflitos e produzir alterações significativas na intenção

---

<sup>(4)</sup> Tarcizio Macedo em 27/11/2012 na edição 722. Disponível em: [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/\\_ed722\\_a\\_cultura\\_a\\_ditadura\\_e\\_a\\_imprensa\\_alternativa](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed722_a_cultura_a_ditadura_e_a_imprensa_alternativa)

e que “os comportamentos e as ações sociais, derivadas dos atos comunicativos do jornalismo, realimentasse o processo social, provocando transformações nos cenários da atualidade e da ordenação ética, política e moral da sociedade”, como disse o pesquisador Manuel Carlos Chaparro (...)”

Um exemplo dessa imprensa de oposição da atualidade, seria o mensário *Caros Amigos*, considerado o precursor da imprensa alternativa da atualidade. Este trata de política, economia e cultura com livre debate de ideias, reportagens longas, temas variados e extensas entrevistas. Trabalha com questões além do foco nacional e ainda apresenta seções críticas sobre comportamento, artes, políticas e humor.



Figura 6: Abril/1999. Edição 25.

Foi fundado em 1997 por um grupo de jornalistas, publicitários, escritores e intelectuais que buscavam tratar o conteúdo de forma densa, diferente de todos os impressos discutidos anteriormente e, ainda, mostrar uma visão crítica ao pensamento neoliberal. A edição de estreia vendeu 20.800 exemplares, número bastante significativo para os padrões nacionais.

*Caros Amigos* foi criado não com o intuito de ser alternativo, como as publicações dos anos 70, mas sim de praticar um jornalismo alternativo no sentido contra hegemônico. Pereira Filho (2004, p.29) o define como:

(...) uma recriação criativa, inovadora e recontextualizada das experiências e propostas consagradas na década de 70 pela chamada imprensa alternativa e independente. *Caros Amigos* é, atualmente, o grande representante dessa vertente, na medida em que recupera “a função social de criação de um espaço público reflexo, contra hegemônico.

A intenção do mensário era praticar um jornalismo interpretativo com críticas e debates que levassem a reflexão da realidade vivida, o propósito não era apenas informar, mas sim trazer a informação de forma reflexiva. O mensário tinha o compromisso com o pensamento crítico humanista, não com o espetáculo e o mercado, a intenção era que ele se dirigisse aos cidadãos com o propósito de gerar posicionamentos críticos e reflexivos.

Pessoas de diversas áreas eram convidadas a fazer discussões como: Aloysio Biondi, falando sobre privatizações no Brasil, Dráuzio Varella sobre saúde, e assuntos que fazem parte da cultura brasileira como futebol discutido por Sócrates, ex-ídolo da democracia corintiana. O conteúdo do mensário é vasto, na busca por atingir diversos públicos e, apesar da densidade de suas matérias e linguagem mais rebuscada, o humor também faz parte do impresso. Através de seções como “Picadinhas” e “Entrelinhas”, o uso de textos curtos passou a se tornar presente no impresso, e se referiam aos atos de personalidades e intenções da grande imprensa.

A busca por atrair o público leitor foi o que incentivou o mensário a apostar nas imagens e no humor. Com textos com linguagem acadêmica e de cunho sociológico, os leitores não viam o mensário como algo atrativo, apesar de ter como objetivo denunciar as injustiças sociais e mostrar as camadas esquecidas da população, não significou que atingisse este segmento social como leitor da revista. Devido à alta exigência intelectual para compreender seu conteúdo este público manteve-se distante do mensário, fazendo com passasse a buscar novas formas de atingir este público, com textos mais simples e o uso do humor. Desta forma, a solução encontrada foi intercalar textos analíticos e pesados com colunas de humor, charges, tiras, crônicas e imagens.



Figura 7: “Fred Balcão” – Tiras de Hermes Ed. 131 – fev. 2008.

Apesar da tentativa de atração do público para seu conteúdo, o impresso não perdeu seu cunho crítico com relação aos temas sociais e políticos, se diferenciando da grande imprensa por sustentar um conteúdo analítico e aprofundado. Desta forma, o mensário notou, ao longo de suas edições, que para ser crítico não precisa apresentar textos herméticos e sisudos e que assuntos sérios podem ser tratados com humor.

*Caros Amigos* foi uma das poucas experiências, no campo da imprensa alternativa, que perdurou. O mensário que se lançou no mercado antes mesmo do semanário *Bundas*, foi capaz de mostrar que no Brasil os veículos alternativos de informação possuem sim chances de atrair o público leitor e gerar renda a aqueles que se dedicam a fazer um jornalismo crítico, opinativo e atrativo, diferente do jornalismo praticado na grande imprensa. *Caros Amigos* surge no mercado jornalístico, como um recurso secundário de acesso ao conhecimento, um meta-texto, foi uma forma de observar e discutir o que se apresentava na grande mídia e apresentar novas análises e discussões.

Em suma, o que foi possível notar com a análise desses veículos alternativos, não só dos anos 70, como também da atualidade, é que existem diferenças substanciais

entre os grandes veículos de comunicação e os considerados alternativos. Muito do que é publicado nos grandes veículos são notícias que muitas vezes privilegiam os interesses das associações que controlam as práticas jornalísticas como: ANJ (Associação Nacional de Jornais) e a ANER (Associação Nacional dos Editores de Revista), em vista a conquista de seus lucros e tendências ideológicas. A chamada imprensa de oposição, ou alternativa, busca reverter esse cenário de monopolização midiática, pois esta possibilitou que houvesse novas opções de fontes informativas.

Os comentários gerais de alguns veículos dos anos 70, assim como *Caros Amigos* nos 90, foi capaz de mostrar que esses não trabalham com os mesmos ideais dos grandes impressos, pois buscam um enfoque diferenciado de temas como: críticas ao sistema político vigente; denúncias contra algum de seus representantes; problemas sociais; crises econômicas, dentre outros assuntos que afetam diretamente os chamados donos do poder. Fato que nos leva a caracterizá-los como alternativos.

O foco da nossa análise será o semanário *Bundas*, por possuir uma linguagem bem diversa dos grandes impressos, além de trazer as notícias econômicas de forma mais acessível ao público, sendo a linguagem coloquial e os recursos visuais características chave do semanário. Adiante, veremos como se projetou e se projeta a prática do jornalismo econômico, analisaremos como os grandes veículos abordam a notícia econômica e de que forma *Bundas* buscou transmitir a informação econômica.

### **3 A PRÁTICA DO JORNALISMO ECONÔMICO**

O presente tópico irá apresentar às dificuldades de compreensão da informação econômica no jornalismo impresso tal como é apresentado por autores já consagrados no tema como são Basile, Kucinski, Quintão, entre outros. Após apontar a complexidade da linguagem econômica veiculada nos jornais impressos, o texto procura apresentar o diferencial adotado pelo semanário *Bundas* na análise das notícias econômicas. Adotando as categorias de criticidade e interesse público, mostraremos como o semanário *Bundas* desenvolveu, via humor e posicionamento crítico diante das informações oficiais, uma linguagem compreensível para a maioria da população.

Entende-se por Jornalismo Econômico a cobertura de temas relacionados a negócios e finanças, temas esses que afetam diretamente a economia. Mas como define Kucinski (1996) a prática do jornalismo econômico não está voltada apenas a

acontecimentos excepcionais e singulares, trata da constante transformação da realidade econômica, das novas variáveis que surgem e da ausência de independência dos fatos.

Esta modalidade do jornalismo se expandiu muito com publicações em revistas focadas nesta temática e aparecimento de cadernos de economias nos jornais de informação geral. E de acordo com Quintão (1987) o jornalismo econômico se torna presente a partir dos jornais de comércio, indústria e das primeiras seções e colunas de economia. Logo depois surge o jornalismo de negócios, voltado para operações econômicas e financeiras de mercado, para, finalmente, dar início ao jornalismo econômico como é conhecido atualmente.

O noticiário econômico tornou-se algo indispensável para atuação no mercado financeiro, além de ser necessário para os cidadãos quando se trata da compreensão dos assuntos econômicos que o cercam para organizar sua vida financeira. A informação econômica transformou-se em um bem social, um instrumento político, passou a ser uma arma estratégica para o Estado e até mesmo para as grandes empresas que lideram o mercado, e como define Basile (2002), os veículos da imprensa econômica transformaram-se numa espécie de sistema nervoso dos mercados em escala mundial.

Conforme a economia foi se tornando tema relevante na vida dos brasileiros, o jornalismo especializado nesta área foi ganhando espaço. Temas como indústria, comércio e cafeicultura eram os assuntos tratados, mas a política ainda era a notícia que mais tinha expressividade. A imprensa nesse período retratava o interesse do governo de Juscelino Kubitschek em modernizar o parque industrial e atrair capital estrangeiro para sair do subdesenvolvimento. Era um conteúdo modernizador, ufanista e desenvolvimentista com retórica nacionalista sobre o petróleo e as riquezas nacionais, (Quintão, 1987), mas aos poucos foi se abrindo espaço para as discussões econômicas.

Em 1949 *O Estado de São Paulo* lança o primeiro suplemento sobre economia, abrindo as portas para a prática do jornalismo econômico. A economia passa ser uma questão chave para o Brasil, devido à necessidade do país de crescer e se desenvolver, desta forma a imprensa passa a ter o que discutir e analisar em economia. Mas os assuntos políticos, mesmo com um arsenal vasto sobre economia, continuaram a ser o foco da grande imprensa, os periódicos ainda estavam se adaptando a abordar temas econômicos.

No período do Estado Novo, sob o comando de Getúlio Vargas, começa a haver um avanço da indústria pesada e investimentos em infraestrutura, porém este período foi marcado pela censura aos meios de comunicação. Nesta época circularam jornais

mensais como o *Observatório Econômico* e o *Financeiro* e também outras publicações dirigidas a um público ligado ao setor financeiro como o *Digesto Econômico*, publicado pela Associação Comercial do Estado de São Paulo. Nos anos que sucederam o período do Estado Novo, em 1949, O *Estado de S. Paulo* lança o *Suplemento Comercial e Industrial*, que foi veiculado semanalmente e circulou até 1964. Ele abordava assuntos econômicos do Brasil e do mundo. Quintão (1987, p. 51) menciona a relevância e importância desse *Suplemento* para o país. Afirma, ainda, que foi o primeiro informativo de negócios do país com circulação regular e “um veiculador doutrinário, liberal, anticomunista, com postura política bem delineada na área de economia”.

Na década de 50 o jornalismo foi marcado pelo colunismo, tendo uma cobertura mais opinativa do que noticiosa com clara intenção de influenciar a política econômica do país, como afirma Quintão (1987, p.57). Os jornais começaram a realizar uma cobertura mais organizada dos assuntos econômicos apenas a partir da segunda década de 1960.

Nos tempos autoritários e de repressão política, os meios impressos reforçaram suas editorias de economia devido às restrições ao noticiário político e social. Segundo Lene (2010, p.3), Joelmir Beting que começou a trabalhar com Jornalismo Econômico em 1962 comenta como era esse tipo de jornalismo no período:

Enquanto a informação econômica estava decolando, estava aterrissando a informação política, que estava já sob controle. Então, esvazia a informação política e cresce a econômica. E a informação econômica acaba ganhando uma dimensão política até no vácuo da própria informação política. Aí o debate econômico virou um debate político, de opções e alternativas e críticas e, então, o debate político deslocou-se para a área econômica.

Mas apesar do destaque aos fatores econômicos na imprensa este segmento também sofreu censura, já que estes tópicos poderiam atingir diretamente a política do período, colocando em discussão o sistema político da época. Caldas (2003, p.14) mostra algumas matérias censuradas entre 1973 e 1974: a proibição de qualquer comentário sobre a recessão econômica, assuntos referentes à inflação e alta da gasolina, entre outros. Mas com a abertura política esse quadro mudou e publicações referentes à área econômica ganharam cada vez mais espaço nos jornais em circulação no país.

O problema na atualidade sobre a prática desse jornalismo não está mais no espaço que ele ocupa e sim na forma como ele é praticado e na linguagem utilizada. Joelmir Beting é considerado um dos jornalistas pioneiros na hora de traduzir os assuntos econômicos de maneira clara e simplificada para seus leitores. De acordo com Basile (2002, p.72), ele procurava traduzir o economês servindo-se de uma linguagem mais popular e mais compreensível para a maioria da população.

Este assunto é o que veremos adiante, a questão da linguagem no jornalismo econômico, ou seja, como esta é empregada e suas dificuldades de compreensão.

### **3.1 Linguagem**

A linguagem no jornalismo econômico nem sempre é de fácil compreensão, já que muitas vezes esta vem com o intuito de mascarar certas atitudes políticas ou governamentais com o emprego de eufemismos ou expressões pouco usuais no cotidiano das pessoas. Assim, os leitores e o grande público não reconhecem a realidade que leem nas páginas dos jornais. Os temas abordados se resumem a questões específicas no âmbito monetário, não abordando os assuntos que envolvam as atividades do homem para satisfazer suas necessidades. Dessa maneira, o público acaba não se identificando com os assuntos tratados, além de se depararem com uma linguagem extremamente complexa, como veremos mais adiante.

Biondi (1975) menciona que infelizmente não localizamos clareza e objetividade nos textos de economia, isso não só na atualidade como também nos impressos dos anos 70. O autor ainda relata que a linguagem do jornalismo econômico nessa época refletia muito mais interesses de uma pequena camada da população (empresários, banqueiros, investidores) do que a do grande público e da coletividade.

O fato é que do final dos anos 70 até os dias atuais não encontramos mudanças significativas nas características das matérias de economia. Para Marcondes Filho (1993, p. 105) os textos desta editoria são produzidos apenas para darem informações aos leitores sobre investimentos ou práticas de sobrevivência no mundo econômico, sem a preocupação de discutir os impactos da economia na sociedade. Como propõe Beting (1982, p.40), precisa haver uma mudança de abordagem, pois é produzida muita informação de interesse dos governantes e empresários, deixando de lado a informação de interesse do consumidor, do trabalhador e das donas-de-casa, ou seja, da grande maioria da sociedade.

O uso do “economês”, expressão usada para identificar a linguagem usada nos anos 70, fez parte da própria formação dos jornalistas e permanece até os dias de hoje. Durante o período militar, esses jornalistas buscaram se especializar em Institutos Econômicos, desta forma empregavam conceitos técnicos para tratar dos assuntos econômicos. A convivência com essas fontes fez com que esses jornalistas deixassem de traduzir os termos por uma linguagem mais compreensível, tornando a informação econômica inacessível, com o uso de siglas, números e termos específicos. A título de ilustração, apresentamos, a seguir, uma notícia divulgada na *Folha de S. Paulo* em 1994, citada por Kucinski (1996, p. 164), na qual se pode aferir o quanto pode ser complexa uma matéria que trata de economia:

“URV, a faca de dois gumes

Acaba amanhã o tabelamento do over em 56,5%. O Banco Central deve manter a taxa até o final do mês. Com isto, o over-selic fechará março com ganho de 46,3% e o CDI-over, de 46,9%. O CDI garantiria um juro real de 2,58% frente à inflação média/URV, estimada em 43,2%. Para abril, o mercado trabalha com a estimativa de forte aceleração da inflação. Pularia de 43,20% para 45%. Para manter o juro real em 2,58%, o BC teria de sustentar um over médio de 63,35% ao mês. Mas há muitas incertezas no curto prazo, a começar pelo dilema técnico e criado pela própria URV. Se o BC inaugurar abril com uma projeção realista para o indexador, de 45%, este percentual vira piso de inflação. Se fixar uma variação inicial baixa, de 43%, o indexador perde credibilidade e provoca inflação em URV. E seria melhor baixar o real com a inflação em 45% do que em 60%. O carry over contaminaria menos a nova moeda. Diversifique nos ativos indexados ao CDI-over.”

A matéria selecionada acima remete a uma passagem de Basile (2002, p. 115), ao dizer que o excesso de números termos técnicos e estatísticas esconde a falta do ponto de vista do jornalista e o foco do que deve ser mostrado para o público leitor. Desta forma, os números acabam servindo como um disfarce para as informações que não se apresentaram claras para o jornalista, fazendo com que este não transmita a informação com clareza.

As notícias econômicas, como bem destaca Basile (2002 p.7), se tornaram complexas e de difícil entendimento, fazendo com que se criasse no Brasil, “(...) nos últimos anos, um mito segundo o qual as notícias de economia são chatas (sem que se especifique o que é *chato*).” Ainda segundo Basile (2002, p.113):

Se formos chatos, burocráticos, herméticos, os leitores simplesmente passarão ao largo de nossos textos. Se ao invés disso, formos rápidos, descritivos, atentos, competentes, emotivos e apaixonados em nosso texto, as pessoas certamente se voltarão para nós e o tipo de jornalismo que praticamos.

As críticas feitas à linguagem no jornalismo econômico nos grandes impressos são claras, pois evidenciam que esta é complexa ao entendimento do público leitor, não atraindo estes pela busca por informação. Muitas vezes, esses problemas ocorrem porque o profissional voltado ao jornalismo econômico nem sempre é especializado, resultando na presença de especialistas na área de economia e sociologia, não jornalistas. (Kucinski, 1996). Grande parte dos jornalistas não tem o preparo para transmitir as informações econômicas, eles apenas reproduzem o discurso das fontes, com uma linguagem difícil e nem um pouco atrativa para o público leigo no assunto. Kucinski (1996) recomenda que haja uma divisão do jornalismo econômico em setores, exemplificando da seguinte forma: Um setor que trate de negócios, pois é preciso entender mecanismos de concentração de capital; e outro que trate de políticas macroeconômicas do governo, devido à necessidade de se familiarizar com as relações entre variáveis econômicas como juros, inflação e câmbio. O entendimento desses setores faria com que o jornalista interpretasse melhor os fatos, ou os conceitos, pois muitas vezes esses são interpretados de maneira errada, fazendo com que a informação chegue deturpada ao leitor.

Na maioria das vezes, nos textos de economia, o jornalista narra os fatos sem se preocupar se o leitor vai entender ou não. Prevalece a linguagem técnica apenas destinada a transmitir a informação. Para Mário Erbolato (2008, p.105), os fatos ocorridos não devem apenas ser descritos, precisam se tornar compreensíveis e assimiláveis. “Narrar apenas o que aconteceu, sem que se dê conhecimento do fato pormenores, será perder a oportunidade de levar ao receptor um jornalismo vivo, atuante e com histórias humanas”.

Temas relacionados com a economia estão presentes diariamente em nossas vidas, não apenas nos cadernos específicos dos meios impressos. Se a informação econômica vier com a clareza necessária ao entendimento do leitor, será mais fácil apreendermos porque determinados problemas, às vezes tão distantes da nossa realidade, por exemplo, afetam diretamente nosso bolso. Como explicado na citação abaixo de Basile (2002):

Enquanto tais fenômenos externos, em geografias distantes, ocorrem em profusão, sentimos que nosso destino é impactado das mais diversas maneiras. Uma grande empresa de energia quebra nos Estados Unidos e, subitamente, os empregos de sua subsidiária no Brasil começam a minguar. Árabes se organizam, episodicamente para fazer com que os preços do petróleo subam, cortando a produção e, pouco depois, você sente o peso dessa decisão quando vai encher o tanque do seu carro. (BASILE, 2002, p.4)

Além da questão da falta de preparo dos jornalistas que se dedicam aos fatos econômicos, existem os critérios jornalísticos que muitas vezes transformam a informação em algo padronizado para os leitores. As fórmulas, como o *lead*, por exemplo, primeiro parágrafo da notícia que destaca o fato, dentre outras de que o jornalista não consegue se desprender acaba por massificar a notícia.

Outro problema notado, não está apenas na linguagem empregada, mas nos assuntos econômicos abordados. José Sarcinelli, repórter da Editoria de Economia do Jornal "A Gazeta" - Vitória- ES<sup>(5)</sup>, menciona que:

O jornalismo econômico seja o praticado nos jornais de circulação nacional - como *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil* e *O Globo* -, ou nos regionais, simplesmente excluiu os já socialmente excluídos. Raras são as matérias abordando as condições de vida, os sonhos e os atos dos sem-teto, sem-escola, sem-família, sem-saúde, enfim, sem-cidadania. A realidade econômica e social, fruto da má-distribuição da renda, tão visível nas ruas de nossas cidades, parece não ter força para chegar até as páginas dos diários.

Deste modo, o Jornalismo Econômico acaba minimizando a crítica com seus temas limitados e linguagem técnica. O interesse do grande público muitas vezes é deixado de lado, existindo uma confusão entre o mundo dos negócios e a economia. Biondi (1975, p. 15) menciona que “Podem-se ver nos principais jornais páginas e páginas sobre o mundo dos negócios e do mundo empresarial e raramente tentando

---

<sup>(5)</sup> Jornalismo econômico, a sedução do poder. Disponível em: <http://www.hottopos.com/mirand3/econ.htm>

questionar até que ponto os interesses dessa área empresarial coincidem com os interesses da coletividade”. A informação econômica não deve interessar, apenas, aos economistas, mas sim o público em geral. Ilustrar as matérias partindo de casos de pessoas, mostrar as consequências das oscilações nas taxas de juros, por exemplo, tornaria o jornalismo econômico mais próximo da realidade da população que necessita dessa informação.

Reconhecemos que assuntos que são mais complexos não devem sair da pauta do jornalista econômico. Entretanto, na busca por uma linguagem mais compreensível para o leitor, esses temas seriam transformados para se tornarem de fácil assimilação. Temas mais complexos são geralmente abordados sem a indispensável contextualização, sem fornecer referências completas e os motivos subjacentes aos fatos resultam em notícias distantes para o leitor. Desta forma, os assuntos acabam sendo impelidos, acrescentando muito pouco ao leitor especializado que fica insatisfeito com a simplificação da notícia, enquanto o leigo, como explica Amaral (1986), não recebe uma formação suficiente a ponto de criar base para novas discussões e mesmo um posicionamento diante dos acontecimentos.

A falta de criticidade no noticiário econômico reflete-se em uma matéria onde não existem personagens, mas sim números, a abordagem do tema se torna superficial, focada em detalhes que não interessam a população. No jornal *Gazeta do Povo*<sup>(6)</sup>, por exemplo, notamos como a informação econômica ainda é engajada em dados numéricos, apenas apresentando os números sem nenhuma discussão crítica sobre o assunto abordado:

A inflação medida pelo Índice de Preços ao Consumidor - Semanal (IPC-S) recuou para 0,26% na terceira quadrissemana de fevereiro ante 0,55% na quadrissemana imediatamente anterior, segundo a Fundação Getúlio Vargas (FGV). Cinco das oito classes de despesas que compõem o IPC-S registraram decréscimo em suas taxas de variação no período: Alimentação (de 1,86% para 1,48%), Habitação (de -1,25% para -1,87%), Vestuário (de -0,03% para -0,20%), Educação, Leitura e Recreação (de 1,97% para 1,15%) e Despesas Diversas (de 2,84% para 1,88%). Registraram acréscimo em suas taxas os grupos Comunicação (de 0,10% para 0,21%), Transportes (de 0,70% para 0,93%) e Saúde e Cuidados Pessoais (de 0,37% para 0,47%). (Gazeta do Povo, 2013).

---

<sup>(6)</sup> Fonte: Gazeta do Povo, 25/02/2013. Inflação pelo IPC-S recua para 0,26% na 3ª quadrissemana.

Como menciona Sarcinelli (2005), a partir do momento em que o jornalismo econômico ignora os fatos que realmente interessam ao cidadão, ele passa a encobrir os verdadeiros valores que impulsionam a economia e que explicam em boa parte as bonanças e as mazelas deste país. Acaba, assim, por desviar do seu papel de mostrar a realidade para que os agentes sociais possam, dentro do jogo democrático, promover as reformas necessárias ao bem estar coletivo. A imprensa, desta forma, apenas cobre a agenda oficial do governo e do mercado, com pesquisas e balanços que somente interessam aos que estão à frente dos assuntos econômicos.

Esta falta de reflexão e criticidade, ao tratar dos assuntos econômicos, reforça os padrões ideológicos dominantes ditados pelo neoliberalismo, que defende a livre empresa na esfera econômica e a democracia liberal na esfera pública. Esse discurso neoliberal, apoia o crescimento do lucro em detrimento do desenvolvimento social e o jornalismo econômico acaba por legitimar este discurso, se mostrando a favor da manutenção dos interesses empresariais e governamentais. Kucinski (2000, p.188) reforça esta ideia ao mencionar que:

Na era neoliberal o jornalismo econômico se torna quase um “aparelho ideológico do Estado”, um dos mecanismos não coercitivos usados pelas elites dominantes ou pelo Estado para manter as condições de reprodução do sistema, ao lado da escola e da Igreja, conforme a tese do filósofo francês Louis Althusser.

Outro problema notado na abordagem dos assuntos econômicos é a falta de pesquisas confiáveis. Muitas dessas pesquisas não refletem a realidade da sociedade. Segundo Kucinski (2000, p.22), no Brasil as estatísticas socioeconômicas são poucas, imprecisas e fortemente determinadas por um conteúdo de classe, assuntos como: desemprego, renda e impactos da inflação não são trabalhados de forma completa, camuflando a realidade.

### **3.2 Política e economia nos anos 90 e a sua repercussão na grande imprensa**

Após apresentarmos diversas discussões sobre as fragilidades do exercício do jornalismo econômico e as dificuldades de compreensão do seu conteúdo, trataremos sobre a política e economia no período do semanário objeto de nosso estudo, *Bundas*. É necessário compreendermos os problemas econômicos do período e a política

vigente para notarmos a forma como foram trabalhadas as questões econômicas no semanário e, assim, perceber o quão diverso este era dos grandes veículos impressos.

Os anos 90 foram marcados pelo desemprego, privatizações, adoção da política neoliberal, fatores que levaram o Brasil a diversos problemas econômicos. Nesse período já vivíamos numa democracia, mas o país ainda enfrentava problemas econômicos estruturais e de difícil solução. Fernando Henrique Cardoso (FHC), presidente do Brasil nos anos 1995 a 2003, governou o país quando ainda vivíamos sob um período de inflação gerada nas décadas anteriores. O Plano Real não foi adotado apenas como medida de contenção da inflação. A nova moeda foi uma forma de inserir o Brasil ao contexto neoliberal, como aponta José Luís Fiori (1997, p.14):

(...) o Plano Real não foi concebido para eleger FHC; FHC é que foi concebido para viabilizar no Brasil a coalizão de poder capaz de dar sustentação e permanência ao programa de estabilização do FMI, e viabilidade política ao que falta ser feito das reformas preconizadas pelo Banco Mundial.

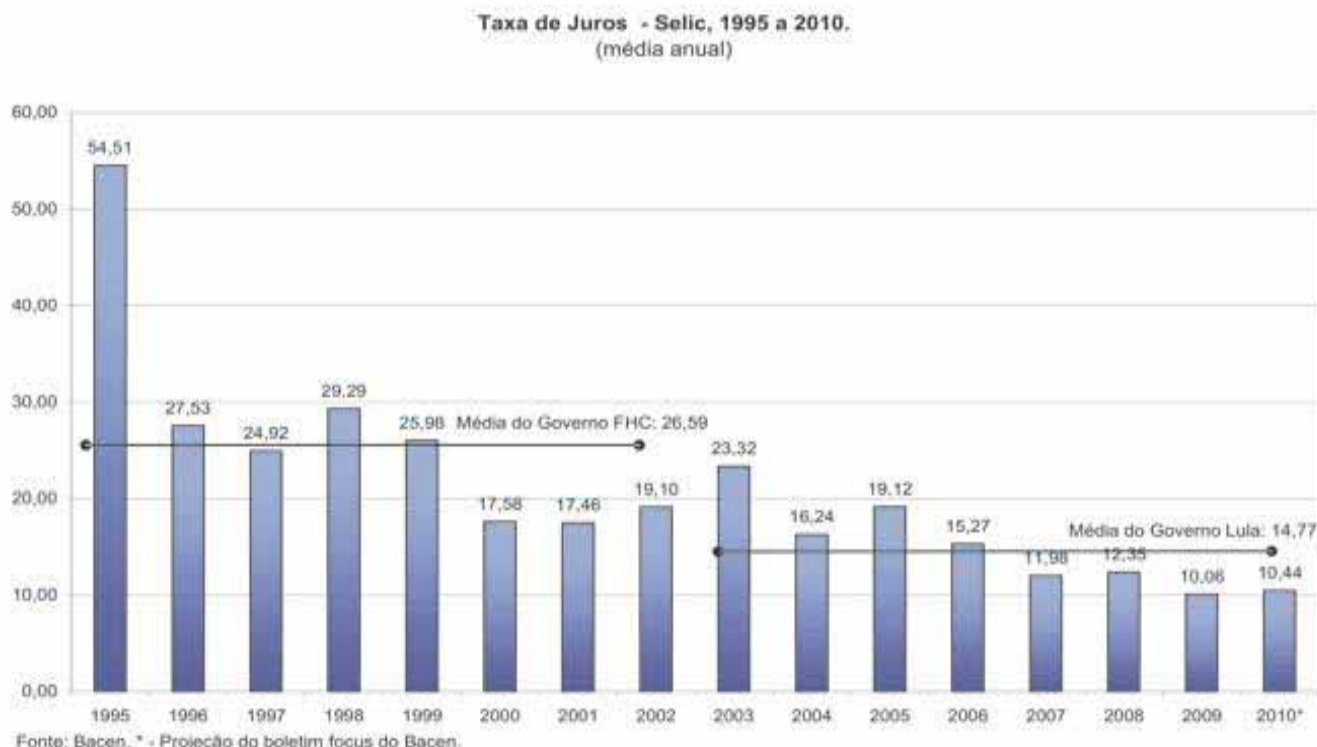
Segundo Fiori (1997), a partir da adoção do Plano Real o governo começa a apoiar as privatizações e exportações, com uma política econômica de juros altos para atrair o capital estrangeiro. A necessidade de acúmulo de dólares para formar a base monetária foi extremamente prejudicial à economia interna, pois limitou o crescimento por meio de altas taxas que tornavam inviável qualquer tipo de financiamento. Quem lucrava mesmo eram os capitais especulativos internacionais favorecidos pelos altos juros em vigor no país. Com a moeda desvalorizada as exportações avançam, mas as importações corroíam divisas provenientes dessa atividade econômica. Para fazer caixa se iniciava uma política sistemática de apoio às privatizações, objetivando eliminar despesas e tornar o Estado mais ágil e eficiente.

Para conter a inflação, Fernando Henrique Cardoso, ainda no governo de Itamar Franco, desenvolveu o Plano Real. Externamente a economia mundial se encontrava bastante conturbada. Em 1994 estoura uma crise no México, em 1997 uma crise na bolsa de Hong Kong e, em 1998, a Rússia decreta um calote de 32 bilhões de dólares. Esses episódios fizeram com que houvesse desconfiança dos investidores estrangeiros nos países emergentes e retiraram boa parte de seus investimentos deslocando-os para países mais seguros. Dessa maneira, ficavam patentes as fraquezas da política econômica baseada na entrada de capital estrangeiro e sobrevalorização monetária.

As altas taxas de juros diminuíram o volume de moeda em circulação, o que permitiu a valorização da moeda nacional. Entretanto, se comprometeu o crescimento econômico, não só pela redução do volume de moeda em circulação, como também pela restrição ao crédito. Paul Singer (1999, p.67) menciona que quando o governo aumenta as taxas de juros em defesa do câmbio força os comerciantes, consumidores e banqueiros a terem menos crédito, isso faz com que se lucre menos se consuma e produza menos. A restrição ao crédito resulta, segundo Paul Singer (1999, p.75), em:

(...) um agravamento enorme da inadimplência, a qual se tornou arrasadora quando milhares de operários que tinham se endividado foram demitidos. A grande crise bancária de 1995 teve por origem o corte do crédito e a falta de pagamento. O governo deixou que o Banco Econômico fechasse as portas, impondo prejuízos aos depositantes, parte dos quais fechou empresas e despediu empregados.

Na figura abaixo, é mostrada, a taxa de juros, desde o primeiro mandato do governo FHC até o governo Lula. Fica evidente a média alta, 26,59%, no mandato de Fernando Henrique Cardoso se comparado com o governo Lula:



Fonte: Bacen. Projeção do boletim focus do Bacen.

Apesar de o governo FHC ter diminuído a inflação, a desaceleração da economia acarretou o desemprego. Devemos salientar que tal situação se apresentou de forma geral na maioria dos países que seguiam esses princípios. Nas análises do impresso *Bundas*, vamos constatar tal afirmação. Plihon, ao citar o caso da União Europeia, trata dessa questão: “A desaceleração do crescimento engendrou importantes tensões sobre os mercados de trabalho, levando a um crescimento irreversível do desemprego.” (PLIHON, in Chesnais, 1998, p.102)

Na tabela abaixo, sobre os caminhos do desemprego, se encontram dados que nos mostram o seu aumento, mas o que os números não evidenciam são as consequências dolorosas para o trabalhador brasileiro.

|                         | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 |
|-------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| <b>Média Anual em %</b> | 10,7 | 12,9 | 13,4 | 15,5 | 18,9 | 16,9 | 14,9 | 15,3 |

Tabela 1

Fonte: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE-SP, DIEESE e apoio PMPA.

Além do aumento das taxas de juros e desemprego, com a estabilização da moeda brasileira veio a diminuição do Produto Interno Bruto (PIB) tal como pode se observar na tabela seguinte:

|                           | 1995  | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002  |
|---------------------------|-------|------|------|------|------|------|------|-------|
| <b>Crescimento do PIB</b> | 4,22  | 2,66 | 3,27 | 0,13 | 0,79 | 4,36 | 1,31 | 1,93  |
| <b>Alta dos Preços</b>    | 22,47 | 9,92 | 5,53 | 1,66 | 8,91 | 6,03 | 7,51 | 11,99 |

Tabela 2

Fonte: Portal Brasil.

Houve uma queda na produção devido às altas taxas de juros, aumentando as taxas de desemprego, além de uma diminuição do consumo e desestruturação do sistema produtivo, tanto na indústria quanto na agricultura, acarretando baixos índices de crescimento econômico.

O Brasil estava afundando numa crise cada vez maior, e com o aumento da entrada do capital estrangeiro para diminuir a inflação, a dívida pública e as privatizações aumentavam, assim como aponta Pereira (2000):

O gigantesco aumento da dívida pública brasileira se deu no mesmo período em que foram vendidas empresas estatais federais e estaduais no valor de mais de 60 bilhões de dólares, sem contar com as vendas do ano de 1999. Além da explosão do endividamento, grande parte do patrimônio público foi vendida. O Estado brasileiro se tornou duplamente mais pobre. Encontra-se naquela situação da família que sem dúvida, vende seu patrimônio para pagar a dívida e ainda assim a dívida aumenta. (PEREIRA, 2000, p. 91)

Várias foram as ações tomadas para estabilizar a economia. A jornalista Inaiê Sanches (1999, p. 52) pontua algumas medidas que foram tomadas, como: corte do poder de compra do consumidor com a elevação das taxas de juros; corte de gastos do governo para reduzir o déficit fiscal como saúde, moradia e educação e a desvalorização da moeda para encorajar as exportações e desencorajar as importações, (uma vez que as exportações têm seu preço em dólar, elas se tornam mais caras em termos de moeda local).

Para entender melhor a política econômica empreendida por FHC, é importante entendermos o que foi a política neoliberal, tão em voga nesse período:

O que se convencionou chamar de "política neoliberal" é o esforço do governo em estabilizar a economia no curto prazo; através de políticas fiscais, monetárias, cambiais e de controle de preços, tais políticas visam combater inflação, atingir equilíbrio fiscal (as despesas do governo nunca devem ultrapassar suas receitas), monetário (não deve haver mais moeda em circulação do que o necessário) e o equilíbrio nas contas externas (balança comercial, recursos enviados e recebidos do exterior, juros, etc.). Segundo o pensamento neoliberal, o estado deve perseguir insistentemente estas metas, pois uma vez atingido o equilíbrio, todas as demais forças do mercado levarão a economia a seu ponto ótimo. (STANGE, 2001, p. 01)

Tal política contribuiu para a diminuição da arrecadação, aumentando o déficit público, desacelerando o crescimento e aumentando o desemprego devido á perda de postos de trabalho. A população desta forma era cada vez mais atingida, pois, a intervenção mínima do Estado atingiu o controle inflacionário por meio da elevação das taxas de juros, corte nos gastos públicos, intensificação no programa de privatizações, enfraquecimento dos sindicatos e direitos trabalhistas.

A política econômica adotada foi capaz de conter a inflação, mas por outro lado, com a queda de investimentos nos setores produtivos, houve um aumento da

inadimplência, diminuição do crédito, e altas taxas de desemprego. O combate à inflação em longo prazo criou um ambiente favorável à entrada e dependência do capital estrangeiro e a estagnação econômica do país. A sobrevalorização do Real facilitou o aumento das importações, mas por outro lado encareceu a exportação de produtos brasileiros. Diante deste fato o governo valorizou o real ante a moeda norte-americana para que houvesse um aumento da entrada de dólares no país, criando uma ilusória valorização da moeda brasileira.

Devido a intensas crises estruturais e econômicas enfrentadas pelo Brasil, como discutido nos parágrafos anteriores, o desemprego e as privatizações foram os assuntos mais tratados pelo semanário *Bundas*. A crise econômica que o governo FHC estava enfrentando era o principal foco da revista. Mas este assunto, também era tratado largamente por outros veículos de informação, o que nos chama atenção no tratamento do tema é o fato do semanário se posicionar totalmente contra as medidas tomadas pelo governo, pois o criticava constantemente e de maneira bem sarcástica.

Silva (2006) fez um estudo sobre a política de FHC na mídia impressa e constatou que a grande mídia ou grande imprensa se mostrou favorável a política de Fernando Henrique desde seu primeiro mandato. Nesse sentido, a grande imprensa tentou ocultar as crises, enaltecendo a figura do presidente, mostrando que o modelo político seguido, o neoliberal, levaria o país ao desenvolvimento. Nas palavras de David Renault da Silva, autor da tese de doutorado *Nunca foi tão fácil fazer uma cruz numa cédula? A Era FHC nas representações da mídia impressa*, disponível em uma entrevista no portal UOL<sup>(7)</sup>: “Se você pega o balanço final dos dois governos de Fernando Henrique, você percebe que na Era FHC tenta-se preservar a figura do presidente, no sentido de ‘o presidente está fora de escândalos, ele é um homem íntegro’”.

A imprensa se mostrava conivente com o governo, não publicando muitas críticas às atitudes do presidente. André Garcia (2004, p. 24), por exemplo, fez duras críticas a FHC em seu período de campanha, referindo-se a figura de Fernando

---

<sup>(7)</sup> *FHC e Lula na mídia: dois pesos, duas medidas*. Por Renata Camargo. Disponível em: <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/questao-de-foco/fhc-e-lula-na-midia-dois-pesos-duas-medidas/>.

Henrique como um “garoto-propaganda”, que anunciava as riquezas do Brasil:

O papel de FHC, além de articulador político para aprovação do Real e seus elementos de suporte, reformas e das privatizações, fora, desde seus tempos de ministro, de um competente garoto-propaganda das oportunidades de investimento no Brasil. Em suas viagens ao exterior, nunca esquecia de lembrar aos investidores estrangeiros como o Brasil se tornaria uma “mina de ouro”, com empresas a preços baratos para o padrão internacional, além de estatais com grande potencial de crescimento prontas para serem vendidas nos leilões de privatizações, também a preços módicos.

A revista *Veja*, quando se trata de ocultar os problemas do governo FHC, se mostrou como verdadeira representante dos interesses da classe dominante, ou seja, totalmente favorável ao projeto neoliberal instituído pelo governo. Como menciona Vanderlei Carvalho (2004, p. 29), *Veja* funcionou como um:

(...) meio de comunicação numa sociedade capitalista, *Veja* é aqui tratada a partir de uma dupla caracterização: empresa de comunicação e meio de informação. Como empresa de comunicação, a revista operou como reflexo dos interesses e apreensões do meio social ao qual estava vinculada, ou seja, representou interesses da classe dominante, sem desconsiderar os interesses e a visão de mundo de seus leitores. Como meio de informação participou da formulação do consenso em torno do projeto político em pauta no país, o que vale dizer que tomou partido nas disputas políticas em curso, perfilhando-se ao projeto neoliberal.(CARVALHO, 2004, p.29)

As privatizações eram assuntos frequentemente defendido pela revista, sendo considerados como o melhor caminho para diminuir o déficit público e modernizar as empresas, além de agilizar os serviços. Além das privatizações, o desemprego também era assunto em *Veja*, mas muitas vezes não abordado com a devida precisão, pois os números que indicassem demissões, por exemplo, ou falências de empresas brasileiras, eram ocultados pela revista. Segundo Carvalho (2004), o desemprego era tratado por *Veja* como algo presente em diversos países, até os mais desenvolvidos e a concorrência, para a revista, fazia com que as empresas melhorassem seus produtos e vendessem a preços mais baixos elevando o crescimento do país. Mas a revista não falava das consequências que isso trouxe aos trabalhadores brasileiros, como as demissões, por exemplo. A abertura econômica provocou o fechamento não só de pequenas empresas, mas também empresas de médio porte, pois estas podiam concorrer com os produtos estrangeiros. *Veja* não abordava esses assuntos.

O que sustentava o posicionamento positivo por parte dos grandes veículos de informação era o fato de o governo FHC ter baixado a inflação sofrida pelo governo Collor e, principalmente, aquela dos anos 70 e 80. Apesar de haver setores da esquerda nacional, contrários à política exercida pelo mencionado governo, houve uma melhoria da condição de vida da população e, apesar do desemprego, fez com que o presidente garantisse altos índices de aprovação, levando-o para o segundo mandato em 1998.

Kucinski (2000, p.188) argumenta como funciona a imprensa econômica, na busca por convencer o público de que tudo anda bem, assim como fez *Veja*.

A imprensa econômica abre seus melhores espaços a notícias consideradas positivas sobre o desempenho da economia e reluta em aceitar as adversidades econômicas. No jornalismo econômico, os ciclos expansivos sempre ganham uma sobrevida e as crises em geral são subestimadas.

Contudo, após o segundo mandato do presidente, as críticas começaram a surtir efeito, já que no primeiro mandato o principal problema econômico da população estava resolvido, a inflação. A partir de 1998, outro problema passa a assombrar o país, o desemprego: não que este não existisse antes, mas agora ele se torna mais expressivo e notado pela sociedade. Neste período houve a precarização das relações de trabalho e a queda do emprego formal, visto que já no primeiro mandato de Fernando Henrique, em 1995, desapareceram cerca de 322 mil empregos formais<sup>(8)</sup>.

É neste período, então, que começam a surgir periódicos de oposição ao governo FHC, como o semanário *Bundas*. Dessa maneira muitos intelectuais de esquerda engajaram-se nesse tipo de imprensa, tentando mostrar que o modelo econômico adotado no país era ineficaz e apenas causara mais uma crise nacional.

Mesmo com a nítida visibilidade de estarmos numa crise econômica, os grandes meios de comunicação mantiveram o apoio ao modelo neoliberal. Antunes (2004, p. 32) trata da reeleição de FHC, e mostra o apoio da imprensa para que isso ocorresse:

---

<sup>(8)</sup> Crise, reestruturação produtiva e trabalho nas regiões metropolitanas brasileiras. Marlene Maria Moreira Guimarães. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn119-62.htm>.

Com a mídia monopólica global, em sua hora oficial do Brasil, mostrando a importância de preservar as aves e outros pássaros nas Ilhas Molucas, onde habita a espécie dos molucanos... Tudo muito politicamente correto se o país não estivesse se atolando na crise global em pleno processo eleitoral. Da nossa crise pouco ou nada se falava. Era preciso primeiro vencer, no primeiro turno, sem discutir e debater. (2004, p. 32)

Vimos que a grande imprensa, pouco ou nada divulgava sobre os verdadeiros problemas que o Brasil estava enfrentando, principalmente quando se tratava de economia, em decorrência do regime neoliberal imperante no país. Diante desta realidade, mostrar como um veículo alternativo de informação abordava os assuntos econômicos do período se torna um estudo de suma importância, não só por evidenciar os problemas econômicos, como também por mostrar que a linguagem no jornalismo econômico pode ser clara e compreensível.

O que nos interessa analisar é como o objeto histórico *Bundas* analisava economicamente o segundo mandato de FHC. Como era a sua linguagem ao tratar de economia e como esta se tornou compreensível ao público leitor.

A priori, vimos que a informação econômica, quase sempre é tratada com tecnicismos, tornando sua linguagem inacessível ao público. *Bundas* discutia os assuntos econômicos de forma diferenciada, com artigos, notas curtas e críticas, deixava a informação econômica muito mais atrativa ao leitor.

Em meio a uma crescente crise econômica, acarretando principalmente privatizações e desemprego, o que os brasileiros buscavam nos meios impressos, eram discussões críticas que pudessem explicar tal situação. Não eram somente os números e dados que interessavam. Evidentemente, estes não poderiam ser deixados de lado, mas além deles os leitores queriam possíveis soluções e discussões que aproximassem esses dados a sua realidade.

É nítida a posição de denúncia que o semanário exercia em relação ao governo FHC, como veremos mais adiante com as análises dos textos. Quase sempre seus artigos e notas apresentavam um ar de deboche e ironia contra a política vigente, mas a posição política assumida pelos redatores do jornal não é o que de fato nos interessa. Sabemos que todos os veículos de informação possuem um posicionamento político, mesmo quando não o defendem de forma explícita em suas matérias. Mas a questão chave do trabalho proposto é aferir o posicionamento de um veículo da imprensa, até então considerado fora dos padrões jornalísticos dos grandes veículos impressos e que

denominamos de alternativo, perante os assuntos que tratem dos problemas voltados para as questões econômicas.

A prática do jornalismo econômico nos grandes meios impressos, como visto anteriormente, traz a informação econômica de forma complexa, não sendo suficientemente esclarecedora. Muitos dos grandes meios impressos não possuem uma linguagem acessível para se tratar de economia. É diante deste cenário que pensamos o jornalismo praticado pelo semanário *Bundas* como algo mais acessível, no sentido de trazer a informação econômica ao entendimento de todos.

Diante das colocações de alguns autores, sobre a atuação da grande imprensa no governo FHC, nota-se que esta, no período, quase sempre procurou ser defensora da política vigente, o que acabou por mascarar, muitas vezes, o noticiário econômico. *Bundas* procurou trazer informações de forma diferenciada, se valendo de ilustrações e humor para atrair o leitor ao texto e tornar a informação menos densa, como veremos no capítulo a seguir.

#### **4 A CONSTRUÇÃO DO HUMOR NOS IMPRESSOS**

O presente capítulo se propõe refletir sobre o humor como recurso utilizado na construção de sentido nos meios impressos. Para isso o texto analisa as manifestações e significado do humor nesses meios, levando em consideração as charges, as caricaturas e os cartuns. Para ilustrar como isso ocorre na prática se faz um estudo mais detalhado de como o semanário *Bundas*, nos anos 90, procurou dar continuidade à chamada imprensa alternativa dos anos 70 tecendo críticas ao problemático momento pelo qual passava o país.

O humor constitui uma das formas mais sutis de realizar críticas e promover representações de um determinado período ou pessoa. Coincide com as produções mais tradicionais, as textuais e visuais, principalmente, nas quais se enfatizam os critérios e argumentos destinados a chegar a evidências claras sobre o tema abordado. No humor ocorre algo bem parecido, na medida em que se utiliza da retórica para realizar o ataque ou defesa de outra pessoa, ou situação, destacando seus pontos críticos ou vulneráveis. Nele opera-se um exercício duplo: por um lado tenta-se captar a atenção do receptor provocando o riso, por outro se almeja colocar em situação constrangedora ao personagem ou circunstância abordada.

O humorista busca a convivência do público com seu ponto de vista. A mensagem contida numa charge, por exemplo, pode reforçar a crítica social entendida como assunto que afeta a toda uma sociedade e que pode ir desde os problemas econômicos até o preconceito ou discriminação sexual. Dessa maneira, pode-se afirmar que o conteúdo encontrado no humor facilita a colocação de uma pauta incômoda do cotidiano abordada desde uma ótica marcante e, na maioria das vezes, de fácil compreensão. Pelo humor também se pode despertar a consciência social do receptor.

Dessa maneira o humor ajuda na construção de um pensamento alternativo ao hegemônico por apresentar uma visão diferente do que acontece no entorno e que pode passar despercebido à maioria da população. Assim, olhando para o passado podemos constatar inúmeras formas de expressão usadas pela sociedade para se manifestar contra a ordem estabelecida. Contudo, é necessário ficar atentos, pois, nem sempre os recursos do humor corroboram o pensamento alternativo: por meio dele podem se reforçar preconceitos ou estereótipos impregnados na sociedade, como o racismo e a segregação social. Analisaremos o humor gráfico nos meios impressos, principalmente no semanário *Bundas*, como instrumento gerador de interpretações críticas de personagens alinhados com o poder, nos anos noventa do século passado.

O recurso humorístico, frequentemente é utilizado nos meios impressos como importante instrumento para atrair o público leitor. Para Violette Morin (1970) o humor gráfico seriam desenhos, acompanhados ou não de textos, que questionam as medidas do mundo, recusam a aparência das coisas e rompem com a fotogenia, virando pelo avesso as representações. As caricaturas, as charges e os cartuns fazem parte do humor gráfico, e surgem como forma de contestação através do riso. Ainda segundo Morin (1970), o riso é causado por uma situação cômica e está ligado a algo incômodo dentro de um grupo social. A comicidade que acarreta o riso está presente na ironia, no sarcasmo, na caricatura e os recursos humorísticos que provocam o humor. O riso, por sua vez, então passa a ser utilizado no jornalismo impresso para se transmitir alguma informação, podendo ser ela social, política ou econômica, sendo o exagero e o aspecto burlesco componentes dessa mensagem humorística.

O humor, presente nas caricaturas, nas charges e nos cartuns são considerados os componentes básicos da sátira, uma das expressões do cômico que esteve presente desde a antiguidade no teatro, na literatura e nas artes. Atualmente ele se manifesta de maneira crítica principalmente através das charges, como veremos mais adiante. O riso satírico, desta forma, se tornou uma arma na hora de denunciar alguma pessoa ou

sistema fazendo com que as charges, os cartuns e as caricaturas tenham um objetivo social.

A arte do chamado humor gráfico surgiu no ocidente durante o Renascimento, com imagens de rostos com traços desproporcionais, como na obra de artistas como Leonardo da Vinci por volta de 1500 e outros pintores como Monet e Daumier.



Figura 8. Penna. Uffizi, Florença. Leonardo da Vinci.

FONTE: <http://it.wahooart.com/@/8EWL8M-Leonardo-Da-Vinci-Caricatura>

Leonardo da Vinci buscava retratar a realidade do período através de suas pinturas, e com traços desproporcionais desenhava as pessoas. Esses traços deformados em faces hoje é chamado de *caricatura*, e esta começa a ganhar destaque no Brasil quando passa a fazer parte dos jornais, a partir do período Regencial, e possui um alto poder de crítica, além de possibilitar clareza ao texto que vem acompanhada.

Adiante veremos as principais características do chamado humor gráfico, e como ela se apresenta nos impressos na atualidade.

#### 4.1 Recursos do humor gráfico: caricatura, charges e cartum

Fazem parte do humor gráfico além da caricatura, as charges e o cartum, cada um desses recursos possui características próprias. Para o caricaturista brasileiro Cássio Loredano, a *charge* é uma sátira gráfica de uma situação política, cultural dentre outros assuntos que envolvam a atualidade; já a *caricatura* é uma espécie de retrato fisionômico distorcido e o *cartum* é utilizado como comentário satírico de uma situação atemporal, ou seja, não depende de contexto histórico pois os temas podem ser compreendidos em qualquer época.

Explicando mais detalhadamente, o *cartum* originado da palavra inglesa *cartoon*, significa cartão pequeno (Rabaça Barbosa, 2002). Apesar de ser confundido com a charge, o cartum trata de temas mais gerais, enquanto a charge baseia-se em personagens ou fatos reais, como por exemplo os políticos, que são o seu foco principal. No cartum a imagem pode se sustentar sem o auxílio do texto, e os temas abordados, segundo Violette Morin (1970) versariam principalmente sobre hábitos sociais, atualidades ou fatos científicos.

Para Xavier (2001, p.3) o cartum é *atemporal*, ou seja, sua compreensão pode se dar em épocas diferentes, tendo uma “vida útil” muito mais longa e duradoura que a charge. Também, não há no cartum a presença de uma personalidade real, pública, específica, como na charge. Quando existe relação entre um acontecimento atual e outros fatos vindos de um processo histórico, mesmo que os personagens não estejam ligados, o desenho é considerado um cartum. Este é utilizado mais para comentários satíricos de uma situação independente da atualidade, e como menciona o chargista Chico Caruso, o cartum seria uma cena de horizonte amplo, a charge está centrada em uma situação ou em personagens, enquanto a caricatura está focada exclusivamente em uma pessoa. (Corrêa do Lago, 2001, p.11).

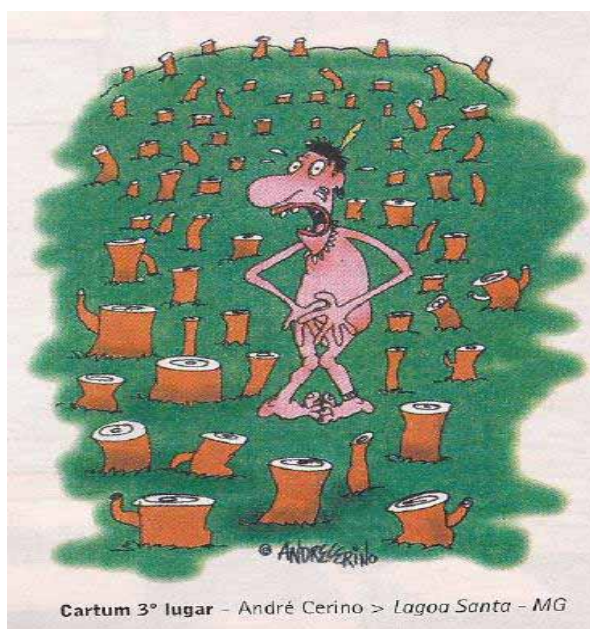


Figura 9. *Bundas*, ed. 23 p. 23.

O exemplo da figura 9 ilustra bem o que pode ser considerado cartum. Um problema grave como o desmatamento ganha um tom mais dramático na medida em que se equipara ao ser humano sem suas vestes. Um alerta claro e abrangente, contém elementos do cartum por abordar um tema real que colaboraria para entender o que um texto sobre tal questão pudesse abordar de maneira descritiva e argumentativa.

A palavra charge vem do francês *charger*– carregar, exagerar, e forma um tipo de texto visual desenhado, cujo objetivo é focar uma determinada realidade, na maioria das vezes política, sintetizando o fato tratado. A charge, diferente do cartum, é algo muito mais complexo tendo como principal objetivo rebelar-se contra os interesses de grupos dominantes. Para Agostinho (1993, p. 21), “Ela atua na ‘contramão’ de tais interesses e, invariavelmente, traduz o inconformismo e a reação do homem comum contra seus dirigentes e governantes.” Ainda, segundo o autor, ela estrutura-se no riso, na comicidade da sátira, da ironia e do ridículo, mostrando ocorrências graves do cotidiano. A charge, desta forma, possui um caráter crítico e moralizador, procurando respostas positivas às intenções em vez de ofensa gratuita do humor negro.

O humor negro, diferente da charge crítica, seria um subgênero do humor, apoia-se em situações preconceituosas e consideradas de mau gosto, além de muitas vezes se referir, de maneira grotesca, a grupos e situações que são marginalizadas pela sociedade. Em grande parte, o humor negro se refere a temas como morte, suicídio, preconceito racial, dentre outras formas de preconceito, como mostrado na ilustração abaixo:



Figura 10

Fonte: <http://www.cortocabeloepinto.com/humor-negro/>

O humor provocado pela charge não é um humor grotesco como o feito pelo humor negro, apenas explora os vícios e defeitos de forma sutil. Como exemplo, mostraremos nas figuras 11, 12 e 13 três charges a respeito do projeto *Avança Brasil* de Fernando Henrique no final dos anos 90, projeto este que visava o crescimento do país com parceiras e programas para o desenvolvimento brasileiro. Pode-se observar que existe nelas uma crítica ao projeto proposto pelo presidente, mas uma crítica com traços claros de denúncia social e de possíveis interessados e beneficiários de tal iniciativa.



Figura 11: Bundas, Ed. 14.



Figura 12: Bundas, ed. 14.



Figura 13: *Bundas*, ed.14 p.25.

A charge passou a ganhar um espaço significativo nos impressos, não só naqueles considerados alternativos como também os da grande imprensa. Caruso (2007) menciona a importância da charge nos jornais e complementa, dizendo ser a televisão um ambiente fértil para difusão deste recurso:

“Onde tiver jornal, tem de ter charge. Como a televisão é uma coisa cada vez mais onipresente, então eu acho natural que a charge vá para a televisão também. Agora a gente tem de fazer ela avançar tanto em termos tecnológicos, quanto em termos de tempo também, nós temos de conquistar mais espaço, porque aquilo acabou sendo, como a charge na primeira página do *Globo*, meio um nicho, um gueto, que fica ali, entra, e tem ali aquele negócio, vinte segundos. Eu gosto quando você começa a poder imaginar um jornal só de charges com um textinho escrito... e eu acho que o jornal na TV podia ser isso, sei lá, só imagem, animação, meia hora de animação e cinco minutos para o *speaker* falar o que ele quiser” (CARUSO, 2007).

Apresentadas as diferenças nas figuras, entende-se que o cartum trabalha com uma situação atemporal, podendo ser entendida em qualquer momento histórico por tratar de temas mais gerais, como exemplificado no caso do desmatamento da figura 13. Desta forma, o cartum se debruça em hábitos sociais, atualidades ou fatos científicos. Já a charge baseia-se em personagens ou fatos reais, possuindo um caráter crítico e moralizador como no caso das figuras 11, 12 e 13, ilustrando as ações políticas de FHC.

Quando se trata da definição de *caricatura*, para Riani (2002), a palavra deriva do verbo carregar, sobrecarregar. Ou seja, seu foco não está nas situações ou reações e sim na fisionomia e personalidade das pessoas. Para Eiser (1989) a caricatura assume um papel na comunicação por registrar emoções, não sendo apenas uma imagem do rosto distorcida ou traços acentuados, muito do que é destacado na caricatura remete a personalidade do personagem. A caricatura, além do seu papel crítico, muitas vezes é usada no lugar da fotografia, por ser mais atraente, e enfatizar o aspecto artístico.

Para Henri Bergson (1987) “A arte da caricatura consiste em captar um pormenor, às vezes imperceptível e torná-lo evidente a todos através da ampliação de suas dimensões.” As formas que são ressaltadas na caricatura não são inventadas, mas sim potencializadas, o objetivo é ironizar a personalidade do imitado e exaltar as falhas do meio social, levando a degradação e ao ridículo através do cômico. Desta forma, a caricatura não tem só como intenção provocar o riso, mas também e principalmente, denunciar falhas que levem as pessoas à reflexão. Para Agostinho (1993, p.187):

A caricatura tem preferência por pessoas ilustres (artistas, intelectuais, políticos, líderes sindicais) e também por obras de arte em geral, atacando cada um deles com diferentes graus de intensidade ou agressividade. Algumas vezes ela recorre ao obscuro, ao chulo e ao grotesco, para atacar falhas morais e, em outras reveste de sutilezas e refinamentos intelectuais.



Figura 14

Fonte: [http://blogdeklau.blogspot.com.br/2010\\_02\\_07\\_archive.html](http://blogdeklau.blogspot.com.br/2010_02_07_archive.html)

A caricatura da atual presidente Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores (PT) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT) ex-presidente do Brasil na figura 14, procura retratar as semelhanças entre os dois políticos. A imagem traz a barba de Lula em Dilma, a mão na mesma posição, inclusive com a falta do dedo mindinho em ambos, o sorriso análogo além de se observar um traço no desenho semelhante. Uma possível

explicação para essas caricaturas pode ser a de tentar mostrar que a atual presidente segue, ou tenta seguir, as mesmas políticas do governo anterior, ou seja, apenas estaria dando continuidade a um projeto, no qual, a figura de Lula emerge como o grande validador. Daí se enfatizar as semelhanças entre ambos e ressaltar a continuidade, evidentemente, desde a visão do autor.

O recurso humorístico presente nas charges, cartuns e caricatura se tornaram algo muito presente na mídia impressa. O chargista Antônio Carlos Nicolielo menciona em entrevista feita ao autor Ribeiro Leal Silva (2003, p. 29) em sua obra *Riso-Brasil*, que o humor se tornou algo muito importante para um jornal:

(...) Pelo menos é uma forma de se saber o que está acontecendo de uma forma mais bem humorada. Isso pode, também, levá-lo à notícia, querendo saber mais sobre o assunto. Uma pesquisa feita pela revista *Veja* mostrou o índice de leitura de minhas charges, quando lá publicava, era de 90%.

A afirmação de Nicolielo mostra a importância que pode ter o humor na hora de se transmitir a informação, ou seja, os recursos como charges, caricaturas e cartuns, nos atraem visualmente e dialoga com texto, não sendo uma mera ilustração e, muitas vezes, nos levam a leitura do assunto. Nicolielo ainda mostra que a leitura do público para suas charges chegava a 90% do público que lia a revista, dado que nos faz constatar que os recursos gráficos empregados nos impressos, atraem a atenção de grande parte do público leitor.

#### **4.2 As imagens gráficas nos impressos e suas manifestações em *Bundas***

Não pretendemos neste item esgotar a trajetória das imagens gráficas nos meios impressos, apenas destacaremos marcos considerados importantes para a relação entre imagem e texto impresso no jornalismo, que podem ajudar a reafirmar as análises do presente estudo.

A imagem nos textos impressos foi possibilitada pela Revolução Industrial, que proporcionou o uso de novas técnicas no jornalismo. A utilização da imagem no jornal impresso surgiu no início do século XIX, e aos poucos foi fazendo parte do imaginário coletivo como afirma Moacyr Cirne (1973). Romualdo (2000) aponta que diante deste fato a comunicação visual e as ilustrações foram sendo inseridas aos poucos nos

impressos, pois o público ainda não estava acostumado com este recurso. O autor ainda destaca que apesar das ilustrações terem ganhado espaço nos jornais junto à notícia escrita, esta ainda estava presa a antigas práticas de publicação, além de haver resistência dos proprietários dos jornais para publicar as gravuras.

Passada a etapa inicial, o uso do humor nos impressos através das ilustrações, além de se tornar um recurso a mais para informar, contribuiu para reforçar ideias e pontos de vista expressos no veículo de comunicação. Os elementos colocados nas imagens contribuíram para que o leitor refletisse sobre o conteúdo do texto, momento no qual se pode afirmar que a ilustração adquiriu o status de gênero da comunicação impressa. Para Pereira W. (1994, p. 37) desde o século XIX:

(...) os recursos utilizados para conquistar o leitor não são apenas de ordem linguística, são também visuais. Assim, a caricatura, uma das expressões do movimento romântico, principalmente no teatro, ocupa um importante espaço nos jornais.

As imagens atuam na produção de sentido e buscam reinterpretar a realidade, seja ela econômica política ou social, através de sua ironia e humor. Os cartuns, charges, histórias em quadrinhos e ilustrações, estão dentro dessa nova cultura da comunicação, fazendo das imagens uma nova possibilidade de se comunicar ou de transmitir uma informação.

As charges, cartum e caricaturas, se inserem no contexto jornalístico pelo seu vínculo com o texto verbal. No *Dicionário de Comunicação* (Rabaça & Barbosa, 2002), a ilustração é entendida como qualquer imagem que acompanha um texto de jornal, podendo ser mais importante do que o texto escrito ou, mesmo, prescindir do texto, apesar de estar constituindo uma unidade do espaço gráfico. No caso do nosso objeto de estudo, onde as charges se destacam no texto econômico, esses elementos vêm com a intenção não de provocar o riso de imediato, mas apresentar o fato sob a perspectiva do humor e, nem sempre, possuem uma relação direta com o texto, mas, sem dúvida nenhuma carregam uma crítica forte contra as políticas do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Quando se trata da imprensa alternativa, as ilustrações podem ser vistas como uma possibilidade de informar de maneira crítica, permitindo uma visão diferenciada da realidade e do fato noticiado pelo veículo. As charges, por exemplo, com características humorísticas, funcionariam como um apelo ou uma forma de satirizar algo ou alguém. E

como aponta Romualdo (2000), podem servir de referencial para outras políticas ou até estimular a leitura de editoriais e opiniões. As imagens empregadas no semanário *Bundas*, apesar de terem sentido em si mesmas, apresentam uma relação com o texto, oferecendo ainda uma visão mais crítica à matéria.

Diante desse fato, as imagens devem ser entendidas e estudadas como elementos que acompanham o texto, e muitas vezes o complementam. É como menciona Martine Joly (1996, p. 121) a complementaridade das imagens e das palavras também reside no fato de que se alimentam uma das outras.

Tomando como referência o caso do Brasil, verifica-se que a trajetória dos recursos ilustrativos na imprensa se assemelha muito ao que aconteceu no restante do mundo. O avanço técnico praticamente ocorreu de forma paralela à aceitação pelo público das imagens nos veículos impressos.

Manuel de Araújo Porto Alegre, considerado o primeiro caricaturista do Brasil, em 1837, procurou retratar episódios da política imperial no Brasil, sendo a primeira expressão de desenho de humor de caráter satírico. Mas suas publicações apareceram anos depois em periódicos como a *Semana Ilustrada*. A princípio, seus desenhos eram criados a fim de enaltecer a figura do imperador e divulgar as notícias da corte portuguesa, apenas no final da década de 1870 é que começaram a incorporar críticas à estrutura política, costumes, e religião.



Figura 15. Autorretrato de Araújo Porto-Alegre/ 1830. Foto: Reproduções / História da caricatura brasileira.

FONTE: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/aniversario-de-porto-alegre/noticia/2013/03/manoel-de-araujo-porto-alegre-o-primeiro-caricaturista-do-brasil-4075646.html>

No Segundo Reinado, quando a imprensa adquire destaque no cenário brasileiro, a caricatura passa a aparecer, mas apenas nos impressos avulsos já que os jornais não publicavam caricaturas (FONSECA, 1999 p. 208). Os recursos tecnológicos ainda eram precários neste período, fazendo com que a impressão não tivesse boa qualidade, fator que levava os jornais a não quererem publicar as caricaturas. Mas, após a inovação das técnicas na imprensa, a caricatura passa a ganhar espaço, sendo a primeira delas feita no *Jornal do Comércio*, no Rio de Janeiro, por Manuel de Araújo Porto Alegre. Ainda neste período surge o periodismo, o satírico em particular, com algumas ilustrações. O primeiro periódico ilustrado humorístico brasileiro, com existência duradoura foi a *Semana Ilustrada* (1860-1876) criada pelo alemão Henrique Fleiuss. (Romancini; Lago, 2007, p. 59). Este impulsionou o surgimento de outros periódicos baseados no recurso humorístico.



Figura 16. Semana Ilustrada, 20 fev, 1870.

A partir do momento em que a caricatura passa a ter destaque nos impressos a crítica social ganha uma forma cômica. Surgem, então, revistas com diversas ilustrações e desenhos caricatos como: *Careta* (1908-1960), *Fon-fon* (1907- 1955), *Ilustração Brasileira* (1909-1935), *O Malho* (1902-1930), *O Tico- Tico* (1905-1977), dentre outras. Como destaca Sodré (1999, p. 446), essas revistas haviam marcado sua posição desde o início do século, mas com o transcorrer do tempo desapareceram todas.



Figura 17: 7 de junho 1919



Figura 18: Maio 1938



Figura 19. 20 de fevereiro de 1954.



Figura 20. 13 de fevereiro de 1904.



Figura 21. Fevereiro, 1952.

No século XIX, o principal alvo desses impressos era a emergente burguesia que começava a prosperar à sombra da aristocracia imperial. Lima (1963) menciona que depois de cumprirem a missão de informar e divertir as classes mais abastadas, essas revistas eram jogadas fora e caíam nas mãos dos escravos que, apesar de iletrados, acabavam rindo dos desenhos engraçados, dos rostos deformados, das situações cômicas, mesmo sem reconhecer as eventuais personalidades citadas ali.

No período imperial, as expressões humorísticas do povo eram vistas nas festas de carnaval, com máscaras e bonecos, como destaca Fonseca (1999 p.205). Saliba (2002, p. 43) menciona que no final do Império o recurso cômico era pouco disseminado pela inexistência de meios de difusão, além do que (...) havia um mal disfarçado desprezo da cultura em geral pela produção humorística, a não ser quando esta se mostrava suscetível de ser incluída — ou classificada — nos moldes estéticos consagrados do romance, do drama ou da epopeia.

Dentro dessa ótica do uso da ilustração no jornalismo e como ela pode agregar sentido ao texto, apresentamos o caso de *Bundas* e algumas de suas matérias com o intuito de aferir como se dá essa relação de agregar valor aos temas abordados.

A leitura realizada dos 80 números do semanário evidencia inúmeras possibilidades de abordagem do conteúdo oferecido aos seus leitores. O uso de ilustrações, sendo elas cartuns ou charges, além de chamar a atenção para o texto, traz descontração à informação, provocando o riso através do uso do humor. Muitas das

ilustrações não servem apenas como complemento visual, como pretendemos mostrar adiante com uma matéria de *Bundas*, ela traz um comentário sobre o texto, com uma visão pessoal do desenhista, (Braga, 1991, p. 160). Esses recursos gráficos se destacam, então, por ser um produto comunicativo, dialogando com o texto, não uma mera ilustração.

O cartum da figura 22 feito por Jaguar no semanário, apresenta três pessoas conversando. Com uma discussão bem irônica sobre o crime organizado, os personagens se mostram satisfeitos, mesmo diante do problema que enfrentam. Por um lado, um casal que, pela forma ilustrada, aparenta ser da classe média ou alta. Por outro uma pessoa com um revólver consumando o assalto. O paradoxo do cartum se encontra na maneira como esses personagens são apresentados. O assaltante, passando uma informação “importante”, com expressão séria, compenetrada, com um ar de profissionalismo, enquanto os assaltados, felizes, realizam comentários otimistas sobre o ato em si. “Crime organizado é isso aí”, “Coisa de primeiro mundo”. Expressões que podem conter um sentido duplo: apresentar o crime organizado de maneira positiva e, ainda, evidenciar a falta de consciência do problema social por parte de um segmento da população, que teria como parâmetros o primeiro mundo, símbolo da organização, do desenvolvimento e da perfeição.



Figura 22. *Bundas*, n. 22 p.4.

Na ilustração da figura 22 além das interpretações realizadas anteriormente, sobressai um aspecto social presente nos meios de comunicação pelo crescimento da criminalidade no país. Já o recurso humorístico corrobora para incentivar a reflexão sobre a violência. A própria cena em si propicia uma reflexão sobre o tema, mostra os componentes sociais implicados no assunto, além de provocar, pelo componente humorístico, a atenção entre os leitores para um tema social. A sátira e o sarcasmo usados no exemplo anterior evidenciam a força que pode ter o cartum como ferramenta visual na hora de alertar para problemas estruturais da sociedade.

A charge, recurso frequente em *Bundas*, também aparece muitas vezes para ironizar a figura do presidente FHC e, através dela, se discutem questões envolvendo seu governo. Este recurso utilizado no semanário faz com que a informação se torne diferente da realizada pela grande imprensa, pois como aponta Romualdo (2000, p.5) “Além da facilidade de leitura, o texto chágico diferencia-se dos demais gêneros opinativos por fazer sua crítica usando constantemente o humor.”

No transcorrer do texto acreditamos ter deixado claro que o humor gráfico é um importante recurso artístico/comunicacional, que contribui para esclarecer acontecimentos usando recursos próprios ao gênero, como podem ser o cartum, a charge ou a caricatura.

Apesar de o recurso gráfico estar presente na grande imprensa, *Bundas* se apoiou principalmente no humor das charges, da caricatura e dos cartuns para transmitir a informação de caráter crítico em relação ao governo Fernando Henrique Cardoso. Rico em ilustrações o semanário abordava assuntos sérios sem deixar o humor de lado em todas as suas páginas, servindo de contraponto às versões hegemônicas dos meios de comunicação massivos em circulação no país. O alvo do semanário, embora fossem preferencialmente o governo Fernando Henrique Cardoso e a situação de crise vivenciada pelo Brasil, ultrapassa os temas meramente políticos e provoca a reflexão sobre o cotidiano e a deterioração social que atingia a sociedade brasileira, como veremos mais adiante na análise das categorias.

## **5. O SEMANÁRIO BUNDAS**

O semanário *Bundas* se inseriu no mercado jornalístico como uma forma de resgate da imprensa alternativa dos anos 70. Em meio a uma economia considerada bem

difícil para o final dos anos 90 e uma política baseada na total liberdade de comércio, o país enfrentava um dos seus piores momentos econômicos, o desemprego.

*Bundas* se destaca nesse período por retratar um lado da política que dificilmente era mostrado pelos grandes veículos impressos de informação, destacando a figura do presidente FHC de forma negativa e satirizada, como veremos mais adiante na categoria *FHC*. O que chama a atenção no semanário, em um primeiro momento, é a forma com que este trata a política de FHC, com diversas críticas, ataques, e ironias. Apesar de o semanário se mostrar como um veículo que está no mercado apenas para detratir a figura do presidente, com imagens e palavras muitas vezes grosseiras, ele se apresenta como defensor da população, no que diz respeito aos problemas que esta estava enfrentando no período. A partir de então, surge o interesse nas matérias que tratam de economia.

*Bundas* não era especializado em abordar assuntos econômicos, mas trazia vários artigos e notas a esse respeito, publicações essas que evidenciam a facilidade de compreensão da informação econômica, mas não possuía uma coluna fixa para tratar de economia. Aloysio Biondi, responsável por tratar dos temas econômicos no semanário, trouxe sua visão crítica sobre economia de 1999 a 2000, ano em que faleceu. Biondi escreveu diversas matérias sobre economia, com uma linguagem clara e sempre trazendo-a perto da realidade do leitor. No dia 25 de junho do ano 2000, é publicado seu último artigo no semanário. Biondi mostrou que o humor poderia sim ser associado às questões econômicas e mesmo após seu falecimento o semanário sempre procurou trazer matérias críticas envolvendo economia, mesmo que essas não fossem fixas.

O semanário, de uma maneira geral, procurou trazer uma linguagem bem informal, a fim de atender às diversas camadas sociais, consequentemente suas matérias sobre economia também seguiam esta característica. É válido lembrar que as informações econômicas não eram o carro-chefe do semanário, portanto, nem todas as edições traziam esse tipo de informação, mas apesar disso, suas matérias, ou até mesmo suas notas, se destacavam por mostrar a economia de uma forma bem diversa dos grandes veículos impressos.

A forma como o semanário foi editado também merece destaque, pois foi muito bem ilustrado e, devido ao uso de termos coloquiais e humor através das charges, caricaturas e cartuns, diferiu de alguns periódicos de grande circulação. Inicia, na maioria das vezes, com uma charge de Millôr, e traz algumas seções fixas como o editorial de Luiz Fernando Veríssimo, dedicado aos acontecimentos do Brasil e do

mundo que, de alguma maneira, interferiram na política brasileira. *Bundas* também realizava e publicava entrevistas com políticos e celebridades, principalmente aquelas que estavam promovendo polêmica e que se destacavam no meio político e social brasileiro.

Não é exagero afirmar que *Bundas*, como um todo, realizava uma constante crítica ao governo vigente, assim como usava suas páginas para mostrar escândalos e denúncias da administração tucana, mas não se destacava apenas por isso, pois, contava com artigos que trataram de temas variados, como saúde, música, identidade cultural e ciência.

*Bundas* reviveu os sentimentos do *Pasquim* e também de outros impressos alternativos do período dos anos 70, devido as contestações e críticas ao modelo político vigente e aos problemas sociais e econômicos enfrentados na época, mas não conseguiu permanecer no mercado por muito tempo. Os primeiros números do semanário foram um sucesso, as pessoas queriam saber que conteúdo uma revista chamada *Bundas* trazia em suas páginas, mas muitas vezes seus assuntos e imagens soavam ofensivos, sendo associada a revistas pornográficas. O semanário chegou a ser ensacado e proibido para menores de 18 anos, aliás esse seria um dos fatores que levaram a perda de grande parte do seu público:

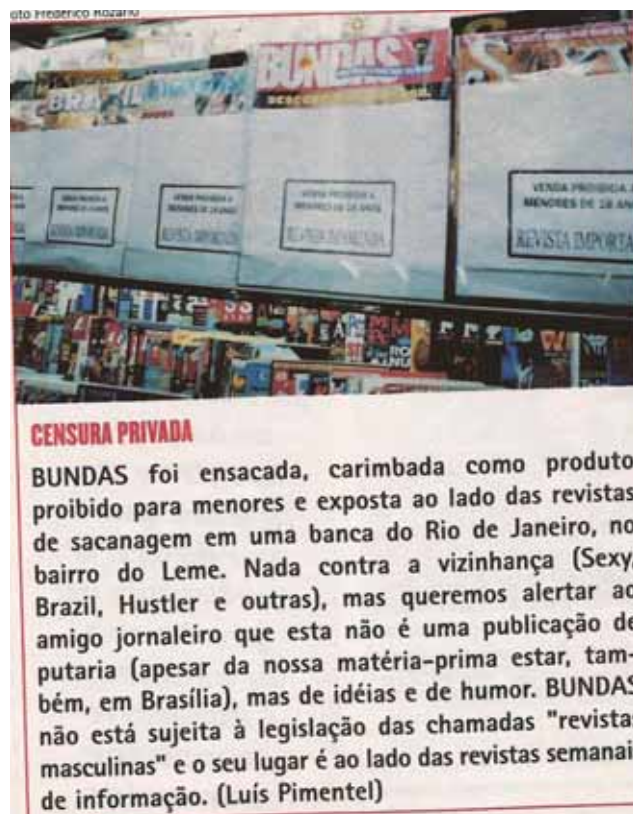


Figura 22: Bundas, Edição 46, p. 43.



Figura 23: Edição n 49, 2000.

A ilustração de Paulo Caruso, abaixo, mostra de uma maneira bem humorada a reação das pessoas ao pedirem o semanário nas bancas. O espanto com o nome era algo constantemente presente nas pessoas. Diante deste fato, cada edição trazia uma

brincadeira com o nome do impresso. Logo que o leitor abre o tabloide é apresentada uma charge satirizando a reação dos vendedores das bancas:



Figura 24: Bundas, Edição 78, p. 18.

Em 2001 o semanário para de circular. *Bundas*, nesse período, se torna Almanaque, não sendo mais em formato tabloide, até a forma como nome do semanário era escrito passou por mudanças, de *Bundas* passou a ser *Bumdas*. A substituição do N pelo M talvez tenha sido uma estratégia para não causar tanto espanto com o nome do impresso. Ziraldo, em uma de suas edições, propôs a mudança do nome, logo na primeira página da edição de número 77, quando já não era mais em formato tabloide. O criador do impresso propõe a mudança: “Estamos pensando seriamente em mudar o nome da revista, porque em Bundas anúncios não entram.” Esta foi a afirmação de Ziraldo, relutante quanto ao fim do impresso.

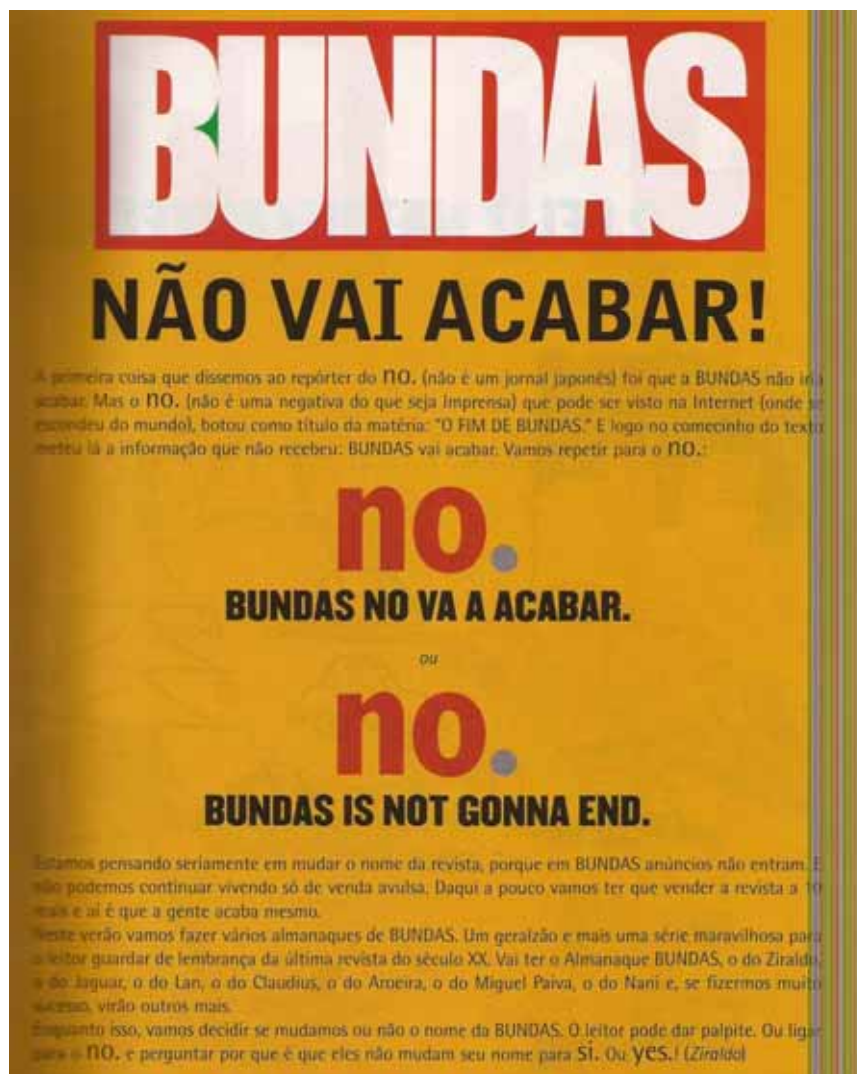


Figura 25: BUNDAS, Edição 77, Contra capa.

Mas mesmo após todas essas mudanças, aos poucos, ele passa a perder seus leitores, chegando ao fim em 2001. A justificativa dos idealizadores do semanário para seu fim foi a falta de publicidade e público, fatores que fizeram com que este saísse do mercado. Constantemente, eram feitos apelos para que a revista tivesse mais publicidade, um deles foi o publicado na edição de nº 36, com o título em letras garrafais dizendo: “Por que anunciantes estão deixando *Bundas* de fora?”.

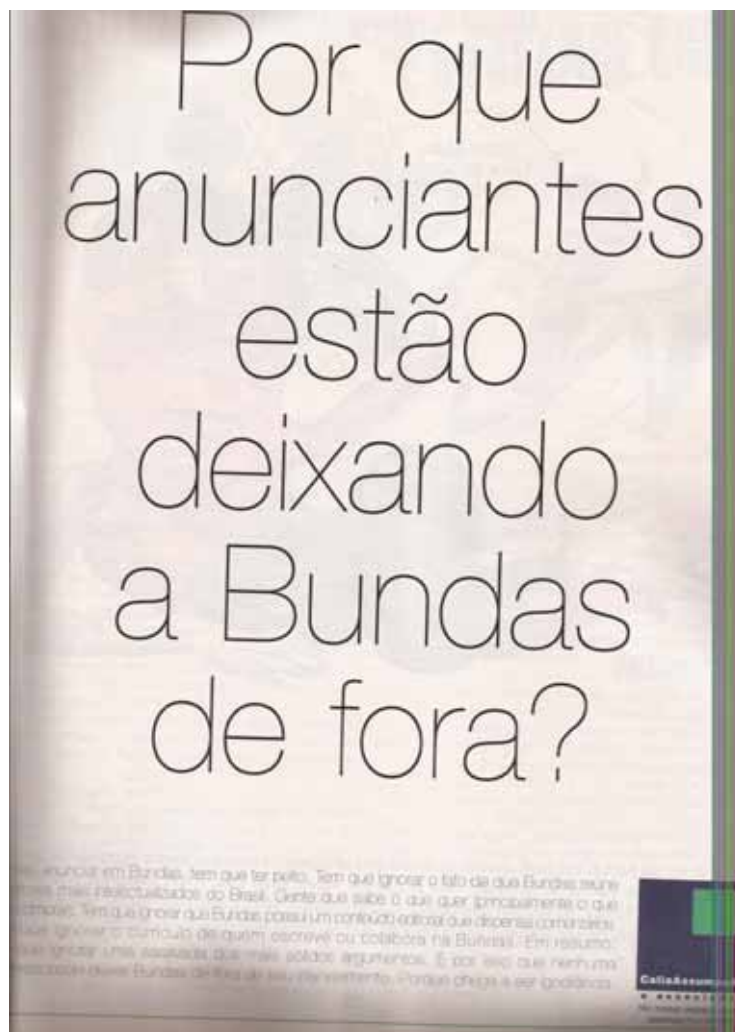


Figura 26: Bundas, Edição 36, p. 33

Diante da falta de publicidade e público, *Bundas* não circulou por muito tempo, mas antecedeu, assim como *Caros Amigos*, e motivou a vinda de outros veículos alternativos da atualidade. E por apresentar uma linguagem diferenciada para tratar de economia se tornou objeto de nosso estudo.

### 5.1 Metodologia do estudo

Para analisar e interpretar a abordagem econômica feita pelo semanário *Bundas* foi feita a análise de todo o seu conteúdo, desde a edição de número um (1), junho de 1999, até a edição oitenta (80), 20 de fevereiro de 2001, totalizando 57 publicações. As notas e artigos explorados, sempre vinham acompanhados de alguma ilustração como, por exemplo, charges e cartuns.

O noticiário econômico em *Bundas* se apresentava, muitas vezes, como forma de denúncia à política do governo vigente, devido à crise econômica vivida no período. A alta da inflação, desemprego e privatizações eram assuntos que apareciam constantemente no semanário. Adiante veremos, por meio de tabelas, a frequência das notícias que tratavam da crise econômica no impresso, para que, assim, possamos detectar, através de uma análise textual, a forma como era apresentado o conteúdo, a linguagem empregada e o uso das imagens, ou seja, evidenciar a abordagem do semanário em transmitir os assuntos econômicos de forma clara e acessível.

Para realizar a coleta e análise dos dados que emergem do periódico, este trabalho irá se inspirar na análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977), pois criaremos categorias para detectar a forma como a informação econômica era transmitida, analisando de forma qualitativa o seu conteúdo. Segundo Bardin (1977, p.42) a análise de conteúdo seria um:

Conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (qualitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Como menciona a autora, a análise de conteúdo não se baseia apenas em dados quantitativos. A análise possui uma fase qualitativa, com a interpretação dos dados coletados. Sendo assim, nos inspiramos nesta metodologia de estudo para fazer uma análise textual do conteúdo com o intuito de buscar compreender a forma como *Bundas* abordava os assuntos econômicos, nos quais privilegiaremos o estudo da linguagem utilizada nas notícias publicadas nas diversas edições. Dessa forma, acreditamos que conseguiremos explicar a(s) razão(ões) pelas quais esse veículo diferia dos demais quando se trata de uma linguagem mais fácil e clara na transmissão da informação econômica.

A análise textual dos artigos e notas em *Bundas* terá como finalidade mostrar a importância da compreensão da informação econômica para seus leitores. Desta forma, selecionamos e criamos palavras-chaves, que consideramos portadoras de sentido e que ajudarão na definição do propósito da pesquisa. Este procedimento tem por finalidade possibilitar ao pesquisador obter indicadores importantes para a interpretação qualitativa final da pesquisa. Selecionamos os termos que tiveram ocorrência mais frequente, caracterizando esta fase como uma análise puramente quantitativa. Realizado esse

procedimento foram criadas as categorias, ou seja, o agrupamento de matérias por eixos de sentido em torno de itens que se assemelham no seu conteúdo e que nos permitirão, posteriormente, elaborar uma apreciação qualitativa.

Depois da criação das categorias, parte-se para a interpretação dos dados. Esta etapa será feita de acordo com análise teórica realizada nos capítulos anteriores sobre imprensa alternativa, jornalismo econômico e humor. As interpretações serão para validar o que foi abordado, ou seja, mostrar que é possível fazer um jornalismo econômico acessível através de impressos alternativos.

## 5.2 Etapas da pesquisa

Através das explicações explicitadas acima, objetiva-se compreender a forma com que *Bundas* buscou tratar dos assuntos econômicos, e de que maneira ele se mostrou inteligível e claro ao público leitor.

A partir da análise bibliográfica sobre imprensa alternativa (tópico 2: A Imprensa Alternativa) buscamos compreender a sua forma de atuação, e a partir da análise das ideias de autores consagrados na área, como: Chinem; Kucinski; Abramo e Downing, pudemos compreender como esta imprensa, fora dos padrões dos grandes meios impresso, praticava seu jornalismo.

Através da elaboração de um novo conceito de alternativo, podemos notar que os ideais que motivaram a imprensa alternativa dos anos 70, não foram os mesmos após a redemocratização do Brasil. Essa nova geração de alternativos, a partir dos anos 90, veio em busca de se transmitir a informação econômica, abordando assuntos que muitas vezes os grandes veículos ou ignoravam ou eram apresentados de tal forma que só os especialistas poderiam compreendê-lo. Esta imprensa alternativa mostrou-se como um meio de informar partindo de assuntos que interessam diretamente a população e, no caso de *Bundas*, abordando os assuntos econômicos que faziam parte do cotidiano da maioria da população, de forma mais atrativa e clara.

Quanto à abordagem referente ao jornalismo econômico, procuramos explicações por meio da análise de autores como Quintão, Basile Kucinski, dentre outros estudiosos na área (discussão presente no tópico 3.1: A prática do Jornalismo Econômico) para constataremos que a informação econômica ainda é algo inacessível. O jornalismo econômico é praticado por meio de muitos tecnicismos e com assuntos que, muitas vezes, não interessam o público leitor. Diante deste fato, vimos no alternativo

*Bundas* um meio de informação que buscou transmitir o noticiário econômico partindo de uma abordagem diferenciada, devido ao uso de ilustrações humorísticas e uma linguagem mais coloquial.

Além de teorias que tratem de imprensa alternativa e jornalismo econômico, buscamos compreender como os recursos imagéticos podem contribuir para facilitar a transmissão da informação. A partir de autores como Saliba, Fonseca, Joly, Lima dentre outros, foi notado que os recursos gráficos além de complementarem a informação, a tornam atrativa ao leitor, muitas vezes estimulando-o para a leitura do texto (discussão presente no tópico 4: A construção do humor nos impressos). *Bundas* constantemente procurou, servindo-se dos recursos gráficos (charge, cartum e caricaturas), transmitir os seus assuntos de maneira atrativa e compreensiva, algo deixado de lado pelos meios tradicionais. Juntamente com a análise textual e sua linguagem empregada, discutiremos a sua relação com a imagem e a maneira como ela foi construída para dar sentido ao texto.

Após uma leitura detalhada de todas as edições do semanário, vimos que este trouxe diversas matérias sobre economia, totalizando 57 em 80 edições, e através de uma análise textual inspirada na Análise de Conteúdo, será possível compreender o posicionamento de *Bundas* frente ao quadro político-econômico do período. Para que esta análise seja feita, usaremos categorias como mecanismos de estudo, categorias essas ilustradas na tabela abaixo:

#### **MATÉRIAS QUE TRATAM DE ECONOMIA EM *BUNDAS***

Quadro 1

| TEMA              | EDIÇÃO                        | PÁGINA                            | IMAGENS/SEÇÃO                                                                       | MATÉRIAS |
|-------------------|-------------------------------|-----------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|----------|
| <b>FHC</b>        | 16<br>20<br>23<br>45<br>53    | 22<br>34<br>30<br>12<br>8         | Sim/Frei Beto<br>Não/UneBundas<br>Sim/Moacir Werneck<br>Sim/Biondi<br>Não/Bundalelê | 5        |
| <b>Desemprego</b> | 1<br>1<br>4<br>27<br>29<br>52 | 25<br>32<br>24<br>49<br>25<br>8,9 | Sim/Biondi<br>Sim/Nani<br>Sim/Nani<br>Sim/Nani<br>Sim/Biondi<br>Não/Bundalelê       | 12       |

|                       |                                                                           |                                                                               |                                                                                                                                                                                       |    |
|-----------------------|---------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
|                       | 62<br>64<br>68<br>68<br>72                                                | 7<br>36<br>7<br>12<br>9                                                       | Não/Bundalelê<br>Sim/Emir Sader<br>Não/Bundalelê<br>Sim/ Emir Sader<br>Não/Bundalelê                                                                                                  |    |
| <b>Salário</b>        | 14<br>41<br>43<br>49<br>14<br>37<br>42<br>42                              | 24<br>43<br>44,45<br>44<br>24<br>43<br>4<br>26                                | Sim/Sergio Macedo<br>Não/Bundalelê<br>Sim/Bundalelê<br>Não/Bundalelê<br>Sim/Charges<br>Sim/Bundalelê<br>Sim/ Editorial<br>Sim/ Charges                                                | 9  |
| <b>Pobreza</b>        | 08<br>11<br>17<br>18<br>42<br>55<br>67                                    | 41<br>31<br>43<br>24<br>23<br>38<br>11                                        | Sim/Sergio Macedo<br>Sim/Sergio Macedo<br>Sim/Bundalelê<br>Sim/Capa<br>Sim/Biondi<br>Não/Biondi<br>Não/Bundalelê                                                                      | 7  |
| <b>Impostos</b>       | 07<br>08<br>41<br>67<br>72<br>72<br>52                                    | 48<br>41<br>23<br>16<br>09<br>48<br>28                                        | Não/Tutty Vasques<br>Sim/Sergio Macedo<br>Sim/Biondi<br>Sim/Emir Sader<br>Não/Bundalelê<br>Sim/Nani<br>Sim/Nani                                                                       | 7  |
| <b>Privatização</b>   | 6<br>11<br>14<br>27<br>28<br>30<br>32<br>34<br>35<br>39<br>50<br>52<br>53 | 32,33<br>32<br>14<br>28<br>24<br>24<br>24<br>24<br>20<br>28<br>12<br>12<br>22 | Sim/Frei Beto<br>Sim/Biondi<br>Sim/Biondi<br>Sim/Biondi<br>Sim/Biondi<br>Sim/Biondi<br>Sim/Biondi<br>Sim/Biondi<br>Sim/Biondi<br>Sim/Biondi<br>Sim/Biondi<br>Sim/Biondi<br>Sim/Biondi | 14 |
| <b>Neoliberalismo</b> | 18                                                                        | 20                                                                            | Sim/Biondi                                                                                                                                                                            |    |

|  |          |          |                          |   |
|--|----------|----------|--------------------------|---|
|  | 25<br>46 | 22<br>24 | Sim/Biondi<br>Sim/Biondi | 3 |
|--|----------|----------|--------------------------|---|

|              |  |                      |                       |
|--------------|--|----------------------|-----------------------|
| <b>TOTAL</b> |  | <b>IMAGENS</b><br>42 | <b>MATÉRIAS</b><br>57 |
|--------------|--|----------------------|-----------------------|

Através da análise da Linguagem; Imagem; Espaço; Fontes e Critérios de Noticiabilidade buscaremos compreender o gênero jornalístico empreendido pelo semanário e sua construção textual das matérias de cada uma das categorias criadas, para ver de que forma *Bundas* elaborava suas notícias. A análise do *Espaço* nas matérias terá como intuito perceber o espaço destinado a economia, podendo ela estar nas capas, no interior do semanário ou em diferentes seções. As *Fontes* utilizadas será o tipo de informação que eles se basearam para escrever as notícias. E por fim os *Critérios de Noticiabilidade*: que elementos interferiram na seleção e produção da notícia, do qual é atribuído o valor-notícia, ou seja, os mecanismos de importância criados para que ela ganhasse espaço no impresso.

Vários são os autores que nos explicam os funcionamentos da seleção da notícia e seus critérios de noticiabilidade, como por exemplo, Nelson Traquina (2001) e Mauro Wolf (2003). Esses autores nos mostram que existe, em todo e qualquer veículo de informação, um critério para se selecionar o que será notícia ou não, atribuindo importância e interesse através dos chamados valores-notícia. Ou seja, que elementos são caracterizados como relevantes, partindo dos interesses e julgamentos pessoais do jornalista ao escrever a notícia, as limitações da empresa, dentre outros fatores que poderiam ter influenciado na produção do noticiário.

Diante do exposto, vários foram os valores-notícia detectados como importantes na seleção das matérias em *Bundas*, como, por exemplo, *Governo* e *Impacto*. As publicações que se valeram do Governo, como valor-notícia, buscaram abordar as ações e medidas deste, divulgando as consequências das políticas econômicas adotadas para população. O Impacto foi o critério escolhido por mostrar as grandes quantias em dinheiro e o número expressivo de pessoas atingidas pela crise financeira. Outros elementos (valor-notícia) também foram detectados como fatores importantes na seleção das notícias em *Bundas*, elementos esses que discorreremos ao longo das análises.

De forma geral, foi notado que os critérios de seleção de notícias adotados pelo semanário se basearam em assuntos que constantemente eram abordados pelos grandes

veículos impressos, só que com novas análises e enfoques. Atribuindo como valor-notícia elementos que poderiam interessar grande parte dos leitores e, abordando a economia a partir de assuntos que atingiam diretamente o interesse da população.

Antes de iniciarmos as análises, é importante salientar que as matérias e notas curtas foram analisadas de forma integral, enquanto as mais longas foram abordadas por meio de alguns trechos do texto, trazendo nos anexos a matéria na íntegra para uma melhor compreensão do assunto abordado.

A seguir, iremos trabalhar com a categoria FHC, e seguiremos as análises conforme a ordem do quadro ilustrado anteriormente.

### **5.3 Categorias de análise: Fernando Henrique Cardoso (FHC)**

A política econômica praticada por FHC foi alvo de críticas em todas as edições do impresso. Os problemas econômicos do período eram todos associados à administração tucana, considerada ruim pelo semanário. Vimos no tópico 3.3 (Política e economia nos anos 90) que o Brasil estava enfrentando um grave momento econômico, fruto da política exercida por FHC. Diante desse fato, criamos a categoria *FHC*, que buscou abordar os problemas sociais e econômicos de uma maneira mais geral, sem tratar de um único assunto em especial. Julgamos interessante trabalhar essa categoria, por evidenciar os problemas econômicos e sociais do período, além de mostrar o posicionamento do semanário quando se trata da política econômica exercida pelo poder instituído.

A edição número 16 (anexo 1) trouxe um artigo do escritor Frei Beto, que fez uma crítica à política exercida por FHC, e discute a má distribuição de renda, falta de reforma agrária e tributária, a suspensão do pagamento dos juros da dívida externa, combate a miséria e desemprego. Frei Beto menciona estarem os tucanos, apenas, preocupados em gastar verbas com publicidade em reeleições ao invés de investirem no que realmente importava, como: educação, saúde e emprego para a população.

A linguagem do texto se apresenta clara, ocupando o espaço de uma página, onde Frei Beto discute os problemas enfrentados pela população brasileira, não apenas a classe trabalhadora, mas também a média, que, do mesmo modo, fora atingida pela crise. Frei Beto, desta forma, apresenta uma crítica à difícil situação vivida pelo brasileiro e a preocupação do presidente em apenas almejar a reeleição.

O artigo ainda traz uma ilustração de Leonardo, mostrando a criminalidade, pobreza, a busca por emprego e a cegueira da população em não ver o que está acontecendo em sua volta, cegueira está representada por uma faixa nos olhos dos personagens.

A edição número 20 (anexo 2) apresentou um artigo do jornalista Rovilson Britto intitulada: *Por que fora FHC?* Como o próprio nome diz, a publicação aponta as deficiências do governo FHC, configurando-o como um governo de exclusão social devido ao neoliberalismo, pois grande parte do dinheiro público foi usado para o pagamento da dívida externa, ao invés de ser investido em educação, saúde, habitação e emprego. A publicação evidencia um governo sem investimentos em educação pública pela falta de recursos e relata a administração de FHC caracterizada por falsas promessas, legitimadas por propagandas e projetos enganosos. O artigo, portanto, não trata apenas de economia, inclusive podemos dizer que aparece superficialmente, mas associa a política econômica exercida por FHC os motivos da crise vivenciada no período.

Mesmo sem ilustração, a maneira clara como Rovilson Britto expõe seu ponto de vista quanto à política exercida por FHC tornam o texto e a linguagem utilizada compreensível. Também, ocupando uma página, e sem estar em uma coluna fixa, o jornalista pontua os problemas e deficiências do governo, e mesmo sendo uma crítica de cunho pessoal, expõe o que o semanário pensava em relação à política de FHC, mostrando-se coerente com o restante das notícias e a forma de apresentá-las, não diferindo no padrão adotado pelo semanário. Lembramos que na grande imprensa o caderno de economia aparecia já “separado” do restante do jornal, por ocupar um espaço determinado o que, de alguma maneira, o diferenciava dos outros cadernos. Podemos, portanto, destacar outra característica de *Bundas*: as notícias ou matérias econômicas não apareciam “separadas” do resto dos textos encontrados no jornal. Tinham, assim, uma maior interligação com o semanário compondo um corpus único.

O artigo de Moacir Werneck de Castro, na edição 23, (anexo 3), nos apresenta um panorama da dura e difícil situação econômica vivida no final dos anos 90 por boa parte da população :

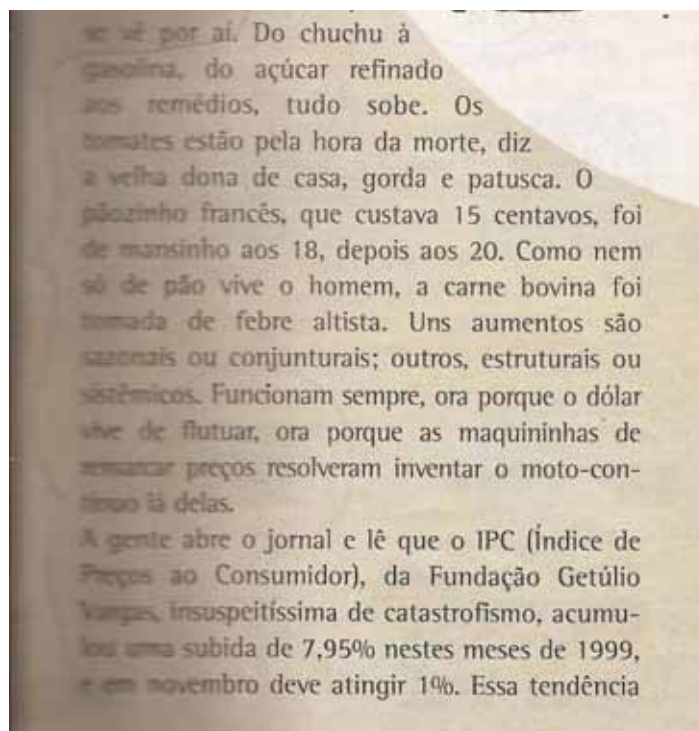


Figura 27. Bundas, edição 23, p. 30.

O trecho trata da alta nos preços de vários produtos, fazendo com que a população tenha cada vez menos esperança no Governo FHC. Com termos coloquiais como: *pela hora da morte* e *mansinho* cita o chuchu; tomate; açúcar; remédios; pãozinho francês, dentre outros produtos, fazendo clara referência ao cotidiano da população por apresentar produtos de consumo diário. Desta forma, o artigo aproxima o leitor ao assunto, torna-o fácil de ser compreendido através de uma linguagem bem coloquial procurando achar uma explicação sobre a razão dos preços subirem tanto onerando o dia a dia do consumidor. Percebe-se aqui outro elemento importante do semanário: no lugar das siglas e do uso de termos técnicos, aparecem no texto palavras e expressões do uso diário da população.

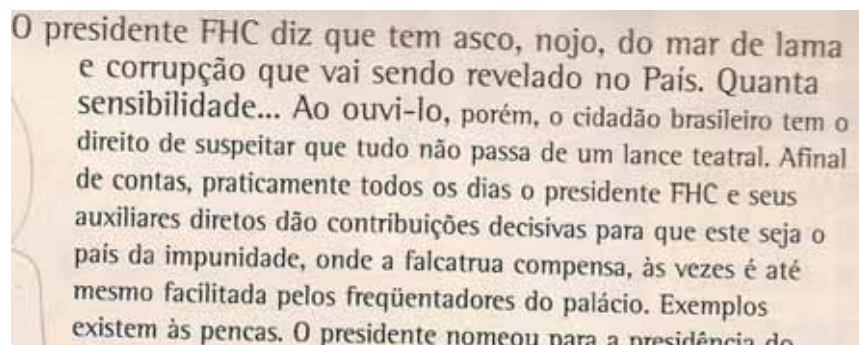
Moacir Werneck menciona que: *alguns aumentos são sazonais ou conjunturais; outros, estruturais ou sistêmicos*. Apesar da facilidade de compreensão notada nas demais informações fornecidas, percebemos neste trecho uma omissão de informação, pois nem todos os leitores compreendem estes termos e o que eles significam para economia, dificultando desta forma o entendimento do artigo.

O espaço do artigo é de uma (1) página, não fazendo parte de nenhuma coluna fixa, e vem acompanhada de uma ilustração de Allan Sieber, mostrando um menino de rua questionando a situação ruim vivida. O menino fala do Mister M, personagem

misterioso com aparecimento constante na televisão desmascarando os truques utilizados pelos ilusionistas nos seus espetáculos, ironizando porque não existe alguém que possa desmascarar os problemas vivenciados pela população carente e ignorados pelo poder vigente no momento.

Depreendem-se dessa charge alguns elementos importantes que devem ser destacados. Por um lado existe a denúncia da situação de pobreza colocando as crianças na rua, mas por outro se cobra a ausência de uma explicação para tal situação. Ao final, quem seria o Mister M? De maneira clara e ilustrativa, usando recursos do conhecimento da população (Mister M) se levanta o problema social e econômico e se cria consciência do abandono e descaso para com essa questão social.

Na edição 45, (anexo 4), Biondi fala sobre o asco, nojo que o presidente FHC tem da corrupção. A crítica recai sobre FHC, pois o mesmo extinguiu a Comissão Geral de Investigações que tinha por finalidade principal investigar denúncias de fraudes, crimes e corrupção apresentada por qualquer cidadão. Biondi questiona a ação do presidente, pois este impediu o combate à corrupção. Diante deste fato afirma que quem sente asco não é o Presidente e sim nós. A leitura sugere que existe corrupção e que Fernando Henrique Cardoso e seus ministros e assessores trabalham para encobrir tais procedimentos e práticas ilegais.



O presidente FHC diz que tem asco, nojo, do mar de lama e corrupção que vai sendo revelado no País. Quanta sensibilidade... Ao ouvi-lo, porém, o cidadão brasileiro tem o direito de suspeitar que tudo não passa de um lance teatral. Afinal de contas, praticamente todos os dias o presidente FHC e seus auxiliares diretos dão contribuições decisivas para que este seja o país da impunidade, onde a falcaturia compensa, às vezes é até mesmo facilitada pelos freqüentadores do palácio. Exemplos existem às pencas. O presidente nomeou para a presidência do

Figura 28. Bundas, edição 45, p 12.

O artigo é acompanhado de uma ilustração do chargista Lula, que mostra FHC com um grampo no nariz, sugerindo que entendamos que o asco que ele sente é dele mesmo, pois está a soltar gases.

Este artigo ocupou duas páginas, e fez parte das colunas de Biondi que tratava de economia. Apesar de longo, discute de forma clara e crítica a questão da corrupção no Brasil, apontando a origem da mesma e evidenciando a pouca ou nenhuma vontade

do presidente em esclarecer os fatos comprometedores de alguns dos membros de sua administração. Um fato tão corriqueiro como soltar gases e o mau odor que deixam, ilustra claramente que a origem da corrupção é causada pelo presidente. Ao tampar o nariz se constata que o mesmo não quer saber da existência desse péssimo odor, ou seja, um faz de contas que não está acontecendo nada, pois ele, em tese, não está sentindo nada. Se lembrarmos da afirmação anterior de que o presidente tinha asco, a charge desmistifica a fala presidencial. Ao final, não se pode ter asco de algo que não se sente nem se vê.

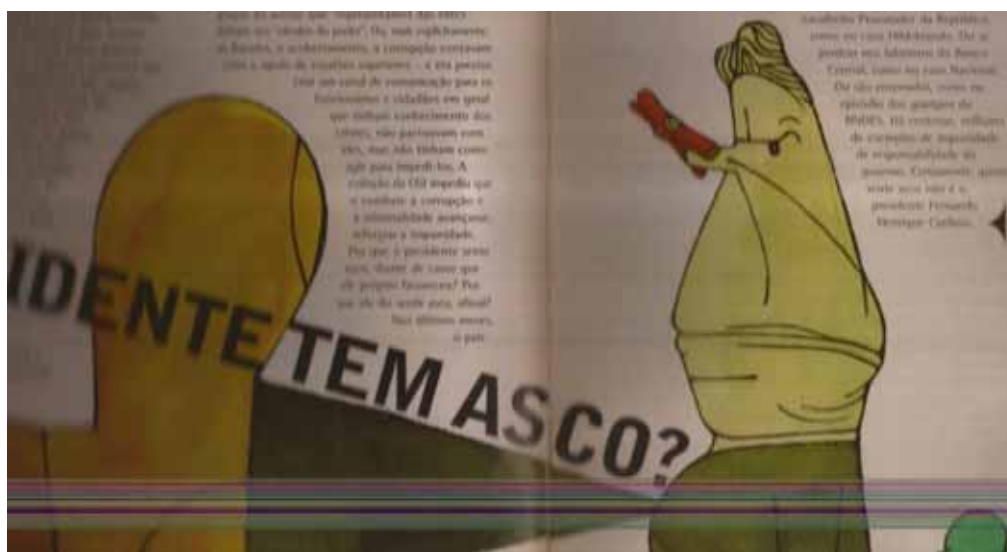


Figura 29. Bundas, edição 45, p. 12.

A edição número 53, na seção *Bundalelê*, Miguel Paiva também buscou tratar da política econômica exercida por FHC e discutiu o desvio de verbas. Paiva trata da falta de verbas para a segurança pública devido à *roubalheira* que imperava no Brasil. Mais uma vez o Governo é alvo de críticas pela corrupção e desvio do dinheiro público. O interessante no artigo é a tentativa de despertar uma consciência política no país, certa ou não. Além de colocar o problema, se apresenta a solução: falta dinheiro para a segurança pública? Não, é só pegar o que foi “roubado” e “desviado” para se equipar toda a polícia, construir presídios e combater o crime.

Entretanto, não se pode afirmar, neste caso específico, que a solução e o tratamento dado à questão da violência pelo impresso *Bundas* seja a ideal. Ao final, resumir o crescimento da violência com a falta de policiais e de presídios implica numa simplificação perigosa podendo ser resumida assim: violência se combate com violência. Ignora-se toda a questão social envolvida por esse problema, algo que *Bundas*

faz bem em outros momentos. No entanto, nessa notícia tal perspectiva parece ter sido deixada de lado.

A linguagem, apesar de clara, não discute a situação *desvio de verbas*, com a devida profundidade e criticidade, mas apresenta o posicionamento do impresso frente à questão.

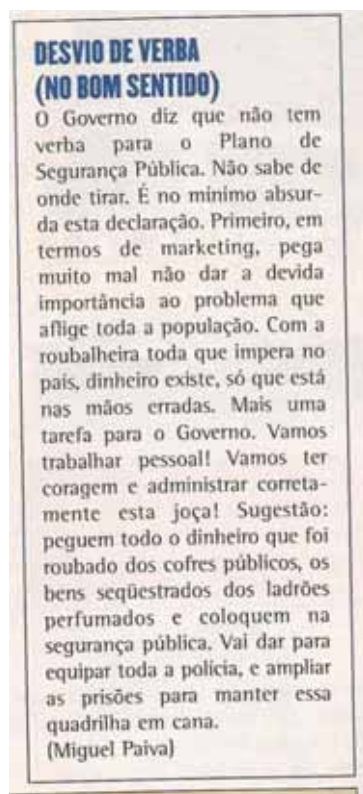


Figura 30. Bundas, edição 53, p. 8.

As publicações da categoria *FHC* evidenciam o posicionamento do semanário, sendo contra a política exercida pelo presidente, além de abordar assuntos que, mesmo de forma indireta, interferiam na economia nacional. A tabela a seguir mostrará os critérios de análise propostos anteriormente, tabela esta que estará presente ao final da análise de todas as categorias, para que fique mais clara a forma de abordagem apresentada pelo impresso: Linguagem; Imagem; Espaço; Fontes e Critérios de Noticiabilidade.

**FERNANDO HENRIQUE CARDOSO (FHC)**

Quadro 2

|                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>LINGUAGEM</b> | Usando de termos populares como: de mansinho; pela hora da morte; às pencas, e abordando a temática sem termos técnicos e jargões típicos da linguagem econômica, a linguagem nos 5 textos analisados se mostrou de fácil compreensão. Embora alguns não tenham sido escritos com a devida profundidade, os artigos apresentaram termos coloquiais e proporcionaram uma informação menos densa e atrativa. Quase sempre citando a dona de casa, e as camadas mais pobres da população, os artigos buscaram atingir a atenção desses grupos à informação que propunham transmitir, de forma com que esses assuntos não chegassem apenas aos especialistas da área econômica. |
| <b>IMAGEM</b>    | Apenas dois (2) artigos não foram acompanhados de nenhuma ilustração. As demais além de ilustrarem o que está sendo dito no texto, propuseram novas discussões, complementando e esclarecendo a informação.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>ESPAÇO</b>    | O espaço reservado para as questões econômicas ocupou de uma a duas páginas em cada edição, com exceção da matéria na coluna <i>Bundalelê</i> , que se apresentou apenas como uma nota curta.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>FONTES</b>    | IPC (Índice de Preços ao Consumidor).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |

|                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|--------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE</b></p> | <p>Os principais critérios que agiram no processo de produção da notícia nesta categoria foram: governo-<i>interesse nacional</i>, ou seja, <i>Bundas</i> procurou abordar o que era de interesse do grande público quando se trata de ações políticas, mostrando a falta de ação do governo em tomar determinadas providências, bem como as dificuldades sociais enfrentadas pela população devido a essas ações. E por fim a Polêmica- <i>escândalo</i>, em mostrar as ações de corrupção, e falta de comprometimento do governo FHC com a população.</p> |
|--------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Devido ao semanário atribuir todos os problemas econômicos a ruim política exercida pelo então presidente, depois desta categoria discutiremos cada uma das demais: *desemprego; salário; impostos; pobreza; neoliberalismo e privatização*.

### 5.3.1 Desemprego

Um dos temas mais encontrados no semanário (12 publicações) foi a questão da falta de emprego. O período em que *Bundas* circulou, segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso (FHC), foi marcado por constantes crises econômicas, acarretando o desemprego. Diante desse fato, criamos a categoria *desemprego*, que esteve em evidência em grande parte das edições de *Bundas*.

O desemprego no semanário foi algo largamente tratado, totalizando 12 matérias a esse respeito, sendo a forma de abordagem bem diferenciada da praticada pela grande imprensa no período. A edição de número 1, (anexo 5), na coluna de Aloysio Biondi, por exemplo, traz o assunto crise econômica pontuando o *desemprego* como um dos efeitos da crise, e trabalha de forma a ironizar que foi apenas uma crise

passageira, apontando taxas que indicam que a crise só estava a aumentar, ao contrário do que defendiam os assessores de FHC, ao dizerem que a crise é passageira.

Os termos empregados (linguagem) e a forma como o assunto foi trabalhado é o que o difere dos grandes veículos impressos, e na matéria mencionada se destaca a forma de abordagem do assunto, criando um personagem fictício *Brasilino*, para mostrar o que ele pensa sobre a crise. A criação deste personagem fez com que a situação econômica abordada se tornasse algo mais próximo da realidade do leitor, apresentando os problemas de forma mais clara ao entendimento deste, além de trazer ilustrações a respeito do assunto, descontraindo e atraindo o leitor para o assunto.

A ironia ilustrada por Jaguar cita o presidente com a frase “A CRISE PASSOU” complementada pela imagem de um homem machucado, como se tivesse sido atropelado, dizendo que a crise passou foi por cima dele, ou seja, a crise atingiu plenamente ao cidadão comum, aquele que trabalhava e que agora vivia com as consequências da tal “crise que passou”.

O artigo se baseia em notícias divulgadas na grande imprensa e os depoimentos dos assessores do presidente, que sustentam a ideia de que a crise vivenciada naquele momento era apenas algo passageiro, sem muita influência na vida da população. Mas *Bundas* rebate a afirmativa com dados que demonstram o aumento do número de desempregados, queda de vendas de roupas, dentre outros setores como carros e imóveis.



Figura 31. Edição 1. *Bundas*, 1999.

O espaço dedicado ao artigo é de uma página, mas apesar de longa, por se tratar de economia, é extremamente compreensível ao entendimento do leitor, pois apresenta termos coloquiais como: *tolice*; *abalozinho* e *brejo*, e uma forma de abordagem bem descontraída do tema.

O artigo ainda trata de assuntos que interessam diretamente àquele leitor ou leitora que se preocupam com a alta dos preços dos produtos no supermercado, que sonham com a casa própria ou o carro novo, ou, ainda, aqueles que almejam presentear ou comprar para si um som ou uma TV nova. Todos esses assuntos são abordados no artigo de forma a argumentar que o aumento nos produtos é visível nas prateleiras dos supermercados, e que a venda de casas, eletroeletrônicos e carros estão caindo cada vez mais, mostrando não haver poder de compra e consumo, graças ao salário que não acompanha a alta dos preços. Assuntos como esses são de interesse de grande parte da população brasileira, deste modo a informação econômica foi abordada de forma a atrair o interesse de grande parte da população, principalmente aqueles interessados nesta temática.

Na mesma edição (número 1) a coluna: *Nani Pinta... e Borda*, do cartunista e chargista Nani, estão presentes várias charges para tratar do desemprego. Sempre de maneira bem humorada o desemprego e o salário são temas ironizados por Nani, a fim de mostrar que emprego era realmente algo muito difícil de conseguir naquele momento. Na coluna de Nani, dificilmente os textos são algo presente, a seção se destaca por suas charges retratando os acontecimentos do período. Como analisado no tópico 4 (A construção do humor nos impressos), as imagens para fazer sentido se mostram acompanhadas ou não de textos, sendo as charges, em especial, responsáveis por fazer crítica ao sistema e propor reflexões, assim como a charge abaixo:



Figura 32. Edição1, p. 31. *Bundas*, 1999.

Na edição de número 4, também na coluna de Nani, é apresentada a questão do desemprego de forma mais superficial, destacando apenas que este está cada vez mais presente na vida da população. De forma bem humorada ele argumenta o assunto a fim de chamar a atenção do público leitor para o problema presente, e mostra dois homens mal vestidos conversando sobre o assunto.

O problema encontrado no cartum é não explicar o porquê ser o Real o motivo de tantos desempregados. A intenção do impresso em chamar a atenção do leitor para o assunto foi interessante, porém aquele leitor que está por fora dos assuntos econômicos não entenderá o motivo de ser o Real o responsável pelo aumento no número de desempregados no Brasil.



Figura 33. Edição 4, p. 24. *Bundas*, 1999.

Outra edição que trouxe a temática foi a de número 27, na seção de Nani novamente, mostrando a dificuldade de jovens recém-formados na busca por emprego:



Figura 34. Edição 27, p. 49. *Bundas*, 1999.

Diferente do cartum anterior, este se mostrou fácil de ser compreendido, pois apresentou a realidade de jovens recém-formados na dificuldade pela busca do emprego.

Biondi, em sua seção destinada a abordar assuntos econômicos, também tratou do desemprego na edição de número 29, (anexo 6). O artigo intitulado: *Ah, mas vai melhorar...* retrata bem o empenho do governo de FHC em querer mostrar ao povo que tudo vai melhorar e a crise ser, apenas, algo passageiro. A primeira edição de *Bundas* já havia trabalhado com este assunto e este artigo de Biondi veio para enfatizar ainda mais esta questão, trabalhando o tema com mais profundidade.

O desemprego é apresentado nesta edição como algo localizado, afirmação de Pedro Malan, Ministro da Fazenda no período: “acenando com o surgimento de novos polos industriais no Nordeste”. Notícias essas, segundo Biondi, amplamente difundidas por veículos da grande imprensa, como *Veja*, fato que nos leva a pensar que *Bundas*

estava abordando o assunto com o intuito de desmascarar o noticiário divulgado nos grandes impressos, além de abordar o assunto desemprego sobre outra perspectiva: a de algo constantemente vivenciado por grande parte do povo brasileiro, não apenas por uma pequena parcela da população, como defendido nos grandes impressos.

O artigo também apresenta dados sobre o aumento do desemprego no país e suas consequências para economia nacional, e esses não foram apenas apresentados como também discutidos, abordando o tema de forma que o leitor pudesse compreender a crise econômica enfrentada no período.

O uso de termos coloquiais também se encontra no artigo como: *gargalhadas*; *rombo*; *deboche*; *Aahhhhh*, dentre outros, tornando a informação menos densa no sentido de não usar termos técnicos. A notícia também é acompanhada de uma ilustração de Cruz, que possivelmente retrata a carestia e a fome devido à alta dos preços agrícolas e desemprego, mencionados no artigo. Na imagem, o alimento é apresentado em uma pintura com o nome FHC ao final, com o intuito de nos mostrar que as ações do governo estão apenas no papel, enquanto o prato de grande parte dos brasileiros continua vazio.



Figura 35. Edição 29, p.25. *Bundas*.

A coluna *Bundalelê* frequentemente trazia assuntos sobre economia. A edição de número 52, (anexo 7), foi para mostrar os índices de desemprego nos anos 80 comparado aos anos 90, mostrando ter havido um aumento de 5,4% para 5,7%, além do

aumento da inflação e diminuição do PIB no mesmo período. Emir Sader não discorre sobre os possíveis motivos dos aumentos e quedas, apenas os apresenta através de dados sem mencionar as fontes.

A pequena nota de Sader teve como intuito fazer menção a Andrea Calabi, economista e presidente do Banco do Brasil no ano de 1999, mencionando que este contesta essas estatísticas, pois não fazem justiça aos anos 90. Sader critica Calabi e ainda menciona que estes economistas muitas vezes são pagos para enganar o povo.

A pequena nota aponta uma séria denúncia dizendo serem os economistas enganadores, mas não discute a questão, nem mesmo as fontes utilizadas para apontar tal denúncia, deixando o assunto na superficialidade e à mercê de contestações e dúvidas, já que não apresenta provas e nem mesmo as fontes nas quais se baseou para mostrar os índices.

Outra nota na mesma coluna foi para tratar da diminuição da jornada de trabalho, pois FHC dizia ser a favor da diminuição, mas a negociação precisaria ser feita entre patrões e empregados, realidade comparada com a França, onde a diminuição se tornou lei. Na mesma nota é mencionado o desemprego estrutural (que ocorre quando o número de desempregados é superior ao número de trabalhadores que o mercado quer contratar e esse excesso de oferta de trabalhadores não é temporário), mencionando estar o país passando por esse problema e, apesar disso, o governo não criar medidas que favoreçam o trabalhador.

Apesar de as notas não trazerem ilustrações e não partirem de recursos humorísticos para transmitir a informação, ela se mostra clara ao leitor, pois não se baseia em termos complexos, apenas proporciona alguns dados numéricos. As colunas em *Bundas* que apresentam alguma nota sobre economia são para fazer comparações ou pequenas discussões sobre o assunto, com o intuito de apresentar uma crítica e fazer o leitor pensar sobre o tema abordado. A imprensa tradicional, sempre que possível, é mencionada, de forma a mostrar seu caráter manipulador e enganoso, como na nota, a seguir, de Emir Sader, sociólogo e cientista político:

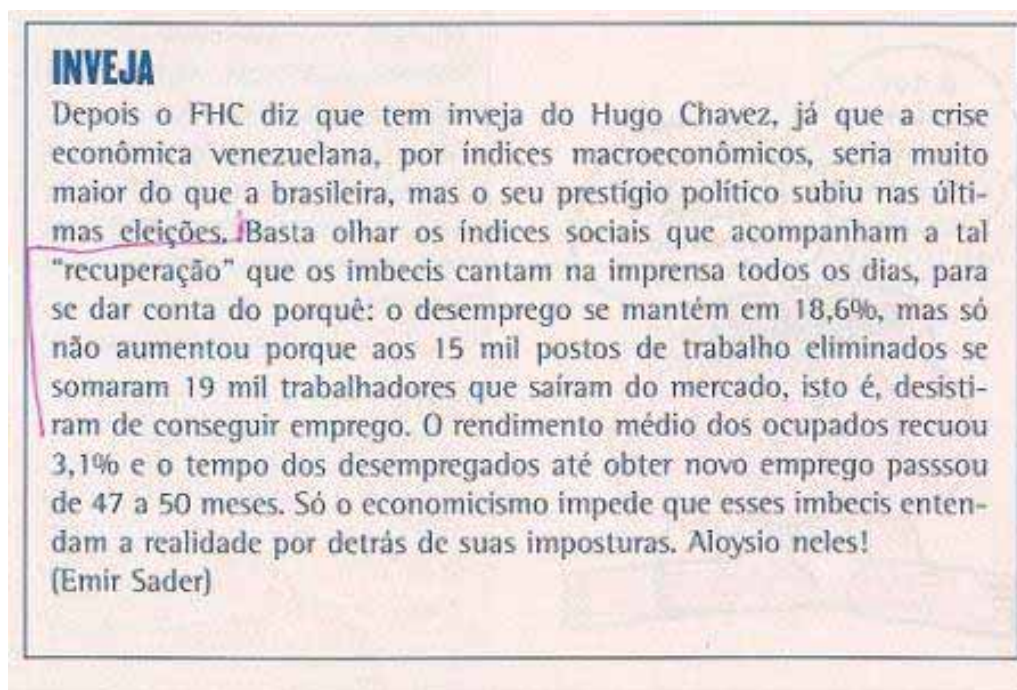


Figura 36. Edição 62, p. 7. *Bundas*, 2000.

Na nota acima, novamente a imprensa tradicional é mencionada e ainda referida como “imbecil”. É discutido o motivo do aumento do prestígio de FHC, dizendo ser este relacionado ao que é divulgado pela imprensa. A nota é curta, mas é clara a colocação de Sader sobre o caráter manipulador da grande imprensa, mostrando *Bundas* andar na contramão do que é divulgado por esses veículos.

O artigo da edição de número 64, (anexo 8), a publicação acima é trabalhada com mais profundidade, ocupando duas páginas. Sader contesta o fato alegando os índices econômicos não refletirem a realidade da grande maioria da população. O crescimento, quando ocorreu, se reduziu a um pequeno grupo e não corresponde com a maioria da população que estaria sofrendo as consequências do desemprego. Sader ainda reforça que deve ser lembrado que os salários não recuperaram o poder de compra do início do Plano Real. O artigo alerta para o fato de a situação econômica do Brasil, estar sendo camuflada por índices que mostram apenas uma parte da totalidade.

Os termos coloquiais, como: *idiota e afoito*, também se mostram presentes nesta edição, além da ilustração de Lula ironizando o crescimento do Brasil comparado aos Estados Unidos. Apesar de trazer uma conotação sexual na imagem, de maneira considerada grotesca e muito explícita, anexo 8, quis mostrar que os Estados Unidos estavam crescendo mais economicamente que o Brasil.

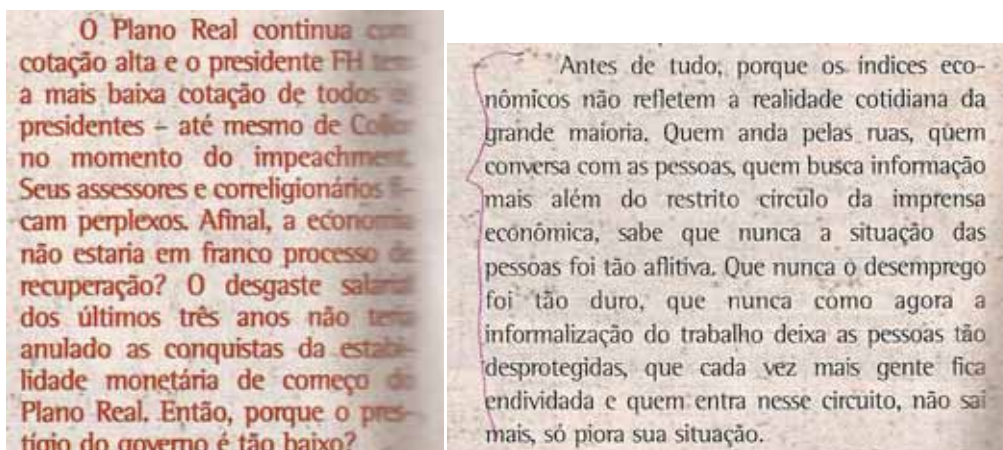


Figura 37. Edição 64, p. 36. *Bundas*, 2000.

Na edição de número 68, a coluna *Bundalelê* volta a abordar a questão do desemprego. Em letras garrafais escreve: “O DESEMPREGO ESTÁ CAINDO. No lombo de quem ainda tem um empreguinho” e retrata o quadro social do país, relatando que as pessoas estavam vivendo com menos de R\$1,80 por dia. Os dados foram extraídos do jornal *Folha de S. Paulo* e complementados de forma a mostrar que a situação não é boa, ironizando ser um *belo quadro social*.

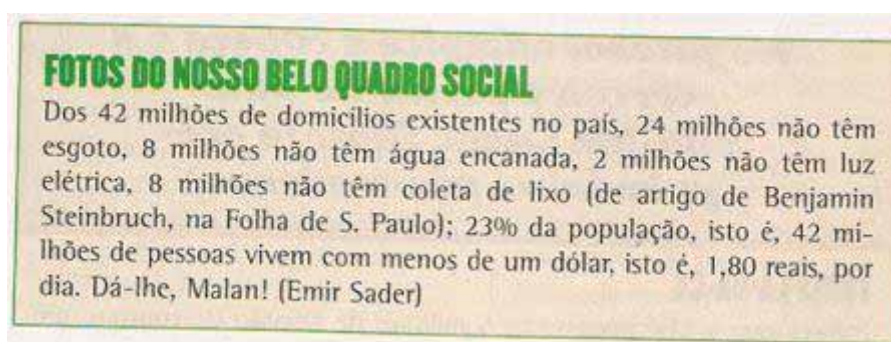


Figura 38. Edição 68. *Bundas*, 2000.

Na mesma edição, (anexo 9) é discutida a questão do desemprego ocasionado pelo incremento da tecnologia no sistema produtivo. O artigo contesta que seja esse o motivo das altas taxas de desemprego, dizendo que a tecnologia não manda ninguém embora: “A tecnologia, produto da experiência dos operários e da reflexão dos cientistas diz apenas que se pode, digamos, fabricar o mesmo par de sapatos na metade do tempo.” (Emir Sader).

A imagem ilustra a temática, mostrando um homem com uma perna mecânica chutando outro, representando a substituição do homem pela máquina. A solução é

apontada a partir do caso francês sobre a diminuição da jornada de trabalho sem diminuir os salários, socializando os benefícios da tecnologia, diminuindo a jornada de trabalho, combatendo o desemprego e aumentando o bem-estar de todos. Termos coloquiais também estão presentes na matéria como: *cacete; manja, cai fora, homi*, dentre outros.

Este artigo além de apontar os problemas econômicos, com uma linguagem de fácil compreensão, proporciona possíveis soluções. As matérias sobre economia dificilmente usam o recurso comparativo, muito menos mostram possíveis soluções. *Bundas* frequentemente usava este recurso para tratar dos assuntos econômicos, aproximando a economia da realidade da população.

A última edição que trata do desemprego é a de número 72, sendo apenas uma nota apresentada na coluna *Bundalelê*, por Claudio Pereira, sem ilustrações, dizendo que o desemprego volta a cair: “Asneira. Desemprego não cai, quem cai é o desempregado”. De forma bem humorada ironiza a situação econômica daqueles que não trabalham, colocando em discussão as estatísticas apresentadas em veículos da grande imprensa.

De forma geral, os artigos, notas e cartuns que buscaram tratar do desemprego no país foram claras. Apesar de os cartuns não virem acompanhadas de nenhum texto para explicar de forma mais aberta o que foi ilustrado, lançaram a temática ao leitor.

Grande parte dos textos vieram acompanhados de ilustrações, muitas vezes complementando as informações ali expressas, mas não foi encontrado nenhum critério no espaço que essas matérias ocuparam. Por não haver nenhuma coluna fixa no semanário a fim de tratar exclusivamente de economia, o tema desemprego esteve presente em várias seções diferentes, e a forma de abordagem, como já dito, foi através de textos ou simplesmente uma charge.

## DESEMPREGO

Quadro 3

|                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>LINGUAGEM</b> | A linguagem nas 12 publicações apresentadas, a incluir textos e cartuns, se apresentou com muitos termos coloquiais, como: indo pro brejo, idiota, homi, cai fora dentre outros citados no decorrer da análise. Os artigos e notas não foram trabalhados e discutidos com profundidade, mas levou a temática ao leitor, sempre de forma a contestar o que foi |
|------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

|                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|-------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                     | divulgado pela grande imprensa, e comparando a economia de países de economia desenvolvida ao nosso.                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>IMAGEM</b>                       | Estiveram presentes em quase todas as edições que trouxe a temática, totalizando 5 cartuns que quando acompanhado de textos complementaram a informação.                                                                                                                                                                                                    |
| <b>ESPAÇO</b>                       | As matérias se apresentaram em seções diferentes, estando presente em sua grande parte na seção de Nani ( <i>Nani, pinta e borda</i> ) e <i>Bundalelê</i> , seções essas com textos curtos e muitas ilustrações.                                                                                                                                            |
| <b>FONTES</b>                       | A grande imprensa foi citada em quase todas as matérias analisadas. O periódico se baseou nas notícias divulgadas pela grande imprensa a fim de fazer uma crítica à forma de abordagem desta. Além de apresentar dados numéricos com taxas salariais, números de desempregados no Brasil, PIB, <i>Veja</i> e índices de taxas de venda de carros e imóveis. |
| <b>CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE</b> | Os critérios utilizados na seleção desta categoria se basearam principalmente no <i>Impacto</i> , apontando constantemente os números expressivos de pessoas afetadas pelo desemprego, além do <i>Governo</i> abordando assuntos de interesse nacional, e decisões e medidas tomadas pelo governo, como o Plano Real, por exemplo.                          |

### 5.3.2 Salário

A política econômica no Brasil, com a adoção do Plano Real, apoiou as privatizações e juros altos para atração de capital estrangeiro, e fez com que houvesse a necessidade de acúmulo de dólares, que foi extremamente prejudicial à economia interna, tal como já vimos nos capítulos anteriores sobre a política econômica nos anos 90.

A valorização da moeda dependia da entrada de dólares no Brasil, por meio de investimentos estrangeiros. Foi a partir deste momento que o governo começou a apoiar as privatizações e exportações, com uma política econômica de juros altos para atração de capital estrangeiro. Desta forma, o país cada vez mais afundava numa crise, acarretando o aumento da dívida externa, inviabilizando o aumento dos salários aos trabalhadores. Nove (9) foram as publicações, em oito edições, que trataram desse tema. Especificamente, o *salário mínimo* foi o tema selecionado para análise.

A primeira edição a tratar deste assunto foi a número 14 (anexo 10). Nela Sérgio Macedo tratou da questão salarial do povo brasileiro abordando as consequências do Plano Real para a população, como o aumento nas tarifas públicas, combustíveis, desemprego e arrocho salarial. Depois de constatadas as informações com dados do PIB, Produto Interno Bruto, e IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, é tratada a questão das reivindicações salariais. Através de uma análise crítica e comparativa entre a situação da população com a dos parlamentares, a situação econômica vivida naquele período é apresentada de forma bastante acessível ao entendimento do leitor, não apresentando apenas números, estatísticas e gráficos para se discutir economia.

O foco do artigo foi retratar que os parlamentares estavam reivindicando salários mais altos do que já possuíam:

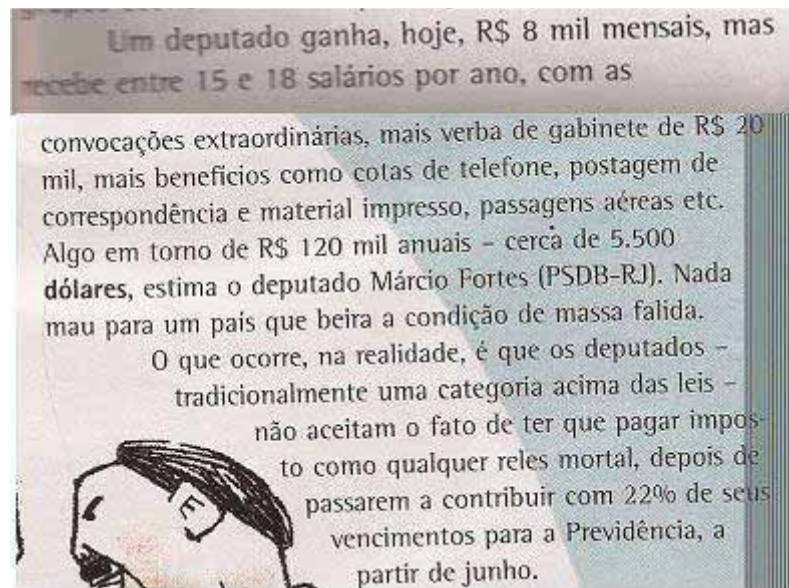


Figura 39. Edição 14, p.24. *Bundas*, 1999.

Macedo conclui com uma pergunta:

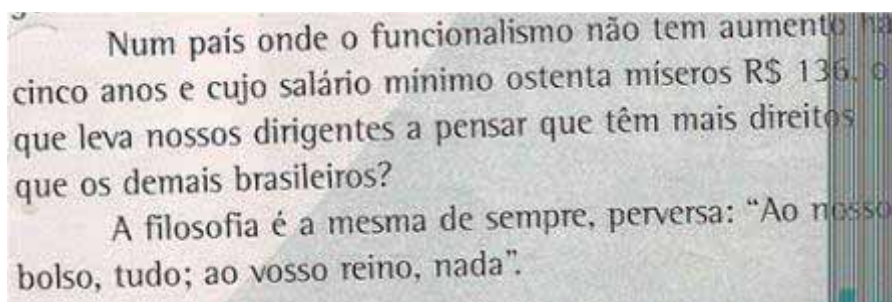


Figura 40. Edição 14, p.24. *Bundas*, 1999.

O artigo de Macedo, além abordar o assunto de forma clara, nos mostra que os deputados além do salário alto que recebem, possuem diversos benefícios, que quando comparados com o salário mínimo alcançam um valor bem expressivo. Macedo então contesta as reivindicações dos parlamentares em quererem aumento salarial, uma vez que o salário mínimo no período era de apenas R\$ 136,00.

A imagem de Aliedo, que acompanha o texto, ilustra o título do artigo: *EM CAUSA PRÓPRIA*, que é resumidamente explicada no final com a frase: "Ao nosso bolso, tudo; ao vosso reino, nada". Mostrando serem os políticos mais beneficiados que os demais brasileiros.

Na edição 41 da seção *Bundalelê* o tema salário mínimo esteve presente em uma nota de Emir Sader e Sergio Augusto. Sader trata do aumento do mínimo para R\$151,00 e ironiza a lei de responsabilidade fiscal. De acordo com essa lei, se

determinavam normas bem específicas para o setor público, de como deveria proceder na hora de estabelecer os critérios e as normas para elaborar o orçamento tanto federal como estadual ou municipal. A ideia, embora boa (ninguém poderá gastar mais do que recebe), na prática, serviu para conter os gastos públicos num momento em que o país, justamente, mais precisava deles. Além disso, estabelecia tetos muito rigorosos com relação aos gastos com servidores, impedindo, assim, os reajustes salariais dessa categoria. Na notícia a seguir fica clara a incongruência da lei com a realidade, pois ela não impediria o endividamento do setor público, ou seja, se confundiam as esferas envolvidas na lei: o salário não aumentaria, mas o endividamento sim poderia ser acrescido, daí a ironia de “seremos todos felizes”.

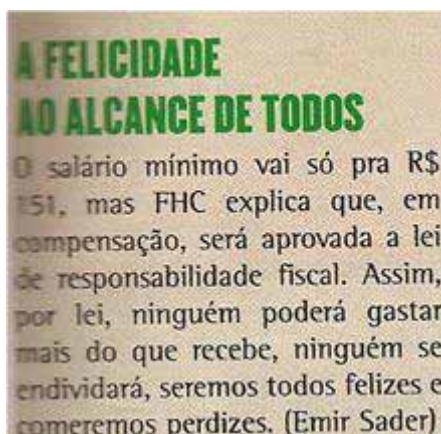


Figura 41. Edição 41, p.43. *Bundas*, 2000.

Já a nota de Sergio Augusto critica o salário mínimo dizendo ser este menor que o valor de uma cesta básica. A nota menciona que Alan Greenspan, economista norte-americano, na mesma semana que anunciou que as diferenças sociais prejudicam a economia do país, aqui no Brasil Pedro Malan, economista e Ministro da Fazenda nos dois mandatos de FHC, liberou o então presidente para anunciar a implementação de um salário mínimo menor que o valor da cesta básica. A nota de Macedo sustenta a controvérsia entre as ações dos dois economistas mostrando que, enquanto nos EUA existe a defesa de igualdade social, aqui no Brasil mal se compra uma cesta básica, pois esta é mais cara que o valor do salário de grande parte da população.



Figura 42. Edição 41, p.43. *Bundas*, 2000.

A edição de número 43 em *Bundas* também fez parte da coluna *Bundalelê*, *MERRECA* foi o título das duas notas de Sergio Martins, “merreca” referência explícita ao valor do salário mínimo de R\$151,00.

As notas foram para apontar a lucratividade que terão os banqueiros no final do mês, pois os caixas eletrônicos foram programados para se sacar apenas notas de R\$50 e R\$10, fazendo com que as pessoas, grande parte aposentados, que ganham R\$ 151,00, deixem R\$1 na conta, precisando de mais dez meses para completar R\$10 e sacar. Além disso, é apresentada a dificuldade de receber o dinheiro integral no guichê do caixa, ato considerado como *sacanagem*, e dinheiro de graça para os banqueiros, pois como evidenciado na publicação, este aposentado que recebe um salário mínimo é incentivado a sacar o salário no caixa eletrônico, e impedido de entrar nas filas:

### MERRECA (I)

Os banqueiros, mais uma vez, sairão ganhando. A merreca que o governo deu de aumento para o salário mínimo, passando-o para R\$ 151, vai dar mais lucro ainda para os donos de bancos. As máquinas eletrônicas foram instaladas nas agências para diminuir as filas mas estão programadas apenas para notas de R\$ 50 e R\$ 10. Isso significa que aqueles que ganham um salário mínimo de aposentadoria terão de deixar no banco o troco de R\$ 1 e precisarão de mais dez meses para completar e receber os R\$ 10 da sobra. O Brasil tem cerca de 10 milhões de aposentados recebendo essa quantia. Conseqüentemente, os bancos terão, de graça, a bagatela de R\$ 100 milhões ao fim de dez meses. Dinheiro de graça, só pra banqueiro! (Sergio Martins)

### MERRECA (II)

Mesmo que os aposentados que ganham apenas R\$ 151,00 queiram receber o dinheiro integral no guichê do caixa, os bancos já estão se movimentando para impedir isso. Incentivam o pobre coitado a receber no caixa eletrônico e impedem a entrada nas filas, sob o argumento de que não têm mais guichês para casos especiais. Mas se o velhinho insistir, terá de voltar ao banco de tarde para receber o R\$ 1,00 que ficou faltando. Precisamos estar mais atentos às sacanagens que fazem com os nosso velhinhos! Esses caras estão roubando doce de criança. (Sergio Martins)

Figura 43. Edição 43. *Bundas*, 2000.



Figura 44. Edição 43. *Bundas*, 2000.

Esta publicação não apenas faz uma crítica ao salário mínimo como também exhibe algumas de suas consequências, favorecendo a poucos grupos, como no caso mencionado os banqueiros.

Os termos coloquiais aparecem com frequência nas notas mencionadas acima, o próprio título já apresenta a nota de forma bem coloquial: *MERRECA*, além de palavras como *bagatela*, *pobre coitado*, *velhinho*, *sacanagens*, e até o dito popular *tirar doce de criança*. Esses recursos acabam por facilitar a compreensão do conteúdo, fazendo com que todos entendam o que está sendo transmitido.

Na mesma seção da edição de número 43, Sergio Augusto sustenta a ideia de que o salário mínimo no ano 2000, comparado aos anos 40 é bem pior. Sergio menciona dados de um economista da Unicamp (Marcio Pochmann) que diz ser o salário mínimo de 2000, 26% do pago em 1940, e apresenta o depoimento de um aposentado de 84 anos, depoimento este conquistado por um repórter do *Jornal do Brasil*, que diz que o salário em 1940 era muito melhor: “Comíamos muito bem; eu pagava aluguel; todos andavam bem vestidos; íamos ao cinema; aos jogos de futebol. Passeávamos.”

Esta pequena nota foi baseada em dados coletados por um veículo da grande imprensa no período, aliás, a única informação encontrada no semanário que não foi combativa aos dados coletados pela grande imprensa. Entretanto, apresenta o assunto sob uma nova abordagem, a de criticar negativamente o salário no período.

Outra nota em *Bundalelê*, na edição 49, (anexo 11) também fez uma crítica ao salário mínimo, dizendo ser possível aumentá-lo para pelo menos R\$180, considerado ainda como mísero, pois se os parlamentares ganharam o direito de aumentar o salário para R\$151, com um orçamento no valor de 5,8 bilhões, as despesas não aumentariam tanto, (palavras do impresso). A nota aproveitou para criticar o pouco empenho do governo em uma melhoria salarial. Mesmo tendo um orçamento bastante significativo, constata-se que a publicação teve como intuito expor a ideia de que os recursos destinados aos trabalhadores não eram usados para tal finalidade.

*Bundalelê* da edição de número 37 também trouxe o salário mínimo como tema de uma de suas notas (anexo 12). O salário foi mencionado por Sergio Augusto a fim de mostrar que o *rombo* que a Previdência sofria naquele momento não foi por conta do salário mínimo, mas sim, da sonegação das grandes empresas que recolheram as contribuições de seus empregados, mas não a repassaram ao governo. A nota conclui que só em 1999 a sonegação chegou a R\$12,5 bilhões, três vezes mais do que provocaria o aumento do mínimo para R\$ 178. Ou seja, o texto evidencia que muitas são as desculpas apresentadas para não se aumentar o salário, mas poucas são as explicações convincentes para justificar sua desvalorização. A nota também é acompanhada por uma charge de Antônio Carlos Magalhães, senador na época, e

satiriza a iniciativa do senador em aumentar os salários, deixando claro que o aumento salarial não passava de uma lenda, ou seja, algo que não se concretizaria na prática.



Figura 45. Edição 37, p. 43. *Bundas*, 2000.

Na edição de número 42, o salário mínimo é ilustrado em dois cartuns no editorial de Luíz Fernando Veríssimo, mostrando a dificuldade de se sobreviver com um salário de R\$151,00. Observa-se a ironia dos cartuns ao deixar bem claro que não falta feijão, entendido como um (1) para ser dividido entre uma família de cinco (5) pessoas. Como sobreviver a essa realidade?! O segundo cartum ilustra tal preocupação e evidencia os malabarismos que têm que ser feitos para encarar a miséria e a falta de dinheiro. Exemplo claramente ilustrativos para uma questão econômica que afetava boa parte da população.



Figura 46. Edição 42, p.4 e 5. *Bundas*, 2000.

Os cartuns ilustram de maneira indireta o que foi dito no editorial, pois em nenhum momento a questão salarial é mencionada no mesmo. O que foi abordado no editorial diz respeito à corrupção e à falta de iniciativa do governo em melhorar a vida da população.

Ainda na edição 42 cartuns sobre o salário ilustram as suas consequências para um agente de viagens, um evento cultural, um médico e acionistas, de forma a ridicularizar que o salário além de mal dar para sobreviver ocasionaria o caos nos mais diversos segmentos da sociedade e nas suas diversas manifestações.



Figura 47. Edição 42, p.26. *Bundas*, 2000.

Os acionistas dizem que haverá um consumismo desenfreado e irresponsável, um deboche, pois com R\$151,00 mensais dificilmente o consumo da população será desenfreado, pois os preços dos produtos no momento não paravam de subir. Já o médico fala de sua preocupação com uma educação alimentar inadequada, que levará a obesidade, outra ironia, pois cada vez mais as pessoas regravam o que compravam para comer, devido à alta dos produtos alimentícios. O agente de viagens ficará sem clientes, já que a preocupação das pessoas não será mais viajar. E por fim traz uma demonstração de uma instalação em um evento cultural, que segundo o personagem resgata a identidade do brasileiro enquanto povo (mal vestido e na sarjeta pedindo esmola).

Esses cartuns de maneira bem humorada ilustram a situação ruim que os brasileiros estavam vivendo naquele momento, devido à inflação e um salário que não supria as necessidades básicas. Outro cartum, na mesma página, aclara que o aumento do salário para R\$151,00 não melhorou em nada a vida da população, retratando a ira e descontentamento dos trabalhadores:



Figura 48. Edição 42, p.26. *Bundas*, 2000.

A última edição a tratar da temática foi a número 49 na seção *Bundalelê*, com uma nota de Marco e outra de Emir Sader. Marco coloca como ridículo o aumento do salário e ainda o critica dizendo que mesmo “(...) para chegar na merda, ainda teria que

subir muito”. Usando de um vocabulário grosseiro mostrou seu posicionamento frente ao aumento.

Marco aponta serem os parlamentares os responsáveis por não proporcionarem um aumento salarial digno, pois verbas havia para que este aumento fosse possível, já que estes ganharam o direito de aprovar uma emenda ao orçamento destinado ao aumento dos salários no valor de mais 5 bilhões. Esta afirmação nos leva a pensar que, se a verba foi destinada porque o reajuste foi tão baixo, o que fizeram com o restante da verba que sobrou? Esta pequena nota nos remete ao texto analisado do qual trata do aumento salarial dos parlamentares, intitulada de *Em Causa Própria* (anexo 10) nos levando a dúvida sobre o verdadeiro destino das verbas destinadas ao aumento salarial da população, pois, se é possível aumentar o salário dos parlamentares, porque não é possível o aumento salarial da população?

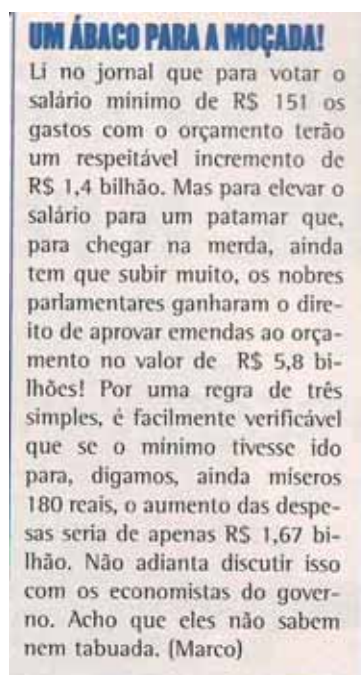


Figura 49. Bundas, Edição 49, p. 44.

Já Emir Sader menciona que o aumento da inflação foi o motivo do pouco aumento do salário, satirizando a difícil situação do brasileiro, ao dizer que este fica gastando *adoidado* com a compra de carros e viagens.

A nota nos leva a pensar quem seriam essas pessoas que não poupam e gasta adoidado com viagens e compras, já que o brasileiro que ganha apenas um salário mínimo mal consegue atender as suas necessidades básicas de sobrevivência. Quem viajaria para as Ilhas Cayman, paraíso fiscal que permite a aplicação de dinheiro

protegendo a identidade do proprietário do dinheiro e ainda marcado por impostos baixos ou quase inexistentes? A nota, desta forma, propõe, de forma indireta, pensarmos que os ostentadores em meio a um salário tão baixo são os políticos corruptos, que usam o dinheiro destinado a ações públicas em usufruto próprio.



Figura 50. Bundas, Edição 49, p. 44.

Como já foi amplamente explicado, o *mínimo* daquela época era pouco para suprir as necessidades básicas da população, que dirá comprar carros e viagens. Mas anota quis justamente, através do recurso cômico, denotar que a situação econômica realmente estava muito difícil para os trabalhadores brasileiros. O mesmo não se poderia dizer dos dirigentes. A alusão às ilhas Cayman é uma referência clara à evasão de divisas e de verbas para paraísos fiscais, ou seja, não seria por falta de dinheiro que não se aumentava o salário. O dinheiro existia sim, mas era desviado para outros lugares.

Grande parte das publicações vieram acompanhadas de ilustrações, e quase sempre na seção *Bundalelê*. Como vimos em outras categorias e edições, a seção *Bundalelê* não trazia apenas assuntos econômicos, pois buscava fazer discussões de diversos assuntos. O que chama a atenção é o fato de nenhuma edição tratar o assunto *salário mínimo* com profundidade, já que grande parte do que foi encontrado no semanário foi por meio de notas e pequenas discussões. Desta forma, se o leitor buscasse saber um pouco mais sobre assunto, ou os motivos que levaram o governo a instituir determinados valores salariais, *Bundas* não traria essas informações concentradas e analisadas em profundidade. Se, por um lado, isso dificulta a compreensão do assunto, por outro, pode servir para que os leitores não se esqueçam da

gravidade envolvida no tema. Mas de qualquer forma, o tema foi abordado, não com a devida expressividade, mas fez parte de um número considerável de edições.

## **SALÁRIO**

Quadro 4

|                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|-------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>LINGUAGEM</b>                    | A linguagem nas 9 publicações encontradas apresentou-se com a presença de muitos termos coloquiais. Usando muitas vezes do sarcasmo, ironia e deboche, as notas cartuns e charge evidenciaram a dificuldade da população que vivia apenas com um salário mínimo.                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>IMAGEM</b>                       | Presente em quase todas as edições, com exceção apenas da edição 49. Buscou de forma bem humorada mostrar a realidade salarial do brasileiro, quase sempre por meio de cartuns e balões ilustrativos da real situação gerada pelo tema.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>ESPAÇO</b>                       | Com exceção do artigo de Sérgio Macedo, o espaço dedicado a esta categoria esteve na coluna <i>Bundalelê</i> , com notas curtas e pouco detalhadas.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>FONTES</b>                       | Baseadas em dados do PIB e IBGE.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE</b> | Esta categoria apresentou três critérios bem evidentes para selecionar as suas notícias: <i>Impacto</i> (grandes quantias de dinheiro); <i>Polêmica</i> (controvérsia) e por fim o <i>Governo</i> (decisões e medidas). O primeiro deles, Impacto, foi utilizado para dar evidência, principalmente, a grande quantidade de verbas destinadas ao aumento salarial. A segunda foi utilizada para denotar as controvérsias de medidas e ações, como por exemplo, as ações do EUA em buscar que sua população tenha menos desigualdades sociais, enquanto o Brasil as |

|  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|--|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  | desigualdades só aumentavam. E principalmente na contestação por parte dos parlamentares em reivindicar aumento salarial, enquanto grande parte dos brasileiros ganhava apenas um salário mínimo. Por fim, o Governo, em suas decisões e medidas que não favoreciam o trabalhador, inviabilizando o aumento salarial. |
|--|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

### 5.3.3 Pobreza

Outro tema largamente trabalhado pelo semanário foi a *pobreza*, totalizando 7 (sete) publicações. No final dos anos 90 devido à alta taxa de desemprego, salários baixos e privatizações (tópico de que trataremos mais adiante) a pobreza se tornou algo expressivo no Brasil, e por este motivo passou a ser assunto em *Bundas*.

No artigo de Sergio Macedo da edição de número 8, (anexo 13), é criticada a proposta do senador Antônio Carlos Magalhães (ACM): “Sob a bandeira da erradicação da pobreza, a proposta de ACM recorre mais uma vez a velha fórmula do aumento dos impostos, como se isso não fosse mais um absurdo no país do absurdo, onde a carga tributária bruta beira a casa dos 30%”. Grande parte da população sofria com a alta dos preços e a crítica feita ao aumento nos impostos recai sobre a pobreza no Brasil, pois com a alta dos impostos os índices de pobreza tenderam a aumentar cada vez mais. Quanto mais impostos houvesse, mais caros os produtos ficariam. Desta forma as classes mais pobres perdiam o poder de compra, já que não podiam pagar por determinados produtos. Produtos de necessidades básicas, como alimentação, remédios e vestimentas, que tinham uma carga de impostos muito alta, se tornaram não acessíveis a esses grupos mais pobres, que não podiam adquiri-los, ocasionando um índice maior de pobreza do Brasil.

A grande imprensa também é citada no artigo, dizendo ser a proposta de ACM algo que trouxe um assunto pouco abordado pela imprensa: a pobreza. A publicação retrata por meio de números como será o aumento dos impostos e suas consequências à população, concluindo que:

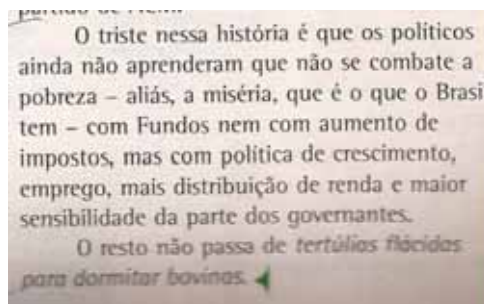


Figura 51. Bundas, edição 8, p 41.

O final do artigo com a frase: *tertúlias flácidas para dormir bovinas*, que quer dizer *conversa mole para boi dormir*, aparece para mostrar que mais uma vez os governantes estavam tentando criar meios para se auto favorecer, com a desculpa de beneficiar a população. O uso de frases como essas, bem como termos coloquiais como *chumbo grosso* (título do artigo); *má fé* e *de quebra*, são termos que facilitam a compreensão da informação, deixando-a mais atrativa, além da imagem que descontra a informação. O artigo também é acompanhado de uma ilustração de Argil, que retrata um garotinho de classe pobre com um jornal na mão dizendo: “Mãe, vão criar um imposto pra ajudar a gente a ser pobre!” Frase que ironiza a ação de ACM com a proposta de aumento dos impostos, pois este irá contribuir para aumentar ainda mais a pobreza, ao invés de erradicá-la.

A edição número 11 também traz a pobreza como temática em seus assuntos econômicos. Sergio Macedo, com o artigo: “Pobreza, mas de espírito” mais uma vez trata da criação do projeto de ACM de um Fundo contra pobreza. Desta vez, Macedo exhibe a resistência ao projeto pela Câmara e por líderes como João Pedro Stedile do Movimento dos Sem-Terra. ACM tinha como intuito se candidatar à presidência em 2002, mas, para isso, precisaria criar meios para atrair os eleitores, um desses meios foi a proposta de um Fundo contra pobreza, que, como dito anteriormente, estava encontrando resistência.

O artigo possui um posicionamento contrário à medida de criação do Fundo, e busca evidenciar os motivos através de dados numéricos do PIB (Produto Interno Bruto) bem como os valores de dívidas dos Estados, expondo ter como resultado 40 milhões de brasileiros vivendo abaixo da linha da pobreza, com doenças e desnutrição, pois o dinheiro que deveria ser destinado à melhoria de vida dessas pessoas fora desviado. O artigo termina dizendo: “Aliás, pobreza? A pior pobreza é a do espírito”, uma alusão à falta de caráter para enfrentar o problema. A ilustração de Alcy mostra o presidente

FHC com uma feição de assustado e ao fundo uma sombra grande, provavelmente de ACM, pois este tinha o intuito de tomar o lugar de FHC na presidência.

A imagem bem como o artigo nos faz refletir sob as medidas de ACM ser ou não a favor da população, ou apenas buscar criar o Fundo em favor dos pobres para se popularizar, colocando em discussão suas medidas através de dados das dívidas e Previdência Social, tratando a temática de forma clara e contestadora.



Figura 52. Bundas, edição 11, p 31.

A edição 17 trouxe o assunto pobreza na coluna *Bundalelê*, através de uma nota intitulada de *Guerra à Pobreza*, de Aloysio Biondi, que, desta vez, não tratou de economia em uma página inteira. A nota traz uma crítica à imprensa por não divulgar que o processo de globalização apenas enriqueceu os países já ricos, contribuindo para a pobreza cada vez maior dos países subdesenvolvidos.

Biondi ironiza o governo FHC, dizendo que este está eliminando a pobreza no Brasil, apresentando dados que denotam que a renda média de uma família no Nordeste, uma das regiões mais pobres no Brasil na época, era de apenas R\$4,00 mensais, dados que a grande imprensa esconde, segundo a nota:



Figura 53. Bundas, edição 17, p 43.

Biondi menciona que houve cortes nas verbas destinadas ao combate à pobreza no Brasil, que, de R\$ 360 milhões caiu para R\$ 96 milhões. Algo parecido foi mencionado nas publicações anteriores, com os valores destinados ao aumento salarial, que também foram reduzidos. A nota de Biondi nos faz pensar os motivos que levaram o governo a reduzir tanto os gastos com a pobreza. Apesar de apenas pontuar e não oferecer explicações, sugere que pensemos em desvios de verba, pois, já que o valor havia sido destinado para tal fim, não poderia ter sido tão drasticamente reduzido.

A nota ainda traz uma ilustração do Tio San com a bandeira dos Estados Unidos, símbolo que representa o país como potência econômica e o Tio San a Guerra, com a frase dizendo que para *'humanizar a globalização'* era só continuar com a *matança dos pobres*. Biondi é claro e a nota é uma denúncia contra as verbas destinadas às famílias pobres, na busca por desmascarar o governo.

A edição 18 trouxe o assunto pobreza na capa com a imagem de um casal sujo e roupas rasgadas, sugestivamente nos glúteos, para chamar a atenção ao nome do impresso, dizendo que a moda era ser pobre. A edição trouxe a temática na capa, mas não abordou o assunto em nenhuma matéria, deixando apenas o assunto em evidência, sem abordagens e discussões.

Uma possível explicação para essa capa reside no fato de apresentar jovens não necessariamente pobres, mas podendo ser incluídos nessa categoria, fazendo uma possível alusão à decadência de setores antes privilegiados. O que parece estar bem evidente é que a moda significa ser uma questão muito citada e não necessariamente pela classe menos favorecida. Estaria abrangendo outros segmentos populacionais.



Figura 54. Bundas, Capa edição 18.

Na edição de número 42 (anexo 14) Biondi trata do desemprego, revelando ser este cada vez mais expressivo, além de mencionar os salários baixos e a inflação que veio para contribuir cada vez mais com o empobrecimento da população. Apesar de

tratar de assuntos que envolvem outras categorias, o destaque da matéria é a pobreza enfrentada por grande parte da população brasileira.

A política adotada por FHC, segundo Biondi, possibilitou que grande parte dos brasileiros tivesse, cada vez menos, condições de uma moradia digna e se alimentar bem, devido a alta dos preços e os salários baixos.

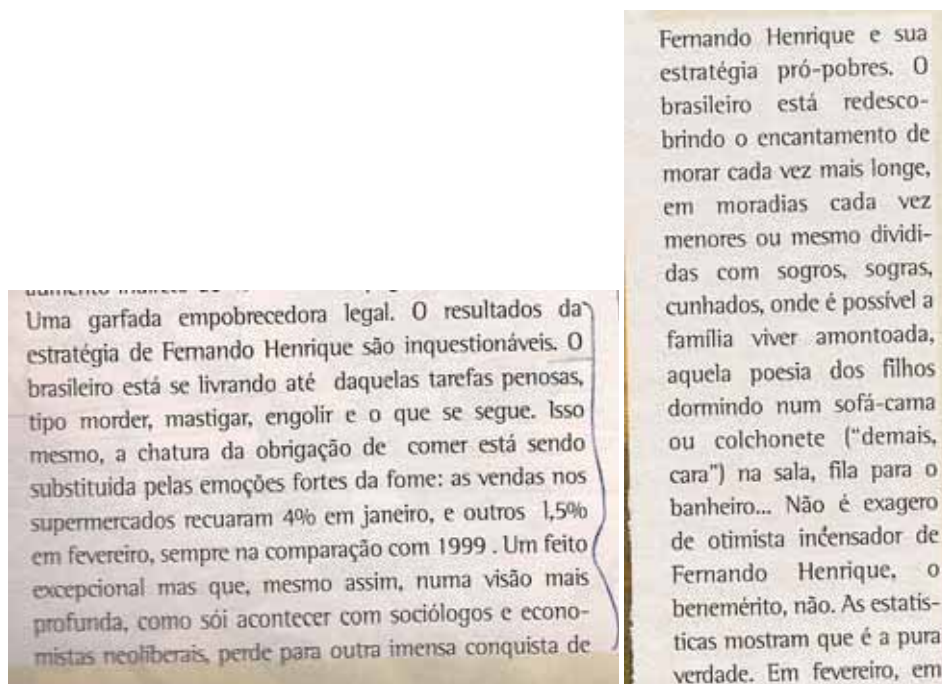


Figura 55. Bundas, edição 42, p 23.

A crítica à política exercida por FHC é clara, anunciando que esta possibilitou à população, principalmente à classe trabalhadora e média, que vivessem em situações cada vez mais precárias, pois com a adoção do Plano Real e o neoliberalismo, a população passou a ter que lidar com impostos cada vez mais altos, e um salário que não acompanhou a alta do custo de vida. Abordando o assunto desta forma, Biondi foi capaz de mostrar como a economia estava influenciando a qualidade de vida das pessoas, aproximando o assunto econômico da realidade da população.

No artigo também nota-se a ausência de termos técnicos ou palavras complexas próprias da linguagem jornalística dos meios massivos, além da ilustração de uma pessoa nua de cabeça para baixo de forma bem caricata, mostrando ser essa a foto de uma Identidade, insinuando estar o país de cabeça para baixo.

Já na edição 55 (anexo 15), Biondi trata do analfabetismo entre pessoas acima de 29 anos, consideradas já velhas pelo governo. Biondi diz ser o Brasil um dos países que possui a maior taxa de analfabetismo, e esta não se encontra presente apenas em

regiões mais pobres do Brasil, como Nordeste e Norte, mas também na periferia de grandes cidades. Aloysio critica a ação do governo, por não estimular que pessoas acima de 29 anos estudem e tenham condições de entrar no mercado de trabalho.

Outra questão abordada foi a falta de saneamento básico, que aumentou o número de doenças, hospitalização e mortes entre pessoas mais pobres, fazendo com que a grande maioria de crianças e pessoas mais velhas falecesse. Um trecho da matéria associa o problema do analfabetismo à falta de saneamento básico:

anos, faça a gentileza de perecer. O problema, em parte, realmente está sendo resolvido pelo governo FHC que, no ano passado, apesar da seca do Nordeste, cortou de 350 para 90 milhões o dinheiro destinado à distribuição das cestas básicas a 30 milhões de famílias miseráveis, dos bolsões de pobreza de todo o País. Seguramente, um genocídio silencioso, capaz de eliminar pessoas realmente velhas, eliminadas pela desnutrição e doenças. Este último fator, aliás, deve ser outro aliado que entra nos cálculos do ministro Paulo Renato: nos últimos dois anos, o governo FHC proibiu o FGTS de emprestar dinheiro às Prefeituras e Estados para a instalação de serviços de água e esgotos, levando à interrupção de obras nessa área até no Estado de São Paulo... Uma barbaridade contra a qual o próprio ministro

hospitalização e mortes entre a população pobre. Uma barbaridade, sim, mas que pode "melhorar" as estatísticas do ministro Paulo Renato não apenas em relação ao analfabetismo, mas também quanto às "crianças sem escola". As estatísticas do MEC trombeteiam que 96% das crianças entre 7 e 14 anos hoje estão na escola. Mais umavez, o número é enganoso, por tratar-se de média nacional. No Nordeste, ele cai para 92%, isto é, nada menos de 8% das crianças não estão tendo acesso à educação. Felizmente para o MEC, as estatísticas do ministro Serra mostram que 350 mil crianças morreram no Brasil em três anos, de 1995 a 1997, por doenças ligadas à falta de saneamento básico. Isto é, 350 mil brasileirinhos que não vão precisar de escola e enfeiar as estatísticas do MEC. "Pessoas velhas" e "anjinhos" estão sendo eliminadas do mapa pelo governo FHC. Está explicado o otimismo do ministro Paulo Renato?

Figura 56. Bundas, edição 55, p 39

Biondi faz a relação pobreza e educação para mostrar a falta de ações do governo, em especial do ministro Paulo Renato, em melhorar as condições de vida da população mais pobre, fazendo com que ela viva em situações precárias e ainda sem acesso a educação. O artigo ainda possui termos coloquiais como: *sabe cume*, *salta aos olhos*, *cafundós*, deixando a temática mais fácil de ser compreendida.

Para finalizar, na seção *Bundalelê* da edição 67, (anexo 16) Emir Sader trata da questão da má distribuição de renda colocando uma citação de Aloysio Biondi: “A produção mundial de alimentos é, atualmente, mais que suficiente para alimentar de forma apropriada os 6 bilhões de seres humanos.” A partir da afirmação de Biondi, Sader menciona que o que falta em nosso país é uma distribuição de renda correta, pois 6 milhões de crianças morrem anualmente por desnutrição. Ao final da nota Sader menciona que bastaria a *Cúpula* da ONU ter decidido para onde iriam ser destinados os recursos que a desnutrição não seria mais um problema a enfrentar. A nota de Sader evidencia que, naquele período, a pobreza e a falta de recursos aos mais pobres era algo constantemente vivenciado, mas pouco era feito para mudar essa realidade, e, ainda, mostra que as verbas não eram corretamente distribuídas.

Após analisar todas as edições que trataram, direta ou indiretamente, do assunto pobreza, constatamos que vários eram os assuntos que se relacionaram com a categoria e *Bundas* os associava a má administração do governo de FHC, bem como a corrupção que constantemente era evidenciada pelo periódico. Escândalos sobre a política Tucana eram abordados nos grandes impressos, mas *Bundas* o fazia de forma diversa, colocando-o sempre de maneira bem humorada e explícita, além de trazer o assunto pobreza de forma com que as pessoas pudessem o associar com a situação política e econômica vivida no período.

## POBREZA

Quadro 5

|                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>LINGUAGEM</b> | Com linguagem clara buscou associar os problemas econômicos, salário e desemprego, a questão da pobreza no Brasil. Empregou termos coloquiais como: chumbo grosso; má fé; de quebra; sabe cume; cafundó; salta os olhos, além das publicações serem escritas de forma simples, sem termos técnicos. |
|                  | Das 7 publicações encontradas com o assunto pobreza 5 delas                                                                                                                                                                                                                                         |

|                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|-------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>IMAGEM</b>                       | vieram acompanhadas de ilustrações, de forma a ironizar e ilustrar o que foi dito na matéria.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>ESPAÇO</b>                       | O espaço dedicado à categoria quase sempre se concentrou nos artigos de Sergio Macedo, ocupando de 1 a 2 páginas.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>FONTES</b>                       | As publicações foram baseadas em dados do PIB e números indicativos de pobreza. Além de dados do MEC, IBGE, Dieese, Pnud e FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE</b> | Os principais critérios que agiram na produção da notícia desta categoria foram: o <i>Governo</i> (decisões e medidas) e o <i>Impacto</i> (grande quantidade de dinheiro). Os artigos e notas constantemente trataram das medidas e decisões do governo que não favoreciam a camada mais pobre da população, acarretando um elevado índice de pobreza evidenciado no Brasil no período. Além da questão do Impacto, mostrando a elevada quantia destinada para reduzir o índice de pobreza no país, mas que não era usada para tal fim. |

#### 5.3.4 Impostos

Além da pobreza, desemprego e salários baixos, a população enfrentava a alta dos impostos. Sete edições trataram do assunto em *Bundas*, e quase sempre vieram relacionadas com o tema *pobreza*. A edição número 7 trouxe a temática na seção de Tutty Vasques (*Tutty News*):



Figura 57. Bundas, edição 7, p 48.

Tutty menciona que no Brasil apenas os pobres (afora assalariados) pagam impostos, e de maneira bem humorada diz que criar um imposto sobre as riquezas poderia acabar com ela. A nota relata que os ricos não pagam impostos, pois de alguma forma possuem privilégios que os isentam disso, fazendo com que a população destine grande parte de seus salários ao pagamento de impostos, beneficiando apenas os mais ricos. Ainda ouvimos muito falar sobre essa questão: por que não criar impostos sobre grandes fortunas? No *Portal Forum*, revista digital de caráter alternativo, inspirada no Fórum Social Mundial, em junho de 2013 publicou uma matéria a respeito dizendo:

A cobrança de imposto sobre grandes fortunas, prevista no artigo 153 da Constituição de 1988 e nunca regulamentada, voltou ao debate nacional após as manifestações de rua exigindo melhorias na qualidade de vida da população. É uma demanda antiga. E nunca conseguiu eficácia por sempre esbarrar nos velhos corporativismos (...). Fonte: Portal Forum. *Impostos sob grandes fortunas: se não agora... quando?*<sup>(9)</sup>

Dessa forma, podemos constatar que o assunto abordado por Tutty ainda está em voga e é motivo de discussões, mostrando serem os grupos mais ricos beneficiados por não pagarem impostos.

A nota de Tutty não traz ilustrações humorísticas, mas a maneira como o assunto é trabalhado nos remete ao riso, pois a forma de abordagem é irônica, bem humorada e sarcástica.

A edição número 8, discutida no tópico anterior sobre *pobreza*, também tratou da questão dos impostos. Neste artigo a pobreza foi relacionada com a criação de mais impostos, fazendo com que a população pobre tenha menos chance de mudar de situação. A ilustração presente no artigo (páginas 106 e 107, anexo 13) deixa clara a intenção da publicação, pois como menciona Macedo ao final de seu artigo: *a pobreza não se combate com a criação de mais impostos, mas sim com uma melhor distribuição de renda, emprego e sensibilidade por parte dos governantes*. Mais uma vez, a forma de exercer a política é criticada no periódico, colocando em discussão a administração tucana.

---

<sup>(9)</sup> Disponível em: [http://www.revistaforum.com.br/blog/2013/07/imposto-sobre-grandes-fortunas-se-nao-  
agora-quando/](http://www.revistaforum.com.br/blog/2013/07/imposto-sobre-grandes-fortunas-se-nao-agora-quando/)

Aloysio Biondi na edição 41 (anexo 17) também trouxe os impostos como temática. A crítica exercida por Aloysio ao assunto é que a classe média e trabalhadores precisam destinar boa parte de suas rendas ao pagamento de impostos, enquanto grandes empresas como a Vale do Rio Doce, por exemplo, destinam apenas uma pequena parte de seus lucros ao pagamento do mesmo. Este artigo vem ao encontro da crítica feita por Tutty na edição número 7, quando este mencionou que apenas as classes mais pobres da sociedade pagam impostos, enquanto os ricos lucram às custas dos impostos pagos por este setor mais pobre.

O início da matéria de Biondi, trata diretamente do assunto:



Figura 58. Bundas, Edição 41, p. 22.

Biondi escreve este artigo baseado em depoimentos do secretário da Receita Federal, Everaldo Maciel, na CPI sobre o socorro do Banco Central a bancos quebrados, no início do ano de 1999, e ainda usa de termos coloquiais como *tostão*, deixando a informação menos densa:

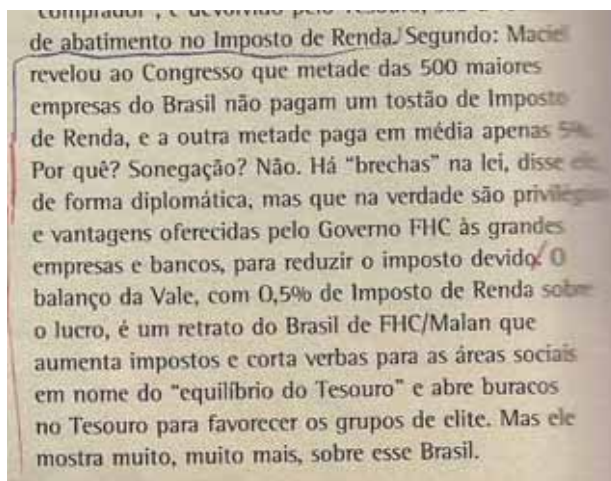


Figura 59. Bundas, edição 41, p 23.

Segundo Biondi este fato ocorre porque existem “brechas” na lei, fazendo com que existam privilégios e vantagens oferecidas pelo Governo FHC às grandes empresas e bancos, para reduzir o imposto devido. O artigo ainda traz uma ilustração feita pelo chargista Lula, mostrando o presidente FHC de forma caricata e um cofre de porco. A imagem ilustra a frase conhecida “mamando nas tetas do governo”, que foi muito utilizada durante o Regime Militar e na gestão do ex-ministro Delfim Neto, demonstrando que as grandes empresas lucram às custas do governo e também da população.

Emir Sader, na edição 67 (anexo 18), também tratou de impostos, mencionando que metade do que deveria ser arrecadado não vai para o governo, iniciando o artigo com a pergunta “Quando o leão morde, quem come quem?”. Segundo a publicação “As empresas pagam, em média, menos que as pessoas físicas – os pobres mortais, que respondem juridicamente por essa apelação. O mecanismo efetivo de cobrança de impostos é o desconto na fonte, que penaliza basicamente os assalariados.” Sader explica a afirmativa através de dados:

Nesses casos estão as 62 pessoas que ficaram isentas, mas que movimentaram R\$ 11 bilhões (R\$ 178 milhões cada uma). Estão também 139 pessoas que não apresentaram declaração de renda em 1998, mas movimentaram R\$ 28,9 bilhões (R\$ 208 milhões cada uma). Assim como 45 microempresas – que não poderiam ter receita acima de R\$ 120 mil, mas movimentaram R\$ 53,2 bilhões (R\$ 1,1 bilhão cada uma). O ócio criativo fez com que 24 empresas declarassem ao Leão que não estavam funcionando, e ainda assim movimentaram R\$ 21,560 bilhões (R\$ 898 milhões cada uma). Passaram batidas 139 empresas, que nem apresentaram declarações de imposto de renda, mas movimentaram R\$ 70,969 bilhões (R\$ 573 milhões cada uma).

Figura 60. Bundas, Edição 67, p. 16.

Nota-se que o uso de termos populares como *pobres mortais*, e também a ilustração de um leão (símbolo do Imposto de Renda) arrancando o braço de uma boneca com a etiqueta do Brasil, se destacam no artigo. A imagem mostra que o Imposto de Renda “abocanha” grande parte do que o brasileiro ganha, enquanto os EUA, representado por um pato, se beneficia do que o leão faz, graças as dívidas contraídas com esse país.



Figura 61. Bundas, Edição 67, p 16.

A imagem ilustra o que foi tratado no artigo e de forma clara mais uma vez mostra os beneficiários dos impostos cobrados pelo governo no período.

Na edição 72 o tema *impostos* aparece na coluna *Bundalelê*, com o título *Impostos e Impostores*. A nota, ao que tudo indica é um desabafo do escritor da nota, Marco, que paga cada vez mais impostos para “tapar os furos da canoa furada que é o projeto econômico do governo...” projeto este discutido anteriormente, através de explicações sobre a adoção da política neoliberal, que resgataremos mais adiantes, no tópico: Política e economia nos anos 90, quando é explicado como se deu a adoção do Plano Real juntamente com a política neoliberal, fortalecendo as críticas feitas nas matérias anteriores sobre os impostos.

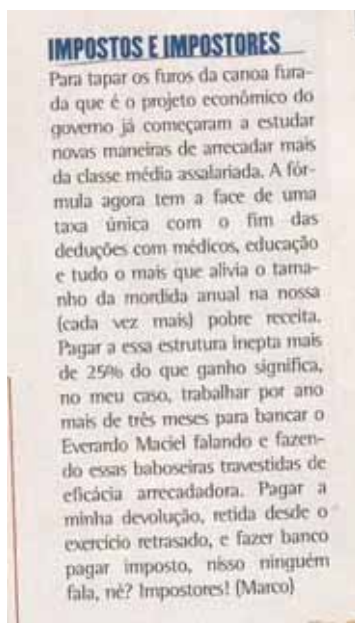


Figura 62. Bundas, Edição 72, p.9.

A nota cita que 25% do que a população ganha anualmente é para pagar impostos, enquanto nos grandes bancos, por exemplo, ninguém fala de pagar impostos.

Na mesma edição na coluna de Nani (*Nani pinta...e Borda*), cartuns sobre a quantidade de impostos e os benefícios de grandes empresas em não pagá-los, também esteve presente.



Figura 63. Bundas, Edição 72, p. 48.

O cartum busca afirmar, cada vez mais, que o governo privilegia os grupos mais ricos, enquanto os setores mais pobres pagam cada vez mais impostos.

Na edição 52 o assunto apareceu na seção *Nani pinta... e borda*, sem textos, apenas por meio de cartuns, com o título “O leite das crianças”. O cartum ilustra uma mãe

amamentando seu filho e Everaldo Maciel, secretário da Receita Federal, mostrando que metade do que as famílias ganham vai para o pagamento de impostos, “alimentando” os cofres do governo.



Figuras 64. Bundas, Edição 52, p.28.

Por meio de cartuns, ilustrações e notas o assunto *impostos* foi abordado com o intuito de denotar que os grupos mais ricos, geralmente aqueles ligados a grandes empresas, não pagam impostos. Em seções bem diversificadas a temática foi lançada sem ocupar um espaço específico no semanário, fazendo com que as discussões feitas a respeito não ganhassem muita profundidade.

Todos os artigos e cartuns que trouxeram a temática procuraram apenas fazer uma crítica aos grandes grupos e empresas que pouco ou nada pagavam de impostos, mas não abordou os setores que sofriam com a alta dos mesmos e de que forma os aumentos dificultariam a vida da população, deixando o assunto com pouca profundidade.

## IMPOSTOS

### Quadro 6

|                  |                                                                                                                                                                                                                                            |
|------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>LINGUAGEM</b> | Apesar dos textos e cartuns apresentarem uma linguagem simples, com a presença de termos coloquiais, comicidade e ironia, não aprofundou a temática. Abordou apenas a questão das grandes empresas e grupos sociais ligados a elas que não |
|------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

|                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|-------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                     | pagam a quantidade de impostos que grande parte da população pagava.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>IMAGEM</b>                       | Apenas uma (1) das sete (7) publicações não trouxe ilustrações. As demais buscaram por meio de cartuns descontrar e complementar o texto exposto.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>ESPAÇO</b>                       | Não se apresentando em colunas definidas o assunto foi abordado em várias seções e muitas vezes com notas e artigos curtos.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>FONTES</b>                       | Os assuntos não foram apenas lançados, mas também comprovados através de dados, passando a sensação de comprometimento dos autores com a informação exposta. Baseado em taxas do imposto de renda; dados do dinheiro arrecadado e número de empresas que pouco ou nada pagavam de impostos. As matérias transmitiram números e taxas, mas não citaram as fontes das quais extraíram a informação. Foi mencionado apenas o PIB como fonte em algumas de suas publicações.                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE</b> | Os critérios utilizados na seleção das notícias desta categoria são os de <i>Impacto</i> (grandes quantias de dinheiro) e <i>Polêmica</i> (controvérsia). Impacto por evidenciar as milionárias e bilionárias quantias de dinheiro que as grandes empresas lucram e a Polêmica por evidenciar a incongruência no pagamento dos impostos, pois as grandes empresas, apesar do grande lucro e movimentação de dinheiro, pagam poucos impostos quando comparados aos que a grande parte da classe média e baixa pagam. O fato de as publicações não se apresentarem em colunas definidas e, muitas vezes, em notas curtas, mostra o interesse do semanário em chamar a atenção para o fato, sem apresentar a temática de forma aprofundada. |

### 5.3.5 Privatização

Outra categoria que julgamos interessante trabalhar foi a *Privatização*. Como vimos no tópico 3.3, as privatizações ocorrem quando o governo vende empresas estatais para a iniciativa privada (empresas nacionais, grupos de investimentos, multinacionais). O governo de FHC realizou inúmeras privatizações de grandes empresas estatais, como a Vale do Rio Doce, por exemplo, graças à política neoliberal na busca pela contenção da inflação. Mas várias foram as críticas feitas a essas ações, não só por parte da população como também dos partidos de oposição a FHC.

*Bundasse* manifestou contra a política do governo de privatizar as empresas estatais e ainda expôs as consequências disso à população. Quatorze matérias abordaram a temática, sendo a primeira delas a edição número 6 (anexo 19), intitulada de VENDA-SE O BRASIL.

Frei Beto revela que graças às privatizações muitas de nossas riquezas foram passadas para outros povos e, ao invés de melhorar a situação econômica do Brasil, arruinou ainda mais:

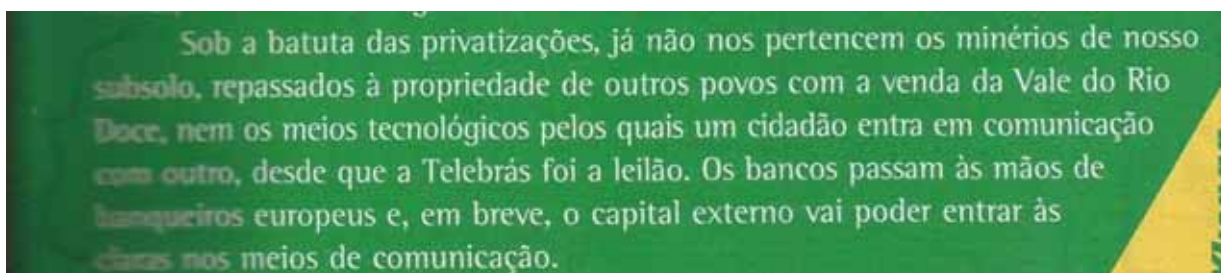


Figura 65. Bundas, Edição 6, p. 32.

Frei Beto discute a venda de empresas, bancos e empresa de telecomunicações, e apresenta dados numéricos dos valores pelos quais foram vendidas grandes empresas nacionais explicando ao leitor que esta ação apenas favoreceu os grupos estrangeiros que as adquiriram, agravando ainda mais a situação político-econômica brasileira. O artigo ainda vem acompanhado de uma ilustração de Ykenga, mostrando ser o Brasil uma prateleira cheia de empresas nacionais a venda, e por preços em oferta, evidenciando estar o Brasil sendo liquidado para outros países.



Figura 66. Bundas, Edição 6, p. 32.

Outro artigo, na mesma edição, a tratar da temática foi extraído de *Carta Capital* em 1998, intitulada de: VAMOS JOGAR OLIGOPÓLIO! Que trata da venda de empresas nacionais, a preços baixos aos estrangeiros, mencionando estarem oligopolizadas, ou globalizadas. Oligopólio é um sistema que faz parte da economia política caracterizado por um mercado onde existem poucos vendedores para muitos compradores, sendo assim, oligopólio seria o controle do mercado por pequenas empresas. O artigo não explica os termos, mas associa a política de privatizações ao oligopólio, dizendo ser um termo muito usado pela grande imprensa.

Esta publicação faz uma ironia à difícil situação enfrentada, devido às privatizações, e satiriza ensinando o leitor a jogar o jogo, dizendo que deve ser conduzido com dados viciados, e de preferência do governo, mas que no fim sempre ganha o mais forte, ou os mais *cara-de-pau*...

Lembra do Banco Imobiliário? Aquele jogo inventado com o nome de Monopoly durante a recessão americana de 1929? Esquece. O Brasil está sendo loteado e ninguém aqui tem dinheiro para pagar as prestações. Tanta empresa baratinha, metrô, estradas, monopólios estatais... Mas ainda é possível se divertir muito numa economia cada vez mais oligopolizada, ou globalizada, como prefere parte da imprensa. Fusões? Privatizações? Segundo os analistas são uma tendência mundial. Como? Você não achou engraçado venderem a Light para uma estatal monopolista francesa e os telefones para estatais, ou ex-estatais, de outros países? Exploda-se! Ou relaxe e divirta-se!

Figura 67. Bundas, Edição 6, p.33

O artigo é ilustrado com um passo a passo do “jogo”, desvendando as falcaturas do governo ao conduzir a política, com o intuito de mostrar ao leitor os rumos da política econômica brasileira, com uma política que favorece apenas os donos do poder, debilitando ainda mais a economia do Brasil.

Aloysio Biondi, na edição número 11 (anexo 20) aponta as privatizações como algo ilusório, por desfavorecerem ainda mais a economia nacional. Com a alta dos juros sobre a dívida externa e os impostos cobrados aos brasileiros, o Brasil não viu outra solução a não ser vender as suas riquezas nacionais, mas, com as privatizações, o país ficou cada vez mais nas mãos do Fundo Monetário Internacional (FMI), sendo assunto em *Bundas* e motivo de críticas:

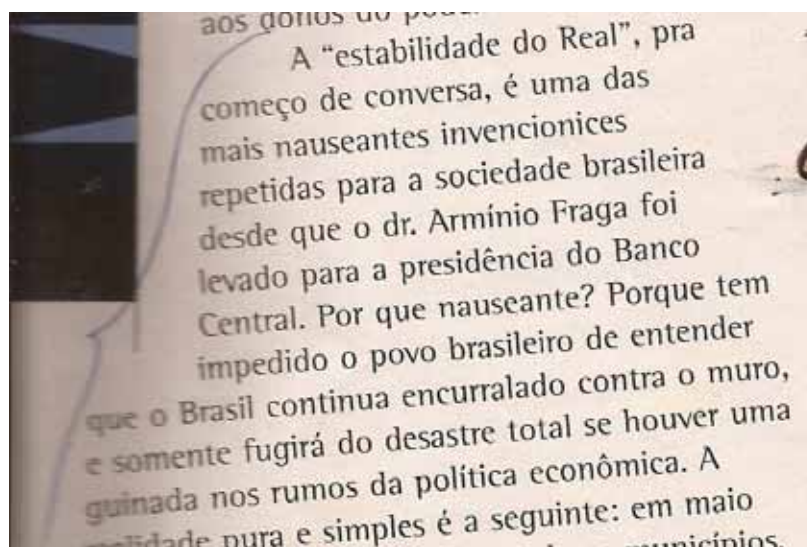


Figura 68. Bundas, Edição 11, p 32.

O trecho selecionado nos mostra que é preciso haver mudanças nos rumos da política brasileira e que a estabilidade do Real é apenas um discurso criado para que as pessoas achem que a economia está sob controle, enquanto quase tudo é privatizado e vendido a preços mais baixos do que valem.

O artigo é acompanhado de uma charge ilustrando um homem praticamente nu pensando em qual pote escolher, o pote seria o FMI, sob o comando dos Estados Unidos, mostrando o Brasil sem nada e procurando a solução nas mãos daquele que já lhe tirou tudo. Ou seja, o país estava perdendo cada vez mais sua fortuna para o FMI, com uma dívida que só aumentava, devido aos juros cobrados e, mesmo assim, procurava a solução numa política que só favorecia as grandes potências, deixando o Brasil cada vez mais sem nada.

A solução para Biondi é o Brasil romper com o FMI e dar uma guinada total na política de desnacionalização, ou então será condenado à morte, pois a dívida externa o arruinará ainda mais.

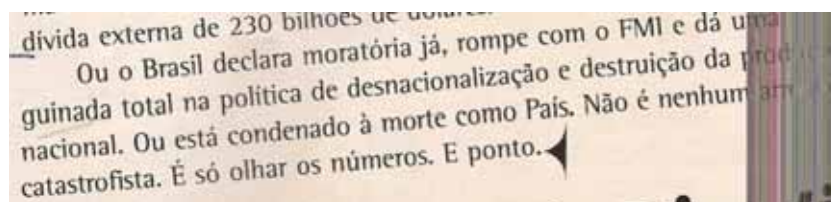


Figura 69. Bundas, Edição 11, p 32.

O artigo teve como intuito apontar que privatizar não é a solução e a população precisava enxergar isso. Através de exemplos e imagens, Aloysio buscou mostrar ao leitor que o caminho para salvar a economia não era vender as empresas brasileiras, mas sim romper os laços com os países que arruinaram economicamente o Brasil.

Na edição 14 Biondi critica as privatizações e diz serem elas uma ilusória esperança de riqueza, citando o caso Francês:

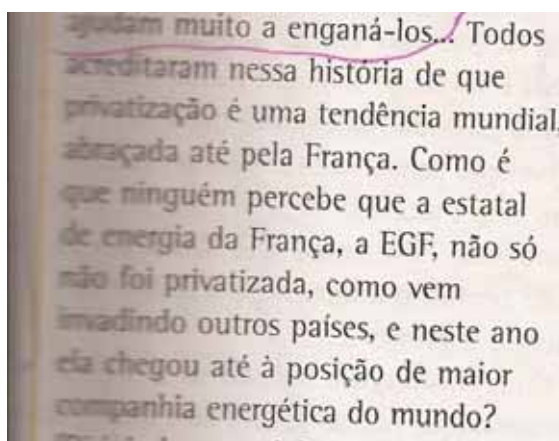


Figura 70. Bundas, Edição 14, p. 14.

A França comprou várias empresas nacionais através de empréstimos, se tornando dominante no mercado. O artigo é iniciado como se fosse uma narração de uma história da qual o personagem principal é Henri Ferdinand, personagem fictício que vendeu boa parte do patrimônio brasileiro aos franceses e norte-americanos, à custa de impostos e miséria do povo brasileiro. Biondi, através de uma análise de cunho narrativo, procurou denotar as ações dos políticos brasileiros, com a venda de empresas nacionais e os malefícios causados a população.

A edição 27 (anexo 21) continua a tratar da temática, complementando o artigo da edição 14, criando personagens que discutem a situação econômica brasileira, através

de diálogos com outros personagens. Um dos personagens tenta revelar aos colegas que as privatizações não são a solução para a economia brasileira e que o Brasil estava se tornando cada mais ‘vendido’ para as grandes potências.

O artigo vem acompanhado de uma charge de Leonardo, ilustrando de forma caricata o presidente FHC vestindo a bandeira do Brasil, que foi fabricada nos EUA, e tomando uma bebida com uma caneca da França. A imagem sugere a dependência econômica do Brasil diante dos outros países, resultado das privatizações, que desnacionalizaram a produção brasileira.



Figura 71. Bundas, Edição 14, p. 14.

A edição seguinte, 28 (anexo 22) também trabalhou a temática das privatizações. “Queremos o Brasil de volta”, foi o título do artigo de Biondi, nele o autor expõe as consequências da ação do governo em vender as empresas brasileiras. Os artigos anteriores apresentaram a temática com um pouco mais de complexidade, buscando mostrar ao leitor o que estava acontecendo, mas sem explicações muito claras. Nesta matéria os dados são mais bem apresentados e explicados. Acreditamos que o semanário, desde o princípio, teria que ter explicado os termos e ações das privatizações de forma mais clara, pois muitos leitores podem ter se desinteressado do assunto, a partir do momento que ele se mostrou complexo ao seu entendimento.

No artigo da edição 28, primeiro Biondi pergunta o que as compras e recompras de ações de grandes empresas brasileiras vai ocasionar ao brasileiro, depois bem didaticamente através de dados apresenta as consequências à população.

Está todos os dias nos jornais: empresas telefônicas recompram suas ações, energéticas recompram suas ações, siderúrgicas recompram suas ações... O que isso vai provocar na vida dos brasileiros comuns? O que isso vai trazer para o país? Resposta: o atoleiro final. O extermínio do povo brasileiro. A menos, é claro, que o Congresso acorde – e imponha limites à ação do presidente Fernando Henrique Cardoso. Em português claro, qual o significado dessas “recompras de ações”? Como sempre, é muito simples. Os grupos multinacionais, nos “leilões de privatização”, na verdade compraram só 15%, 20%, 30% das ações das antigas estatais, isto é, passaram a ser donos somente de uma “fatia” de 15%, 20%, 30%. Logicamente, passaram a ter direito, também de “fatias” equivalentes, de 15%, 20%, 30% dos lucros – que remetem, em dólares, para suas matrizes lá fora. Agora, o que está acontecendo?

Figura 72. Bundas, Edição 28, p 24.

De forma detalhada, o autor explica o que as privatizações estão ocasionando ao país e encerra o artigo dizendo que queremos o Brasil de volta, pois grande parte dele foi vendido a grandes multinacionais.

A publicação é acompanhada de uma charge de um Papai Noel, pois o artigo foi publicado em dezembro época de Natal. No telhado de uma casa o mesmo é impedido de entregar os presentes, pois o FMI estrangulou a chaminé com uma cinta, ou seja, nenhum presente entra (nenhuma riqueza é conquistada pelo Brasil), e no chão um senhor preocupado procurando emprego.

Na edição número 30, (anexo 23), Aloysio Biondi trata da venda de empresas petrolíferas que iriam gerar muitas riquezas, ao longo do ano, à nação, riqueza essa que não foi nem em parte paga por essas empresas que as compraram, pois essas foram vendidas a multinacionais por preços muito abaixo do que valiam.

Quanto a Petrobras vale? Em qualquer País que ainda tivesse auto-estima, sentimento também conhecido como vergonha na cara, essa fábula de dinheiro representado pelas reservas petrolíferas seria encarada como um patrimônio coletivo, capaz de garantir as gerações do futuro, permitir a rápida solução de problemas sociais, reconstruir a economia do País devastada por FHC/ Clinton/ FMI/ Bird/ Países ricos. Alicerce para um País. No Brasil de FHC? Áreas petrolíferas como essas foram entregues a multinacionais a preços simbólicos a partir de 85 mil (é m-i-l, mesmo) reais, nos leilões do ano passado. E todo o estardalhaço feito em torno de...

Figura 73. Bundas, Edição 30, p.24.

Biondi cita empresas já vendidas e diz ser a 'desnacionalização' da economia uma "armadilha":

em "bombas de sucção" para remeter dólares, lucros, dividendos, juros para os países ricos: telefônicas, empresas de energia, mineradoras (a Vale já vem vendendo subsidiárias a multinacionais), empresas de papel e celulose (grupo Votorantim, idem), supermercados (até aquela rede que ganha empréstimos do BNDES e a Regina Duarte dizia na TV "Ter orgulho de ser brasileira"), editoras de listas telefônicas (a Abril e o Estadão venderam 40% de suas empresas a um grupo norte-americano). Até laboratórios farmacêuticos - que, pasme-se, depois de multinacionalizados deixaram de produzir remédios no Brasil para voltarem a importar dos países das matrizes, o que explica os preços escorchantes atuais, calculados em dólar. Ou até as fábricas de pão de queijo. Essa desnacionalização, é preciso repetir incessantemente, é uma armadilha, cria remessas permanentes, para todo o sempre, de dólares para o exterior, sem que o País consiga gerá-los. Contra esse "estrangulamento..."

Figura 74. Bundas, Edição 30, p. 24.

A imagem do chargista Lula, que acompanha o artigo, ilustra a destruição da Petrobrás, patrimônio brasileiro que aos poucos foi sendo vendido às multinacionais.



O artigo foi um alerta a população dos malefícios das privatizações, mostrando mais uma vez que nossas principais riquezas foram entregues a preços muito menores do que valiam, prejudicando a economia brasileira.

Na edição de número 32 (anexo 24) Biondi trata de um artigo publicado na *Folha de São Paulo* do dia 14/01/2000, artigo este que apresentou o depoimento do ex-ministro Luiz Carlos Bresser Pereira, tratando negativamente da política neoliberal do presidente FHC.

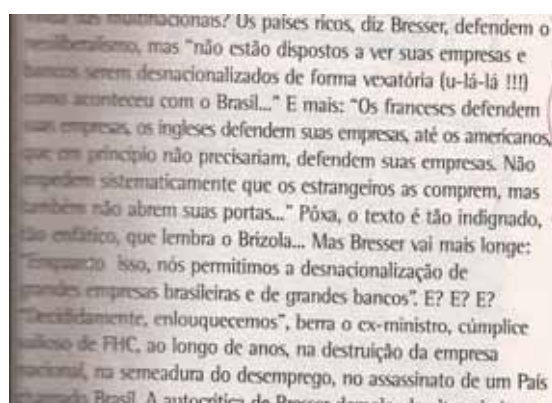


Figura 75. Bundas, Edição 32, p. 24

O artigo de Biondi evidencia ser a atitude do então ex-ministro, amigo pessoal do presidente FHC, algo não muito estranho, pois há no Brasil "... mudanças

surpreendentes de posições (...) um anúncio de que há segmentos importantes das elites econômicas e políticas descontentes com os rumos que o País está trilhando...” palavras de Biondi.

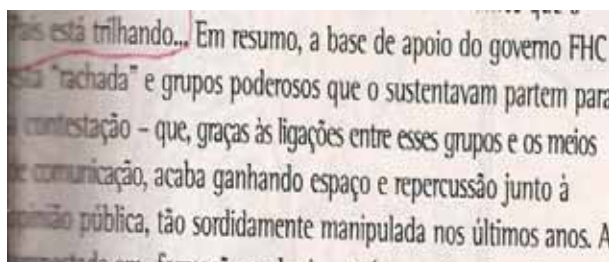


Figura 76. Bundas, Edição 32, p.24.

O trecho acima menciona os meios de comunicação como manipuladores da opinião pública. Mais uma vez existe uma crítica não apenas na forma como a economia é transmitida para a população, mas também no caráter manipulador da grande imprensa em mostrar somente aquilo que lhes favorece.

A crítica ao governo FHC e às privatizações, mais uma vez, é sustentada por Biondi e, através do uso de termos coloquiais, como *ula-lá*, *pôxa*, dentre outros, o jornalista de maneira muito clara apresenta o seu posicionamento:

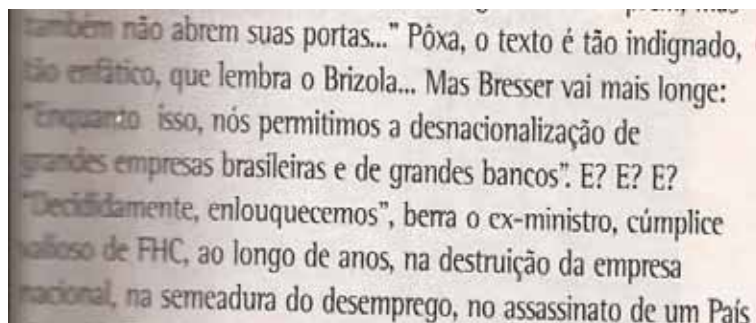


Figura 77. Bundas, edição 32.

Biondi ainda trata de outras empresas que foram vendidas a grandes multinacionais estrangeiras, apresentando dados numéricos e explicações, expondo ao leitor como estava funcionando o esquema de privatizações aqui no Brasil. De forma detalhada e sem jargões econômicos o jornalista explica a situação econômica brasileira, mostrando seu posicionamento frente ao quadro.

O artigo ainda é acompanhado de uma ilustração de Aliedo, que mostra um homem bem deformado, com a mão estendida sugerindo a privatização, e logo á frente á figura de outro homem dizendo: independência ou morte! Entende-se que a figura

deformada seriam os políticos ao depararem com a figura de um homem, sob ameaça de que se não se parar as privatizações haverá morte. Desta forma, o personagem deformado diz serem as privatizações apenas uma brincadeira.

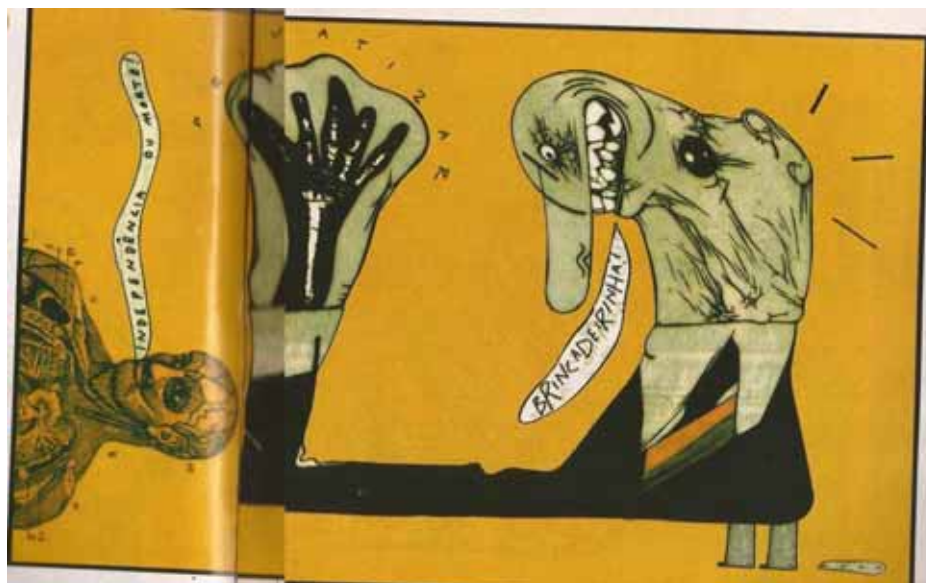


Figura 78. Bundas, p.64, Ed. 32.

A edição 34, (anexo 25) também tratou de assuntos econômicos, e menciona um noticiário divulgado pela grande imprensa (não citando o nome do veículo) aludindo que os partidos da base do governo desejavam mudanças no rumo das privatizações, deixando de entregar nossas empresas a grupos privilegiados. Segundo Biondi, estas informações foram jogadas pelo governo para desviar a atenção do que realmente estava acontecendo e as privatizações continuarem a acontecer.

Biondi conclui o artigo dizendo que o futuro dos brasileiros estava comprometido e Lula ilustra a situação com uma caricatura de FHC em uma poça, provavelmente mal cheirosa, representando as atitudes do governo. O presidente diz na imagem que está liquidando, provavelmente liquidando o país com as privatizações.

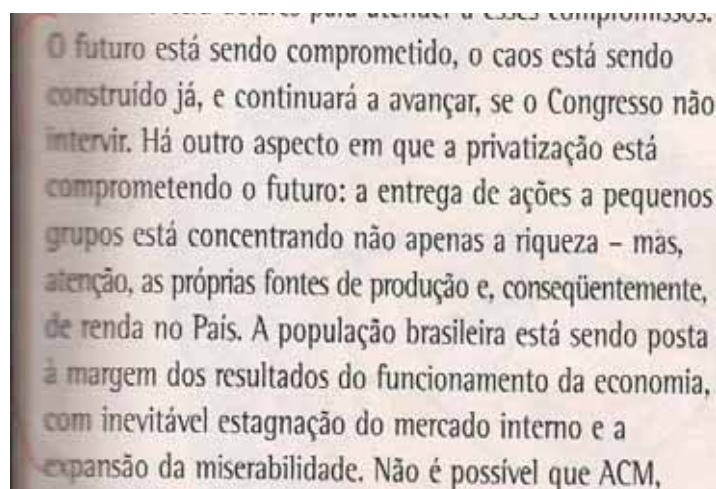


Figura 79. Bundas, Edição 34, p.25.

Aloysio Biondi na edição 35 (anexo 26) também citou a grande imprensa, mas dessa vez atacando-a de maneira mais clara, chamando-a de *ex-grande imprensa*:

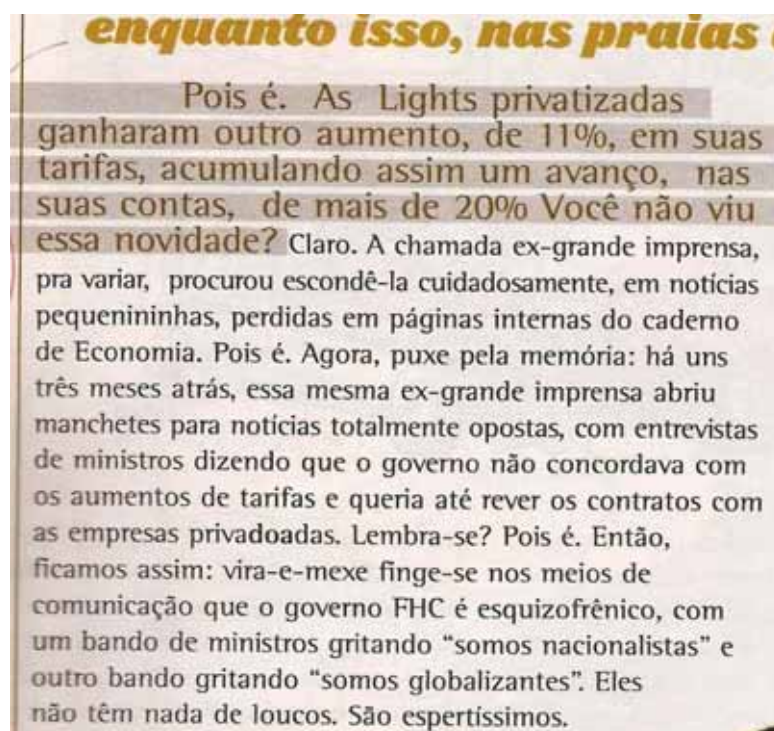


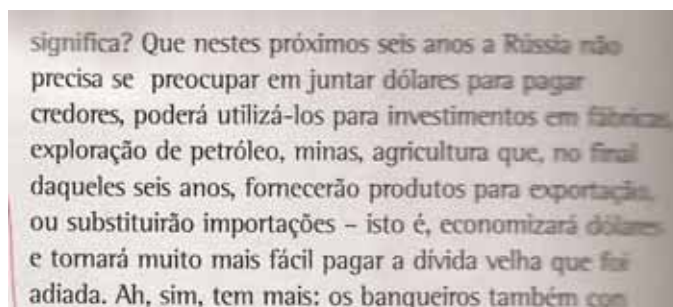
Figura 80. Bundas, Edição 35, p. 20.

Biondi diz serem as atitudes do governo acobertadas pelos grandes meios impressos, dizendo ser uma manobra do governo para mostrar ao povo que não quer que nossa economia seja arruinada com privatizações. Biondi ainda lança uma crítica à atitude do povo brasileiro, diante de todos os acontecimentos financeiros, e encerra

dizendo que “louco mesmo é o povo brasileiro, com o Congresso Nacional, em particular, que aceita passivamente tudo isso.”

Vários termos coloquiais fizeram parte do artigo como: *uia, oooooooooooooooooohhh, cá entre nós* dentre outros, deixando a temática menos densa e ao entendimento do público, além de apresentar uma ilustração do chargista Lula com a figura do presidente afundando em uma poça de lama, descontraindo desta forma a informação.

Na edição 39 (anexo 27) Biondi cita o caso da Rússia, que chegou a um acordo com um bloco de banqueiros aos quais devia 33 bilhões de dólares, adiando o pagamento de sua dívida. Biondi explica o que isso significava ao país:



significa? Que nestes próximos seis anos a Rússia não precisa se preocupar em juntar dólares para pagar credores, poderá utilizá-los para investimentos em fábricas, exploração de petróleo, minas, agricultura que, no final daqueles seis anos, fornecerão produtos para exportação, ou substituirão importações – isto é, economizará dólares e tornará muito mais fácil pagar a dívida velha que foi adiada. Ah, sim, tem mais: os banqueiros também con

Figura 81. Bundas, Edição 39, p. 28.

Segundo Biondi a grande imprensa escondeu e não noticiou este fato, nas palavras do jornalista “... devido ao jogo maquiavélico do governo FHC, que tem rejeitado a moratória sob o argumento de que o País que a decreta perde a “credibilidade internacional”, deixando de receber empréstimos dos bancos e investimentos das multinacionais.” No início do artigo é explicado o termo “moratória”, que seria a suspensão do pagamento dos compromissos em dólar e ainda é mencionado que o noticiário ao invés de apresentar a atitude da Rússia como algo promissor a mostrou de forma negativa:

russo. Por quê?  
Ela continua a fazer o  
jogo maquiavélico do governo  
FHC, que tem rejeitado a "moratória"  
sob o argumento de que o País que a  
decreta perde a "credibilidade internacional",  
deixando de receber empréstimos dos bancos e  
investimentos das multinacionais. O exemplo da Rússia  
desmente essa mentiralhada. Ela foi xingada, enxovalhada  
pelos governos dos países ricos, FMI e imprensa pró-essa  
categoria toda. Ficou firme, temporariamente sem os empréstimos  
do FMI e Ocidente, que poderiam ter amenizado sua crise  
(provocada, em grande parte, pela queda, em 1997 e 1998, dos  
preços do petróleo, seu principal produto de exportação e  
fonte de impostos do governo). Mas rejeitou toda a cartilha do  
FMI, que o governo FHC vem adotando no Brasil, destruindo  
seu futuro como País. Capacho onde os países ricos estão

Figura 82. Bundas, Edição 39, p. 28.

Biondi buscou denotar através de seu artigo que o Brasil ao invés de se espelhar no caso russo fez justamente o contrário, destruindo o futuro do país "(...) mantendo juros nas nuvens para atrair os dólares que são "torrados", mergulhando em recessão e desemprego recordes." O trecho demonstra como a Rússia se posicionou frente às privatizações, rejeitando os empréstimos do FMI para não criar dependência deste. Biondi cita o caso russo, para mostrar que as privatizações, bem como os empréstimos contraídos com o FMI não abalam a credibilidade financeira do país, ao contrário, fazem com que o país tenha mais chance de se reerguer financeiramente.

Aloysio Biondi finaliza o artigo mostrando que não é apenas a Rússia, pois, outros países estavam prosperando por não adotarem mais as privatizações:

econômicos que não conheciam há muito tempo. Na França, o PIB cresceu 3,0% no ano passado, e o desemprego caiu para o seu menor nível desde 1981. Na Espanha, durante décadas recordista em desemprego, na faixa dos 20%, o índice recuou constantemente em 1998 e 1999, fechando o ano em 15%. Todos os países estão cuidando dos seus interesses. Do seu futuro. Espantam-se com o Brasil - e se curvam ávidos sobre suas riquezas incríveis, para melhor saqueá-las.

Figura 83. Bundas, Edição 39, p.28.

Para complementar, Lula ilustra de forma bem caricata o presidente FHC curvado aos pés do EUA, com o trecho de uma música do grupo *É o Tchan*, grupo de Axé que fez muito sucesso no final dos anos 90, sugerindo a dependência do Brasil com os EUA.

O texto em si não se baseia em recursos cômicos e humorísticos, é apenas escrito de forma clara, e com uma linguagem bem coloquial, mas a ilustração que o acompanha, nos leva ao riso. A maneira como é empregada e a associação da posição do presidente FHC com a música do grupo de Axé *É o Tchan*, torna a imagem cômica e ainda sugere que o Brasil está sob o comando dos EUA.

Depois de tantas críticas às privatizações no Brasil o artigo da edição discutida anteriormente evidencia, através de exemplos de outros países, que privatizar não foi o melhor caminho para o crescimento do país, buscando convencer o leitor a ver a política econômica de FHC com outros olhos.

Na edição 50 (anexo 28) é apresentada a situação econômica dos países que foram na *contramão* da política neoliberal e das privatizações de suas empresas, mostrando seu crescimento, enquanto o Brasil se afundava numa enorme crise econômica:

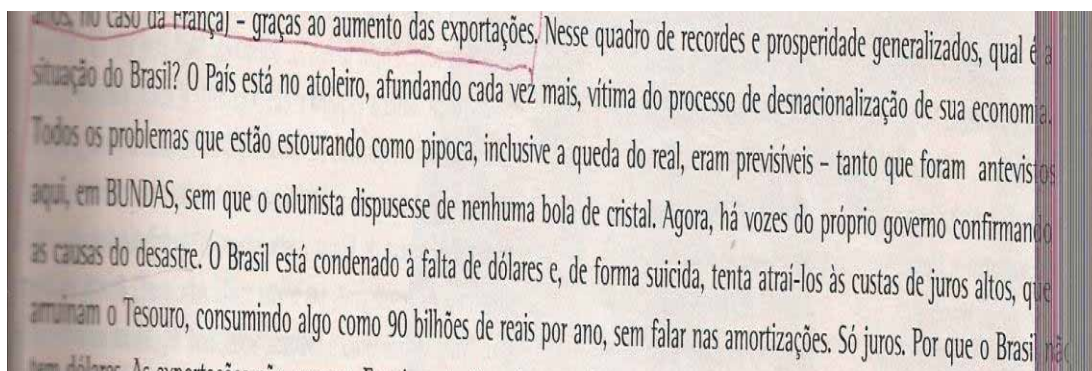


Figura 84. Bundas, Edição 50, p.12.

O trecho do artigo menciona estar o país no *atoleiro*, *afundando cada vez mais*, as ilustrações dos artigos anteriores, com a figura de FHC afundando na lama nos remete a essa afirmativa. Biondi descreve estar o Brasil condenado à falta de dólares e ainda tenta atraí-los a custas de juros altos. No capítulo referente ao jornalismo econômico, no tópico que trata da política e economia nos anos 90, foi discutida, essa questão, evidenciando-se através de tabelas, o crescente aumento dos juros no governo FHC, dado que ressalta a afirmação de Biondi.

A imagem do chargista Lula, que acompanha a publicação de Biondi, ilustra um caminhão andando rumo ao FMI, enfatizando as colocações de Aloysio ao dizer que o país está a se endividar cada vez mais, o que estaria levando a sua ruína. O personagem na ilustração mostra estar o Brasil, com as orelhas do Mickey, personagem de desenho animado que se tornou o símbolo da *The Walt Disney Company*, nos EUA. A imagem então sugere que pensemos que, apesar de o Brasil tentar não depender mais dos EUA, não consegue perder os laços de dependência com esse país.

Já no artigo da edição 52, Biondi trata dos leilões das principais áreas produtoras de petróleo do país, que, segundo o autor, foram doadas a grupos multinacionais colocando o setor sob controle dos países ricos.

A principal crítica recai sobre a inércia do povo brasileiro, em não ver o que estava acontecendo com o Brasil, colocando a culpa, principalmente, nos grandes meios impressos, que camuflaram a informação:

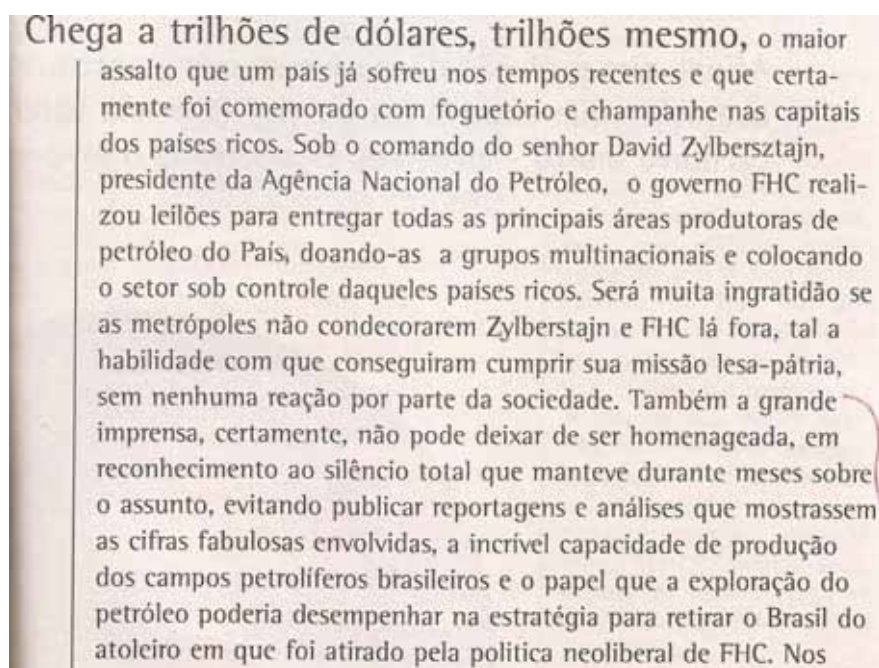
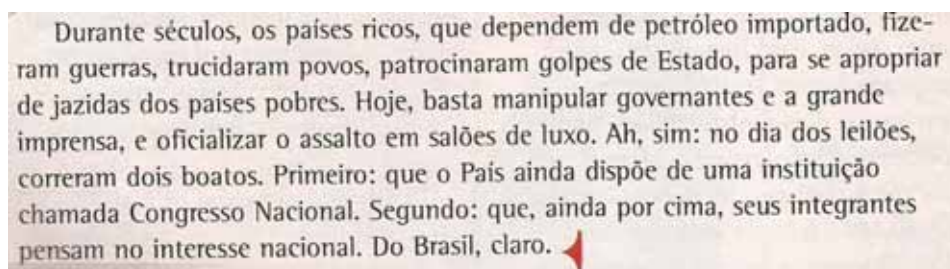


Figura 85. Bundas, Edição 52, p. 12

Como já dito, a crítica maior do jornalista recai sob a falta de ações dos brasileiros graças às manobras da grande imprensa de não divulgarem o que realmente estava acontecendo. Outros artigos já haviam mencionado tal falta de ação dos grandes meios, mas esta publicação de Biondi é mais direta.

Biondi, ao longo do artigo, pontua e explica os valores dos rendimentos do petróleo ao país, por quanto os poços foram vendidos nos leilões e os prejuízos

causados ao país (anexo 29), finalizando que o petróleo sempre foi motivo de guerras para conquistá-lo, mas o Brasil o entregou com facilidade, por baixos preços, ironizando a ação do governo:

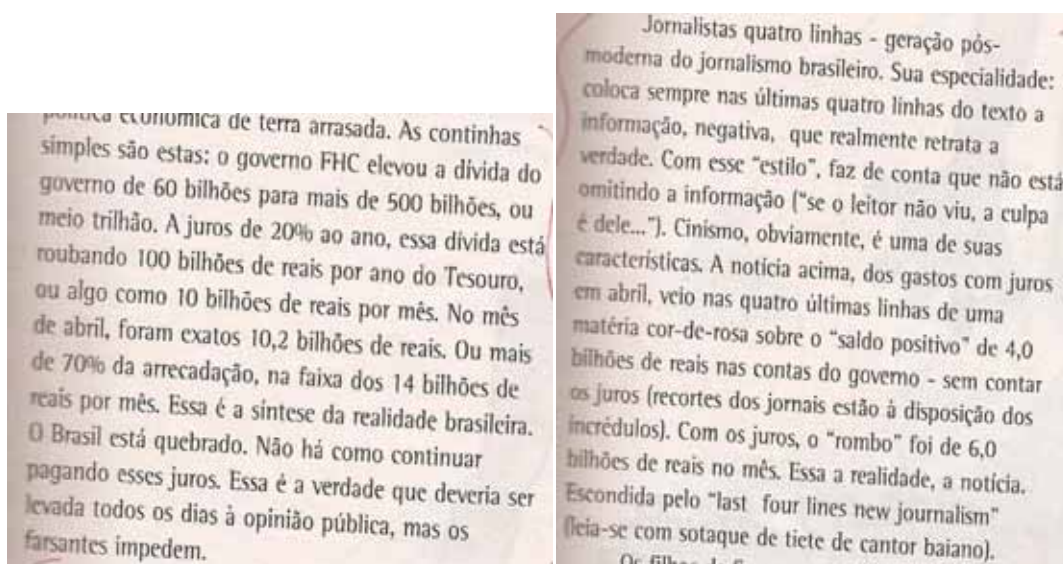


Durante séculos, os países ricos, que dependem de petróleo importado, fizeram guerras, trucidaram povos, patrocinaram golpes de Estado, para se apropriar de jazidas dos países pobres. Hoje, basta manipular governantes e a grande imprensa, e oficializar o assalto em salões de luxo. Ah, sim: no dia dos leilões, correram dois boatos. Primeiro: que o País ainda dispõe de uma instituição chamada Congresso Nacional. Segundo: que, ainda por cima, seus integrantes pensam no interesse nacional. Do Brasil, claro. 

Figura 86. Bundas, Edição 52, p. 12.

O artigo traz uma charge de Lula mostrando o presidente FHC dando adeus ao petróleo levado pelos EUA, já que este foi vendido. Desta forma, apresenta uma crítica a ação do governo como também à grande imprensa que foi manipulada, e apresenta explicações sobre o funcionamento desses leilões, detalhando ao leitor as ações do governo frente a esse quadro.

A última edição a tratar da temática, foi a comemorativa de *Bundas*, número 53, que trouxe um artigo de Biondi apresentando uma análise econômica do país, e faz uma dura crítica à grande imprensa por não dar espaço e expressividade a esses assuntos em suas editorias:



política econômica de terra arrasada. As continhas simples são estas: o governo FHC elevou a dívida do governo de 60 bilhões para mais de 500 bilhões, ou meio trilhão. A juros de 20% ao ano, essa dívida está roubando 100 bilhões de reais por ano do Tesouro, ou algo como 10 bilhões de reais por mês. No mês de abril, foram exatos 10,2 bilhões de reais. Ou mais de 70% da arrecadação, na faixa dos 14 bilhões de reais por mês. Essa é a síntese da realidade brasileira. O Brasil está quebrado. Não há como continuar pagando esses juros. Essa é a verdade que deveria ser levada todos os dias à opinião pública, mas os farsantes impedem.

Jornalistas quatro linhas - geração pós-moderna do jornalismo brasileiro. Sua especialidade: coloca sempre nas últimas quatro linhas do texto a informação, negativa, que realmente retrata a verdade. Com esse "estilo", faz de conta que não está omitindo a informação ("se o leitor não viu, a culpa é dele..."). Cinismo, obviamente, é uma de suas características. A notícia acima, dos gastos com juros em abril, veio nas quatro últimas linhas de uma matéria cor-de-rosa sobre o "saldo positivo" de 4,0 bilhões de reais nas contas do governo - sem contar os juros (recortes dos jornais estão à disposição dos incrédulos). Com os juros, o "rombo" foi de 6,0 bilhões de reais no mês. Essa a realidade, a notícia. Escondida pelo "last four lines new journalism" (leia-se com sotaque de tiete de cantor baiano).  
Os filhos da...

Figura 87. Bundas, Edição 53, p. 22.

A crítica empreendida pelo jornalista relata que quando a informação não é boa para o governo, quando aparece nos grandes meios impressos surgem nas últimas linhas, justamente para não chamar a atenção, fazendo com que assuntos e números polêmicos passem despercebidos pelo leitor.

Biondi ainda complementa o artigo mencionando que se não fossem as privatizações, ocasionando a desnacionalização da economia, o país estaria bem melhor, e se a economia estava arrasada era graças à política econômica empregada por FHC. (Anexo 30).

O artigo também satiriza a figura do presidente, insinuando que este seja um *Bundão*. Toda edição de *Bundas* elegia o *bundão* da semana, um político ou celebridade que se destacou na semana por fazer algo que prejudicasse a política ou economia brasileira, ou no caso de celebridades, por algum comportamento fora dos padrões. No caso desta edição, *Bundas* quis mostrar que o *bundão* da vez seria o presidente, por suas ações que só prejudicavam a economia brasileira.



Figura 88. Bundas, Edição 53, p. 22.

Como vimos, 13 publicações trataram do assunto *Privatização* no semanário, e com exceção da edição número 6, todas foram escritas por Aloysio Biondi, jornalista econômico, além de todas elas terem sido acompanhadas de ilustrações, muitas vezes com charges do presidente FHC, de forma a não apenas a ilustrar e tornar a informação mais atrativa, como também complementar as informações.

Sempre de maneira descontraída o jornalista Biondi levou o assunto de forma que todos pudessem compreender, (com exceção das primeiras edições analisadas).

Apresentou o processo de privatização e suas consequências para a população, e também a situação econômica vivida no país. O jornalista buscou esclarecer o funcionamento da política adotada pelo governo, não apenas despejando a informação para leitor, e apesar de mostrar seu posicionamento de forma pessoal, de maneira enfática em todas as edições, o jornalista sempre deixava uma margem para o leitor pensar sobre o assunto e se questionar.

Algumas edições deixaram o assunto denso e de certa forma complicado de ser compreendido, como nas primeiras edições analisadas, mas de maneira geral Biondi apresentou seu posicionamento no que se referia as privatizações no Brasil, expondo o lado que muitas vezes a grande imprensa não mostrava.

## **PRIVATIZAÇÃO**

Quadro 7

|                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>LINGUAGEM</b> | A linguagem, em grande parte dos artigos apresentados se apresentou de maneira clara, com a presença de muitos termos coloquiais como: cara-de-pau; vergonha na cara, uia, u-lá-lá; tostões, vira-e-mexe; exploda-se, dentre outros. Além de expor a notícia de maneira sarcástica, debochando das ações de FHC. |
| <b>IMAGEM</b>    | Presente em todas as edições, trazendo de maneira caricata a figura do presidente FHC. De forma bem humorada não apenas ilustrou como também complementou a informação, sempre querendo mostrar que o país estava se afundando em uma crise econômica.                                                           |
| <b>ESPAÇO</b>    | Diferente das outras categorias analisadas, o tema <i>privatização</i> , esteve presente em todos os artigos de Aloysio Biondi na sua seção de economia, ocupando de 1 a 2 páginas.                                                                                                                              |
| <b>FONTES</b>    | Carta Capital; Folha de São Paulo; BNDES, The Economist.                                                                                                                                                                                                                                                         |

|                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|--------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE</b></p> | <p>O critério utilizado para tratar das privatizações no Brasil foi o <i>Governo</i>, através da abordagem das decisões e medidas que levaram o país a adotar as privatizações, e por meio desta mostrar o assunto de forma a evidenciar a importância deste. <i>Bundas</i>, desta forma, buscou por meio de análises e discussões, expor como as privatizações poderiam influenciar na vida do trabalhador brasileiro, defendendo uma postura contrária às privatizações de empresas estatais no país. Devido à quantidade expressiva de artigos a respeito das privatizações, nota-se que o objetivo do semanário era convencer o leitor a acreditar que essa medida estava deteriorando a economia nacional, com um claro posicionamento de denúncia às medidas exercidas pelo governo FHC.</p> |
|--------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

### 5.3.6 Neoliberalismo

A política neoliberal adotada pelo governo FHC foi muito mencionada nos artigos analisados nas outras categorias. Diante deste fato, foi criada para esta análise a categoria *Neoliberalismo*, que teve um enfoque mais expressivo em três edições do impresso. Apesar de pouco, comparado à quantidade das outras categorias, o tema neoliberalismo foi abordado com um pouco mais de profundidade nas edições 18, 25 e 46. Todos os artigos desta categoria foram escritos por Biondi, e procuraram explicar o que foi o neoliberalismo e suas consequências para o Brasil.

No Capítulo que trata sobre o Jornalismo Econômico, no tópico sobre a política e economia nos anos 90, apresentamos algumas explicações, partindo de autores como Stange (2001), por exemplo, e explanamos, também, ser a política neoliberal algo que aumentou a dívida pública, ocasionando o desemprego, elevação nas taxas de juros, intensas privatizações, dentre outras ações que segundo os autores debilitaram a economia nacional. Na edição 18, (anexo 31), Biondi explica o que foi o neoliberalismo para o Brasil apontando suas consequências negativas:

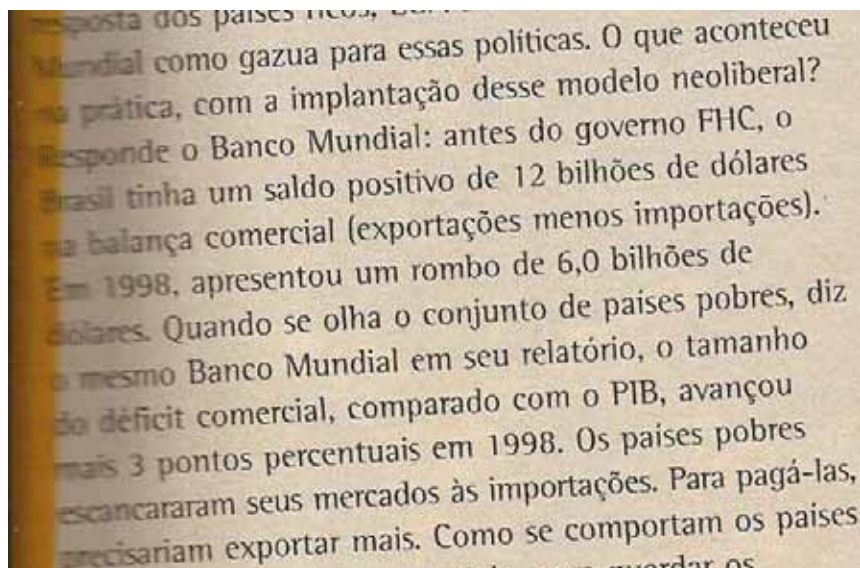


Figura 89. Edição 18, p. 21.

Ainda no mesmo artigo, Biondi amostra o crescimento de países que não adotaram o neoliberalismo, os chamando de “desobedientes” por não adotarem a política neoliberal como o Brasil:

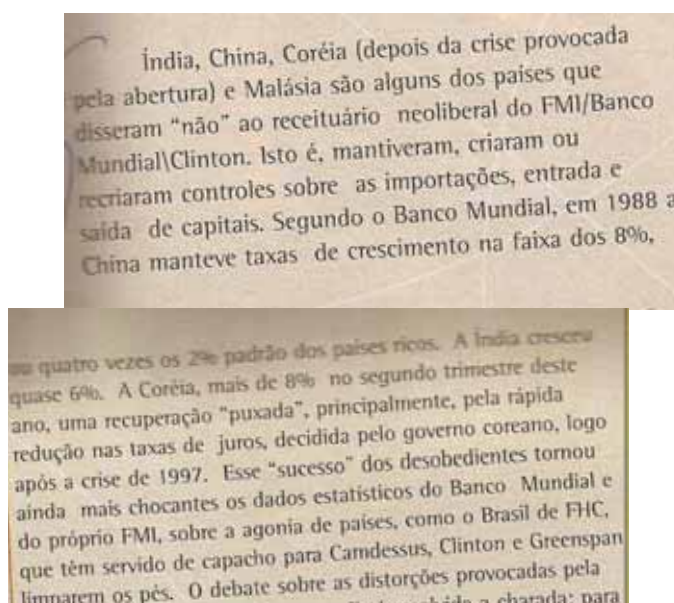
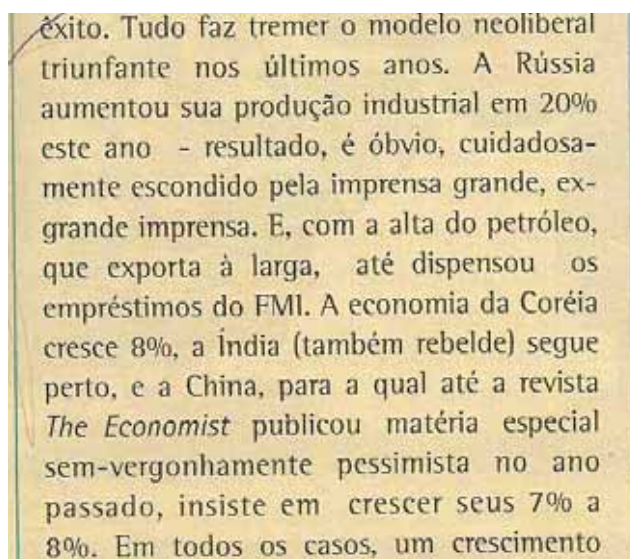


Figura 90. Edição 18, p. 21.

O trecho do artigo cita nomes como Camdessus, Clinton e Greenspan, nomes que representam respectivamente o Fundo Monetário Internacional (FMI), Estados Unidos e Banco Central dos Estados Unidos, principais atores da política neoliberal. A publicação poderia ter oferecido explicações aos leitores sobre a representatividade

desses nomes, mas apenas os mencionou e disse ser o Brasil *capacho* desses homens, pois continuou com a política neoliberal devendo ainda mais para o FMI e Banco Central, e ainda dependente da economia norte-americana. Este trecho resume um artigo de duas páginas que procura evidenciar as deficiências e consequências do modelo neoliberal aos países pobres, e falta de iniciativa do governo em não mudar a situação. O artigo de Biondi, apesar de não apresentar termos coloquiais, foi escrito sem tecnicismos, de forma que o leitor pudesse compreender o que estava sendo dito. O texto ainda apresenta uma tabela sobre o preço do Neoliberalismo, mostrando por meio de números pessoas que vivem com menos de um dólar por dia, constatando o aumento da pobreza nos países que adeririam ao neoliberalismo.

Outro artigo de Biondi a tratar da temática foi a edição número 25 (anexo 32). O texto de Aloysio mais uma vez discute a prosperidade de países que não atenderam a política neoliberal enquanto o Brasil só se arruinava:



êxito. Tudo faz tremer o modelo neoliberal triunfante nos últimos anos. A Rússia aumentou sua produção industrial em 20% este ano - resultado, é óbvio, cuidadosamente escondido pela imprensa grande, ex-grande imprensa. E, com a alta do petróleo, que exporta à larga, até dispensou os empréstimos do FMI. A economia da Coreia cresce 8%, a Índia (também rebelde) segue perto, e a China, para a qual até a revista *The Economist* publicou matéria especial sem-vergonhamente pessimista no ano passado, insiste em crescer seus 7% a 8%. Em todos os casos, um crescimento

Figura 91. Edição 25, p. 23.

O trecho selecionado cita a grande imprensa e menciona que ela está escondendo o crescimento dos países que estavam fora da política neoliberal. Menciona a revista norte-americana *The Economist*, dizendo que esta publicou que a China estava em decadência, quando na verdade só estava a crescer. E ainda complementa, abordando a situação de dependência financeira do Brasil com os países ricos, fato que estava ocasionando a ruína econômica brasileira.

O artigo ainda é acompanhado de uma ilustração que se refere, ao que tudo indica, ao presidente Clinton dos EUA, Camdessus, diretor do FMI e Greenspan,

presidente do Banco Central norte-americano, figuras essas citadas nas publicações anteriores. Os três sentam lado a lado enquanto FHC, triste na outra ponta da mesa, fica apenas com uma azeitona. A charge nos faz pensar sobre os verdadeiros beneficiários do neoliberalismo, enquanto FHC fica no canto sem ganhar nada. A imagem ainda mostra uma placa escrita *3ª via*, pensamento adotado pelo Brasil, em comum com os EUA, que visava a pouca participação do Estado na Economia, algo que favorecia a adoção do neoliberalismo.

O último artigo a tratar da temática foi a edição 46, (anexo 33), que aponta ser o neoliberalismo o imperialismo sob nova roupagem e, que agora, quem se deve temer não é mais os EUA e sim a Europa, divulgando seus saldos positivos devido as exportações.

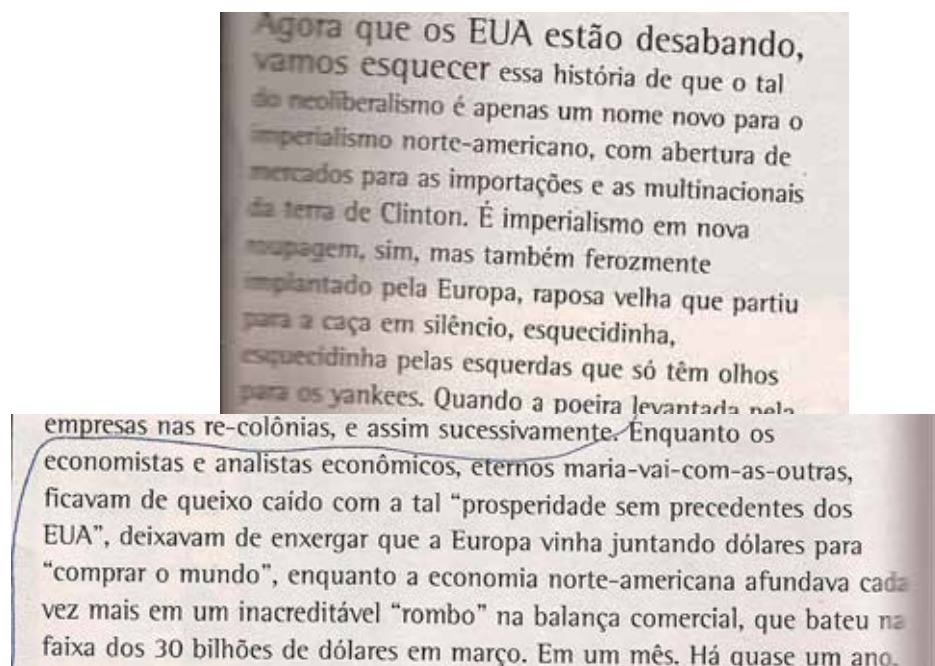


Figura 92. Edição 46, p. 23.

Biondi, então, procurou expor aos leitores as ações da Europa em enriquecer e assim ter o controle econômico dos países pobres, explicando com detalhes a “jogada” da Europa e, ainda faz menção ao período colonial, no qual o Brasil estava sob o domínio de Portugal, com o intuito de indicar que a Europa voltará a dominar, mas agora a colônia seria os EUA junto com os outros países que mantinham relações econômicas. No final, Biondi menciona que a Europa acabara com a ascensão econômica de Clinton e que o Brasil iria se tornar uma *Re-colônia* da Europa.

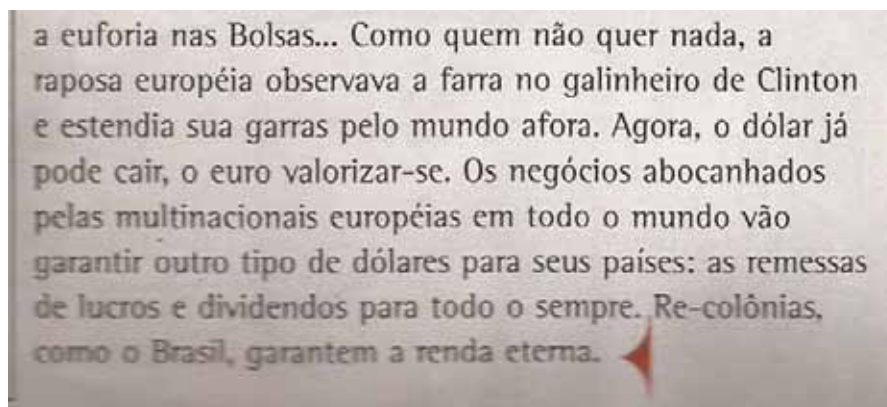


Figura 93. Edição 46, p. 25.

A frase acima é ilustrada por Lula com uma raposa e o esqueleto de uma galinha. Insinuando que a raposa matou a galinha, assim como dito na frase de Biondi: “A raposa europeia observava a farra no galinheiro de Clinton e estendia suas garras pelo mundo afora.” Ou seja, enquanto os EUA achavam que estavam no controle, a Europa se preparava para tomar o controle, e assim o fez.

Os três artigos de Biondi buscaram de maneira bem atrativa, com textos de fácil compreensão e ilustrações, evidenciar o que estava sendo o neoliberalismo para o Brasil e para o mundo, apontando os verdadeiros beneficiários. Usando de uma linguagem de fácil compreensão, juntamente com alguns termos coloquiais, discutiu a temática de maneira clara e, mais uma vez, buscou fazer um jornalismo diverso do que estava sendo feito pelos grandes meios impressos, como citado em algumas passagens das matérias analisadas.

## NEOLIBERALISMO

### Quadro 8

|                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>LINGUAGEM</b> | A linguagem nas 3 edições analisadas se mostrou simples e clara, com a presença de termos coloquiais como: hem, esquecidinha e maria-vai-com-as-outras. Sem uso de tecnicismos Biondi explicou o que foi o neoliberalismo e ainda apontou os problemas econômicos causados por tal política, de maneira muito clara e efetiva. |
|                  | Presente em todas as edições, de forma a ilustrar o que foi dito nos artigos, as charges tornaram o texto mais divertido, pois                                                                                                                                                                                                 |

|                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|-------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>IMAGEM</b>                       | satirizavam a ruim situação econômica vivida no país naquele período.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>ESPAÇO</b>                       | Presente nas colunas de Biondi e ocuparam de 1 a 2 páginas.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>FONTES</b>                       | Banco Mundial, PIB e The Economist.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE</b> | Nesta categoria, assim como as privatizações, o critério utilizado pelo semanário na seleção das notícias também foi o <i>Governo</i> . O interesse nacional quanto às medidas e ações da política neoliberal foi o que levou <i>Bundas</i> a abordar a temática. Além da <i>Proeminência</i> , expondo grandes nomes que representavam a economia nacional e mundial, e o poder que os grandes países exerciam sobre a economia brasileira. |

### 5.3.7 Análise interpretativa das categorias

Por meio da análise das categorias criadas, foi possível notar contribuições importantes para o debate político econômico, não apenas no período de circulação do semanário, final dos anos de 1990, como também na atualidade. Temas como: privatizações, desemprego, salário mínimo, neoliberalismo dentre outros citados nas análises das categorias continuam em pauta e além de identificar pontos centrais do debate político da época, permeiam discussões na atualidade.

Partindo de uma análise interpretativa da categoria *Fernando Henrique Cardoso (FHC)*, por exemplo, foi evidenciado o posicionamento do semanário frente à política econômica empreendida no segundo mandato do presidente. *Bundas*, desta forma, adotou um postura contra hegemônica, característica chave da imprensa alternativa, caminhando na contramão dos grandes veículos impressos do período, pois através da denúncia e crítica a política imposta pelo governo de FHC expressou a posição de grupos sociais e intelectuais que se opuseram a política e economia empreendida pelo PSDB. Mediante a este fato, *Bundas* se destaca no período por mostrar o lado da oposição, com o intuito de divulgar aos leitores que a política econômica adotada não era a ideal para o Brasil.

Já por meio da categoria *Desemprego*, o semanário buscou mostrar ao leitor que este era um problema constantemente vivido por boa parte da sociedade brasileira e principalmente por meio de cartuns apresentou a temática de forma sarcástica e bem humorada, sempre mencionando a grande imprensa e matérias divulgadas por esta, de forma apresentar novas interpretações do problema.

A categoria *Salário* se valeu principalmente do recurso gráfico para transmitir a informação para o leitor. Através das charges e cartuns satirizou a difícil situação dos trabalhadores que viviam apenas com um salário mínimo. O intuito das notas e ilustrações eram apresentar uma denúncia contra os salários impostos pelo governo, de forma a enfatizar que o *mínimo* não atendia as necessidades básicas da população. As matérias desta categoria se valeram principalmente das denúncias, ao mostrar que grande parte dos recursos não estava sendo utilizados para melhoria salarial.

A *Pobreza* também foi assunto no semanário, trazendo discussões sobre as desigualdades sociais. É válido lembrar que na atualidade as desigualdades sociais, em especial o problema da pobreza, são assuntos em pauta no atual governo Petista, uma vez que este sempre se apoia na defesa e assistência das classes menos favorecidas. Este fato ressalta que no Brasil ainda vivenciamos esta problemática, sendo assunto nos debates políticos e na imprensa atual.

O tema *Impostos* também foi objeto de análise no semanário e assim como nas outras categorias foi escrito com a forte presença de termos coloquiais. A principal característica encontrada nos textos que trataram dessa temática foi mostrar que os grandes beneficiários ainda são os grupos ligados a grandes empresas, que pouco ou nada pagam de impostos, enquanto boa parte da população destina uma enorme quantia de seus salários para o pagamento dos mesmos.

Os temas *Privatizações* e *Neoliberalismo* também são assuntos que permeiam muitas discussões na atualidade e foram alvo de muitas contestações no semanário. Sempre por meio de críticas *Bundas* buscou fazer suas discussões de forma a mostrar que o modelo político econômico adotado pelo Brasil no período não era o mais adequado, ocasionando as privatizações e grandes problemas econômicos para o país. Se valendo de denúncias e forte ataque ao governo FHC levou novos posicionamentos frente a essas questões, buscando trazer um olhar diferenciado do exposto pelos grandes meios impressos.

*Bundas* se enquadra nas definições da chamada imprensa alternativa em tempos democráticos e buscou atender aos leitores que almejavam por matérias com

diferentes olhares e outras interpretações das notícias produzidas pela imprensa-empresa. *Bundas*, então, se destaca por trazer assuntos que estavam constantemente em debate no período, buscando sempre uma análise crítica e de oposição, possibilitando ao leitor uma visão considerada de esquerda, que denunciava as medidas que eram impostas por quem estava no comando político. Por se tratar de um jornalismo opinativo caracterizado por colunas assinadas por personalidades conhecidas e notórias, o semanário possui um viés e estilo pessoais marcantes, intensamente engajados politicamente. Ou seja, não escrevem com distanciamento, deixando margem a outras interpretações, eles são fortemente argumentativos de certas interpretações ideológicas da realidade. Um grande apoio a esse tipo de jornalismo opinativo são as charges e os cartuns, que o acompanham e amplificam seu poder retórico. Desta forma, o recurso ilustrativo utilizado pelo semanário não significou apenas um complemento a informação transmitida, mas sim um elemento que veio para acompanhar o texto de forma a dialogar com estava sendo noticiado.

Como amplamente discutido, *Bundas* se valeu principalmente do humor para mostrar seu posicionamento frente à política e economia adotada no período. Diante deste fato, se apoiou em divulgar as matérias de forma bem coloquial, com termos populares e uma linguagem muitas vezes considerada grosseira. O intuito era atingir aquele público que não estava familiarizado com a linguagem expressada nos grandes veículos impressos e desta forma descontraíam a informação, levando o noticiário econômico de forma diferenciada.

O intuito das análises não foi para mostrar que somos a favor ou contra ao que foi noticiado pelo semanário, mas sim evidenciar a maneira com as matérias econômicas eram divulgadas e de que forma ela pode servir como inspiração para um jornalismo econômico praticado com mais clareza. E por trabalhar com temas, ainda foco de discussões na atualidade, *Bundas* pode ser visto como uma maneira atrativa e diferenciada de prática do debate sobre assuntos políticos e econômicos.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As análises feitas de todas as edições do semanário evidenciaram seu caráter contestador e humorístico, desenvolvendo uma forma de abordar a economia de maneira muito mais atraente e compreensível do que a grande imprensa. Através de recursos gráficos, por exemplo, as matérias textuais foram ilustradas colaborando para incentivar

a leitura do texto e descontraindo a informação. Houve falhas localizadas, como a falta de aprofundamento de alguns temas propostos e termos sem explicações. Porém, de forma geral, o periódico buscou atrair o público leitor ao assunto econômico, fazendo com que esse se sentisse participativo do processo político-econômico.

Com o primeiro capítulo da dissertação, que buscou tratar da imprensa alternativa no regime militar e anos 90, constatamos que foi possível o resgate da imprensa alternativa em período democrático no Brasil, uma vez que esses veículos se inspiraram na forma como esses periódicos praticavam jornalismo nos anos de 1970, pois usavam do principal recurso praticado por esses: humor e linguagem coloquial. Enquanto publicação alternativa, o semanário usou de todos os recursos disponíveis: charges, cartuns e linguagem coloquial, para construir seu posicionamento crítico em relação ao governo vigente. Nesse sentido, o semanário resgatou uma trajetória consolidada de unir a crítica com a possibilidade de ser um meio alternativo de comunicação.

Não nos cabe aqui, avaliar se *Bundas* buscava atacar, ou mesmo criticar a grande imprensa, pois vimos que ambas se apresentaram ao público de forma diversa, tanto no conteúdo como na forma de abordagem do assunto. O que julgamos interessante destacar, é que o periódico merece ser visto como uma forma alternativa de entender mais criticamente a transição neoliberal promovida nos anos noventa.

O segundo capítulo da dissertação trabalhou com a linguagem no jornalismo econômico, constatando que é uma linguagem extremamente complexa, impossibilitando, muitas vezes, o leitor de compreender e até mesmo de se interessar pelo assunto noticiado. A política e economia nos anos 90, em especial os problemas econômicos, foram amplamente trabalhados no semanário, e também fez parte deste capítulo. Nele discutimos que a economia no período estava em crise e atingia constantemente a população. O semanário *Bundas* buscou sempre trabalhar os problemas econômicos em suas páginas de forma bem coloquial, diante deste fato, *Bundas* contribuiu para o debate sobre a prática do jornalismo econômico no Brasil, ao mostrar que este tipo de noticiário pode ser algo ao alcance de todos os leitores, desde o engajado no universo econômico, até aquele que pouco ou nada entende de economia. Valendo-se de uma linguagem sem jargões econômicos, *Bundas* apresentou a economia nos anos 90 de forma a aproximar e atrair o leitor dos assuntos tratados. Através do uso de diversos termos coloquiais deixou de lado o “economês” e possibilitou a compreensão de temas muitas vezes considerados complexos no noticiário econômico.

Como amplamente discutido no início da dissertação, a informação econômica sempre se apresentou de forma complexa, desinteressando, muitas vezes, o leitor ao assunto exposto. De acordo com essa constatação, vimos no semanário, um exemplo de que a prática do jornalismo econômico pode ser feita de forma clara e sem tecnicismos. Por se tratar de um objeto histórico, pois circulou nos final dos anos 90 e permaneceu no mercado por pouco tempo, *Bundas*, hoje, pode ser visto como um meio de informação que colaborou para a prática do jornalismo econômico, ao transmitir, na maioria das vezes, de forma clara e compreensível os assuntos que envolviam a política-econômica do período.

O terceiro capítulo da dissertação se dedicou a discutir os recursos gráficos nos impressos, constatando que estes facilitam a colocação de temas complexos e atraem o leitor para o assunto noticiado. As notas e artigos em *Bundas* comprovam esta afirmação, pois através do humor empregado nas ilustrações, descontraíram a temática abordada além de muitas vezes tornar o texto mais compreensível, pois aliviaram o peso da publicação através do recurso humorístico empregado nas charges e cartuns. Desta forma, o espaço ocupado pelos humoristas, chargistas e caricaturistas, alguns com trabalhos significativos na imprensa alternativa dos anos 70, permitiu imprimir um ritmo de contestação no jornalismo, num momento em que a comunicação massiva se resumia hegemônica. Usando de recursos como a sátira, humor, deboche e sarcasmo, contribuiu para se ter um jornalismo alternativo, de transição e de inovação, livre da censura, mas que não conseguiu sobreviver aos princípios vigentes no país e que *Bundas* tanto criticava: o triunfo do capital em todas suas dimensões, inclusive empresarial.

O último capítulo buscou comprovar as colocações e afirmações feitas nos capítulos anteriores. Através de uma metodologia inspirada na Análise de Conteúdo de Bardin, dividimos as análises em categorias, buscando detectar os assuntos econômicos mais frequentes em *Bundas*. Das sete categorias selecionadas nota-se que o *desemprego* e as *privatizações* foram os temas mais debatidos no periódico, e evidenciaram ser dois dos maiores problemas enfrentados pela economia brasileira do período. Os temas foram trabalhados em sua grande maioria pelo jornalista econômico Aloysio Biondi, e com exceção de três matérias, das vinte e seis, todas vieram acompanhadas de ilustrações, de forma a ironizar e ilustrar o texto apresentado.

De maneira geral, os textos que abordaram as privatizações e desemprego, buscaram fazer uma denúncia da difícil situação econômica vivida pela população, com

o intuito de criticar como esses assuntos eram divulgados pela grande imprensa, já que esta, como mencionava o semanário, apresentava a temática com termos pouco compreensíveis, além de não tratar o assunto de forma a aproximá-lo da realidade da população, e muitas vezes não noticiando o fato em sua totalidade.

Os critérios de noticiabilidade utilizados em todas as categorias, ou seja, as formas de seleção das notícias se basearam no que era de interesse do grande público como: ações políticas, problemas sociais e denúncia de corrupção. Portanto, é possível constatar que *Bundas* tinha como propósito expor o que a população queria saber e desta maneira apresentou a informação econômica de forma com que o leitor se identificasse com estava sendo noticiado.

Portanto, compreende-se, através de um resgate histórico na perspectiva do jornalismo, retratando *Bundas* como um veículo de informação, que apesar de não circular mais, pode ser visto como uma possibilidade da prática de um jornalismo econômico mais efetivo e atrativo, com intuito de fazer com que os leitores se interessem e vejam a informação econômica como algo mais próximo de sua realidade. Através do uso de termos coloquiais, ilustração, e abordando a temática sob a perspectiva do humor, pode-se ter uma prática do jornalismo econômico muito mais próxima do interesse do leitor, possibilitando que haja uma maior participação da população nos temas que envolvam a economia do Brasil.

## 7 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABRAMO, Perseu. *Imprensa Alternativa: alcance e limites*. Revista Tempo e Presença, nº. 233, agosto de 1988. Boletim Periscópio Internacional.

AGOSTINHO, Aucione Torres. *A Charge*. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Comunicação e Artes da USP. São Paulo, 1993.

AMARAL, Luiz. *Técnica de jornal e periódico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

ANTUNES, Ricardo. *A desertificação neoliberal no Brasil (Collor, FHC e Lula)*. Campinas, Autores Associados, 2004

AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, Imprensa e Estado Autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência, o Estado de São Paulo e Movimento*. Bauru: EDUSC, 1999.

AZEVEDO, Carlos. *Jornalistas, rebeldes e irreverentes*. Disponível em: <http://www.outraspalavras.net/2011/09/20/jornalistas-rebeldes-e-irreverentes.2011>  
Acesso em: 02/03/2012.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BASILE, Sidnei. *Elementos do jornalismo econômico*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1987. Bienal Internacional de Humor, 1997. In: História, Ciência, Saúde. Junho 2001, vol. 8, nº 1.

BETING, Joelmir. *Na prática a teoria é outra. Os fatos e as versões da economia*. São Paulo: Impres, 1982.

BIONDI, Aloysio. *A linguagem na reportagem econômica*. Seminário de Técnica de Jornalismo, 1. Rio de Janeiro: ABI, 1974 (Coleção Comunicação Hoje), 1974.

BRAGA, José Luiz. *O Pasquim e os anos 70: mais pra epa que pra oba*. Brasília: Editora, 1991.

CALDAS, Suely. *Jornalismo Econômico*. São Paulo: Contexto, 2003.

CAPARELLI, Sérgio. *Comunicação de massa sem massa*. Porto Alegre: Summus, 1986.

CARUSO, C. “Entrevista”, in Aragão, O. *A Reconstrução Gráfica de um Candidato: Como os Chargistas Perceberam a Mudança de Imagem de Luis Inácio Lula da Silva*. Tese defendida no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais. UFRJ, 2007.

CARVALHO, Vanderlei Souza. *Imprensa e neoliberalismo no Brasil (1995-1998): o posicionamento da revista Veja no primeiro governo FHC*. Campinas: Unicamp, 2004. (Dissertação de mestrado).

CIRNE, Moacyr. *Quadrinhos, sedução e paixão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CORRÊA DO LAGO, Pedro. *Caricaturistas brasileiros: 1836/2001*. Rio de Janeiro.

CURRAN, James; SEATON, Jean. *Imprensa, rádio e televisão: poder sem responsabilidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

CHINEM, Rivaldo. *Imprensa alternativa: Jornalismo de oposição e inovação*. São Paulo: Ática, 1995.

DOWNING, John D. H. *Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: Senac, 2002.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte seqüencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ERBOLATO, Mario L. *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário*. 5ª. ed. São Paulo: Ática, 2008.

FERNANDES, Millôr. *Imprensa Alternativa & Literatura - os Anos de Resistência*. Centro de Imprensa Alternativa e Cultura Popular. Rio de Janeiro: RioArte, 1987.

FIORI, José. L. *Ajustes e milagres latino-americanos*. In: \_\_\_\_\_. *Os Moedeiros Falsos*: pp. 65-78. Petrópolis: Vozes, 1997.

FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

GARCIA, André de Oliveira. *Aspectos políticos, econômicos e ideologia da reforma econômica da década de 90 (1990-2000): uma revisão do processo desnacionalização*. Campinas: Unicamp, 2004. (Dissertação de mestrado). Disponível em: <http://www.dougstange.hpg.ig.com.br/neoliberalismo.htm> 2001. Acesso: 08/06/2010.

GUIMARÃES, M.M.M. *Crise, reestruturação produtiva e trabalho nas regiões metropolitanas brasileiras*. Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, vol. VI, nº 119 (62), 2002. [ISSN: 1138-9788] <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119-62.htm>.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papirus, 1996

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalismo econômico*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalismo Econômico*. São Paulo: Edusp, 1996.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. Edições de 1991 e 2003.

KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1998*. São Paulo: Boitempo, 2004.

LENE, Hérica. *O jornalismo de economia e a ditadura militar no Brasil: impulso e desenvolvimento*. Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 17, n 2, p. 3, 2010.

LIMA, H. *História da Caricatura no Brasil*, 3o volume. Rio de Janeiro, José Olympio, 1963.

MACEDO, Tarcizio. *Cultura, ditadura e imprensa alternativa*. Disponível em: [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed722\\_a\\_cultura\\_a\\_ditadura\\_e\\_a\\_imprensa\\_alternativa](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed722_a_cultura_a_ditadura_e_a_imprensa_alternativa) 27/11/2012. Acesso em: 10/12/2012.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação & Jornalismo - A Saga dos Cães Perdidos*. São Paulo, Hacker Editores, 2000.

MARCONDES FILHO, Ciro. *A saga dos cães perdidos*. Série Comunicação e Jornalismo. 2ª edição, São Paulo: Hacker Editores Jornalismo, 2002. fin-de-siècle. 1ª ed. São Paulo: Scritta, 1993.

MARCONI, Paolo. *A censura política na imprensa brasileira (1968-1978)*. São Paulo: Global editora, 1980.

MATTOSO, J. *Brasil desempregado*. São Paulo/ Diese: Fundação Abramo/Diese, 1999.

MORIN, V.Le *Dessin Humoristique*, in *L'Analyse des Images*. Revista communications, n 15, França, 1970.

PEREIRA FILHO, Francisco José Bicudo. *Caros Amigos e o resgate da imprensa alternativa no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2004.

PEREIRA, Fábio. *O Plano Real e o crescimento da dívida no Brasil*. São Paulo: FGV/EAESP (Dissertação de Mestrado), 2000.

PEREIRA, Wellington. *Crônica: arte do útil ou do fútil? João Pessoa: Idéia, 1994.*

PINTO, Lúcio Flávio. *Guerra Amazônica – O jornalismo na linha de tiro de grileiros, madeireiros, intelectuais, etc.* Edição independente com textos extraídos do Jornal Pessoal, 2005.

PLIHON, Dominique. *Desequilíbrios mundiais e instabilidade financeira: a responsabilidade das políticas liberais. Um ponto de vista keynesiano*. In: Chesnais, François. *A mundialização Financeira*. São Paulo: Xamã, 1998.

QUINTÃO, Aylê-Salassié Filgueiras. *O jornalismo econômico no Brasil depois de 1964*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

RABAÇA, Carlos A.; BARBOSA, Gustavo G. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

RIANI, C. *Linguagem & Cartum... Tá Rindo do Quê? Um Mergulho nos Salões de Humor de Piracicaba*. Piracicaba, Editora Unimep, 2002.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. *História do Jornalismo no Brasil*. Florianópolis: Insular, 2007.

ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia*. Maringá: Eduem, 2000.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANCHES, Inaiê. *Para entender a internacionalização da economia*. Editora: Senac, 1999.

SARCINELLI, José Antônio. *Jornalismo Econômico: A sedução do poder*. Disponível em: <http://www.hottopos.com/mirand3/econ.htm>. Acesso: 10/01/2012.

SILVA, Gustavo Ribeiro Leal. *Riso-Brasil*, 2003. Tese de doutoramento Unesp/Bauru.

SINGER, Paul. *Globalização e desemprego: diagnósticos e alternativas*. São Paulo: Contexto, 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Luciana Coutinho Pagliarini de. *Charge política: O poder e a fenda*. São Paulo: PUC, 1986. (Dissertação parcial para o título de mestre).

STANGE, Douglas. *Neoliberalismo: Que Bicho é Esse*, Unb, 1991.

TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2001.

XAVIER, Caco. *Aids é coisa séria – humor e saúde: análise dos cartuns inscritos na I Bienal Internacional de Humor*, 1997. Hist. cienc. Saúde, Junho 2001, vol.8, nº 1, ISSN 0104-5970.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação de massa*. São Paulo: Martins Fontes: 2003.